

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
MARINA BRANDÃO MENDES REGAZZI**

**CRUZANDO UMA SOLEIRA NO SERTÃO:
A HOSPITALIDADE MINEIRA EM VIDA OCIOSA, DE GODOFREDO RANGEL**

Juiz de Fora
2021

MARINA BRANDÃO MENDES REGAZZI

**CRUZANDO UMA SOLEIRA NO SERTÃO:
A HOSPITALIDADE MINEIRA EM VIDA OCIOSA, DE GODOFREDO RANGEL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientador: Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade

Juiz de Fora
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia/JF

B333

Regazzi, Marina Brandão Mendes,
“Cruzando uma soleira no sertão: a hospitalidade mineira em Vida Ociosa, de Godofredo Rangel / Marina Brandão Mendes Regazzi, orientador Dr. Altamir Celio de Andrade.- Juiz de Fora: 2021.

106 p.

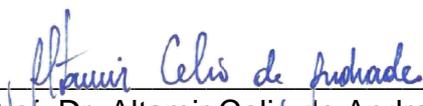
Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2021.

1. Godofredo Rangel. 2. Hospitalidade. 3. Soleira. 4. Comensalidade. 5. Vida Ociosa. I. Andrade, Altamir Celio de, orient. II. Título.

CDD: B869.1

REGAZZI, Marina Brandão Mendes.
Cruzando uma soleira no sertão: a hospitalidade mineira em **Vida Ociosa**, de Godofredo Rangel. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 2º semestre de 2021.

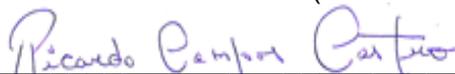
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade
Centro Universitário Academia (UniAcademia)



Profa. Dra. Juliana Gervason Defilippo
Centro Universitário Academia (UniAcademia)



Prof. Dr. Ricardo Campos Castro
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

Aprovado em 09/09/2021.

Dedico este trabalho aos meus pais, que me apoiaram nesta empreitada acadêmica, e a minha avó, Heloysa, por sempre ter acreditado em mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua proteção e força, em todos os momentos de minha vida;

Aos meus pais, pelo apoio em toda a minha caminhada e por sempre terem acreditado na minha capacidade intelectual.

À minha avó, Heloysa, por ter acreditado em mim e ter me encorajado a sempre ser uma pessoa melhor.

A todos os meus professores do Programa de Mestrado em Letras UniAcademia, por me mostrarem o caminho da educação.

Aos meus amigos, por me incentivarem nesta empreitada acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Altamir Celio de Andrade, por ter me apresentado Godofredo Rangel; e, ainda, pelo seu carinho, pela sua paciência, na correção e orientação deste trabalho.

A Godofredo Rangel, por sua brilhante escrita de **Vida ociosa**, que acabou por guiar esta Dissertação de Mestrado.

E à Banca examinadora desta dissertação, na pessoa da Profa. Dra. Juliana Gervason e do Prof. Dr. Ricardo Campos Castro, que dedicaram o seu tempo e a sua atenção à leitura minuciosa deste trabalho acadêmico.

Meu cortês, meu doutor, meu caro e bom Godofredo Rangel: agora que morreste, posso bem dizer que não te conheci menos que pouco te frequentei. E se me lastimo porque a vida não me permitiu privar de tua companhia, deixa estar que nós mineiros os de certo tipo de sensibilidade, em rigor não carecemos de presença física para a funda convivência (ANDRADE, 1984, p. 2).

RESUMO

REGAZZI, Marina Brandão Mendes. **Cruzando uma soleira no sertão**: a hospitalidade mineira em *Vida ociosa*. 105f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

Esta dissertação encontra-se inserida na linha de pesquisa **Literatura de Minas**: o regional e o universal, do Programa de Mestrado de Letras, do Centro Universitário Academia (UniAcademia). O objetivo maior é o estudo do romance **Vida ociosa** (1920), do autor mineiro Godofredo Rangel (1884-1951), nas interfaces com a vida e toda a obra rangelina. Insere-se, também, no estudo, como universo literário que cerca a obra, o Regionalismo do início dos anos 1920, centrado na exaltação da natureza, dos costumes e da vida pacata do homem do campo. A partir dessa realidade, este trabalho estuda, tanto os costumes, quanto a hospitalidade mineira, presentes no romance. Aborda, ainda, a questão da ambiguidade da figura do hóspede e o dualismo do próprio ato de receber, que pode ser positivo e/ou negativo, mediante o estudo de grandes temas presentes na Literatura Brasileira, como a casa, a região e o sertão. Permite, assim, um diálogo profícuo com as propostas desta pesquisa, no horizonte do movimento regionalista, em que se insere o romance de Godofredo Rangel. Nesse mesmo ato, está presente a comensalidade, lugar do acolhimento que caracteriza a hospitalidade e, particularmente, a mineira. O cruzar de fronteiras ou de ombreiras de portas, marcos de tendas e de casas, ou mesmo o deslocar-se do sujeito de sua atividade cotidiana, para ir além, são referenciais de mudanças maiores que ocorrerão na subjetividade dos seres humanos, de ontem e de hoje. São as portas abertas para receber e para mudar, e, mais, é uma verdadeira profusão de significados que, vistos de modo conjunto, conferem grandeza e sentido à vida e ao que a compõe. Para melhor entender e associar os conceitos de **hospitalidade** e **comensalidade** ao romance, são utilizados como aparato teórico os seguintes autores: Enéias Athanázio (1977), Eduardo Frieiro (1982), Denise Mallmann Vallerius (2010), Jacques Derrida (2003), Jean-Anthelme Birllat-Savarin (2010), Jean Jacques Boutaud (2011), Maria Almerinda do Nascimento Arruda (2011), e Marie-Claire Grassi (2011a, 2011b).

Palavras-chave: Godofredo Rangel. Hospitalidade. Soleira. Comensalidade. **Vida Ociosa**. Regionalismo.

ABSTRACT

REGAZZI, Marina Brandão Mendes. **Crossing a threshold in the sertão**: Minas Gerais hospitality in *Vida Ociosa*. 105f. Course Completion Paper (Master's Degree in Language and Literature). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

This dissertation is part of the research line **Minas Gerais Literature**: the regional and the universal of the Master's Degree Program in Language and Literature of Centro Universitário Academia (UniAcademia). The main objective is the study of the novel **Vida Ociosa** (1920), by the Minas Gerais author Godofredo Rangel (1884-1951), in the interfaces with life and all Rangel's work. The Regionalism of the early 1920s is also part of the study, as a literary universe that surrounds the work, centered on the exaltation of nature, customs and the quiet life of rural people. Based on this reality, this work studies both the customs and the hospitality from Minas Gerais, present in the novel. It also addresses the issue of the ambiguity of the guest figure and the dualism of the act of receiving itself, which can be positive and/or negative, through the study of major themes present in Brazilian literature, such as the house, the region and the sertão. Thus, it allows a fruitful dialogue with the proposals of this research in the horizon of the regionalist movement, in which the novel by Godofredo Rangel is inserted. In this same act, commensality is present, a place of welcome that characterizes hospitality and, particularly, that of Minas Gerais. The crossing borders or walking through doorways, tent and house markers, or even the displacement of the subject from his daily activity to go beyond, are references of greater changes that will occur in the subjectivity of human beings of yesterday and today. They are open doors to receive and change, and moreover, it is a veritable profusion of meanings that, seen as a whole, give greatness and meaning to life and its constituents. To better understand and associate the concepts of **hospitality** and **commensality** with the novel, the following authors are used as a theoretical apparatus: Enéias Athanázio (1977), Eduardo Frieiro (1982), Denise Mallmann Vallerius (2010), Jacques Derrida (2003). Jean-Anthelme Birllat-Savarin (2010), Jean Jacques Boutaud (2011), Maria Almerinda do Nascimento Arruda (2011), and Marie-Claire Grassi (2011a, 2011b).

Keywords: Godofredo Rangel. Hospitality. Threshold. Commensality. **Vida Ociosa**. Regionalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Imagem 1 – Dissertações sobre o escritor Godofredo Rangel, retiradas do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no primeiro semestre do ano de 2020.
Quadro 1 24.
- Imagem 2 – Artigos sobre o escritor Godofredo Rangel encontram-se presentes nos sites das revistas, no primeiro semestre do ano de 2020.
Quadro 2 25.
- Imagem 3 – Ensaaios presentes no **Suplemento Literário de Minas Gerais**, referentes ao escritor mineiro Godofredo Rangel.
Quadro 326-27.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O TEMPO DO SERTÃO E O TEMPO DA OBRA: REGIONALISMO E AUTORIAS	14
2.1 O SERTÃO SEM GODOFREDO	14
2.2 GODOFREDO E O SERTÃO.....	25
3 A SOLEIRA DA PORTA E A OCIOSIDADE DA VIDA: HOSPITALIDADES E COMENSALIDADES	38
3.1 VIDA OCIOSA: HOSPITALIDADES.....	38
3.2 A MESA DEPOIS DA SOLEIRA: O INTERIOR.....	59
4 A VISITA QUE CHEGA E O HÓSPEDE QUE SE VAI: UNIVERSALIDADES	78
4.1 OS CAMINHOS DO SERTÃO PARA DENTRO DO HÓSPEDE	78
4.2 OS CAMINHOS DO HÓSPEDE PARA FORA DA CASA	80
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

O **Movimento Regionalista** dos anos 20 encontra-se, dentre outros aspectos, centrado na exaltação da natureza e nos costumes do homem do campo, assim como na apologia à vida pacata das pessoas que habitam o sertão. Contudo, o Regionalismo que circundou o período da *Belle Époque*, encontrou-se atrelado à ideia da modernização dos grandes centros, e à dicotomia entre o homem rural e o seu contraponto, atrelado ao desenvolvimento urbano, como discorre Juliana Santini (2011). Para tanto, a fase deste movimento literário fundamentou-se na busca pelo pitoresco e no culto da natureza como refúgio da civilização urbanizada (MARCHEZAN, 2009).

Andreia Fátima Barbosa Araújo (2010) subdivide esse período da literatura brasileira em cinco fases principais, sendo que a primeira é datada de 1870 a 1880, do século XIX, e a maior produção literária desse período histórico foi o conto regionalista. A segunda fase ocorreu no final do século XIX, especificamente na década de 1890, sendo, assim, marcada, pelo fim do período Imperial e início da República brasileira (ARAÚJO, 2010).

A terceira fase ficou conhecida como a fase mais rígida desse movimento e, tendo como principais nomes, Simões Lopes Neto, Oliveira Paiva, Domingos Olímpio e Lindolfo Rocha (ARAÚJO, 2010). A quarta fase foi de uma narrativa mais literária, com uma linguagem mais objetiva e interpretativa (ARAÚJO, 2010). Por fim, Andreia Fátima Barbosa Araújo (2010) discorre sobre a quinta fase deste movimento literário, que fora permeada por denúncias e pela superação do pitoresco.

Esta dissertação busca estudar, tanto os costumes, quanto a hospitalidade mineira, presentes no romance **Vida ociosa** (1920), do escritor mineiro Godofredo Rangel (1884-1951). Em razão disso, optou-se por inserir esse trabalho na linha de pesquisa **Literatura de Minas: o regional e o universal**, do Programa de Mestrado de Letras do Centro Universitário Academia de Juiz de Fora.

Como orientação para esta pesquisa, busca-se, ao longo das seções, entender o horizonte mais amplo do Regionalismo, no que tange às suas particularidades, características e a seus aspectos. Assim, uma breve revista à

fortuna crítica a este respeito faz-se necessária. Depois, uma análise mais detida da obra investigará o dentro da casa, entendendo, com isso, elementos de cunho psicológico, no que tange à pessoa, a suas questões, seu gesto de receber e de se comportar, dentro e fora da casa. Transcende-se, assim, a pessoa e seu entorno, sobretudo, a partir das personagens que compõem o romance. Dessa forma, os conceitos de **hospitalidade** e **comensalidade** serão extremamente importantes. Finalmente, a ideia do hóspede que se vai pretende entender a pessoa no mundo, abrindo novamente aquele horizonte descortinado pela casa, no hóspede, e que ele, agora, leva para o mundo todo numa perspectiva de universalidade.

Os objetivos que norteiam essa dissertação são a análise da ambiguidade da figura do hóspede, o dualismo do ato de receber e o perigo da hospitalidade, que pode fazer com que ela se torne hostil, para todas as pessoas envolvidas nesse gesto de autorização do outro na morada do eu. Além disso, grandes temas da Literatura Brasileira encontram-se presentes neste trabalho, tais como a casa, a região e o sertão, e permitem um diálogo profícuo com as propostas deste trabalho dissertativo, no horizonte do Regionalismo brasileiro, em que se insere o romance estudado.

No mesmo ato, está presente, nessa abordagem, a comensalidade, como lugar de acolhimento à mesa, que se caracteriza como um lugar de acolhimento do ato hospitaleiro. O cruzar das soleiras das portas, marcos de tendas e de casas, ou mesmo o deslocar-se do sujeito, de sua atividade cotidiana, para ir além, são referenciais de mudanças maiores que ocorrerão na subjetividade dos seres humanos de ontem e de hoje. As portas abertas para receber e para mudar propiciam uma verdadeira profusão de significados que, vistos de modo conjunto, conferem grandeza e sentido à vida e ao que a compõe.

Com base nos conceitos de **Hospitalidade** a partir dos estudos de Jacques Derrida (2003) e **Comensalidade** presente em Eduardo Freire (1982) e Jean Jacques Boutaud (2011), e examinados pelo filósofo Jacques Derrida, emerge o problema central norteador desta dissertação de mestrado, que por sua vez, busca compreender as relações do **transpor a soleira** e a **mesa** presentes no romance **Vida ociosa**.

O gesto de autorização da entrada do eu no território do outro e quanto as trocas sociais entorno de uma refeição compõem, portanto, um duplo movimento: 1) o de receber alguém para ultrapassar a soleira e 2) pôr-se à mesa, receber em casa e comer com o hóspede. Aí reside muito do que é essencial à vida humana e em sua relação de alteridade, que se fundamenta, por sua vez, no compartilhamento do alimento entre o hospedeiro e o seu comensal.

A maioria dos estudos acadêmicos sobre Godofredo Rangel encontra-se enraizada nas inúmeras trocas de missivas desse escritor com o seu amigo Monteiro Lobato (1882-1948). Com isso, torna-se perceptível uma lacuna literária e histórica, no que concerne aos estudos acadêmicos, sobre a obra rangelina, presente no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Portanto, a hipótese deste trabalho encontra-se centrada na ideia de que é possível a dissociação do romance estudado das missivas trocadas entre esses dois escritores.

Eduardo Frieiro (1982), no livro **Feijão, angu e couve**, disserta sobre a natureza do mineiro, discorrendo, também, sobre a sua alimentação, desde o Brasil Colonial, perpassando pelo Brasil Imperial, até chegar aos meados da década de 1970. Com relação aos costumes desse povo, Frieiro (1982) escreve sobre a presença da mulher dentro do seio familiar, além de discorrer sobre a presença do hóspede dentro do território das Gerais.

A relevância deste trabalho acadêmico fica ainda mais enfática, quando se notam a escassez de estudos sobre as obras rangelinas, principalmente no que diz respeito ao romance **Vida ociosa**. Diante disso, esta dissertação trará um estudo sobre a biobibliografia de Godofredo Rangel, presente no livro de Enéas Athanázio (1977), com abordagem sobre a infância em Três Corações. Será trazido o período em que ele cursou Direito na Faculdade de São Paulo, e participou do grupo literário Intitulado **Cenáculo**, situação em que onde acabou por conhecer futuros escritores que, tal como ele, possuíam pretensões literárias. Serão apresentados, ainda, os diversos trabalhos como juiz de direito, escritor e tradutor, e a amizade de Rangel com o Monteiro Lobato. É importante, ainda, - e isso será feito - avaliar a lacuna existente no meio literário no que concerne ao estudo sobre a obra de Godofredo Rangel, com

base no Caderno Literário, **Suplemento Literário**, em artigos, teses e dissertações relacionados à obra Rangelina.

Na terceira seção, a linha mestra de pensamento irá se basear no estudo dos conceitos de **Hospitalidade** e **Comensalidade**. Ali, serão abordados os conceitos do Movimento Literário denominado **Regionalismo**, presente em **Vida ociosa**, no qual serão analisados os costumes do povo mineiro presentes na obra. Também se fará uma análise das personagens do romance, com base, por sua vez, no significado de seus nomes, interligando-as às descrições dessas no romance estudado e, por fim, iremos estudar a ironia presente no já citado romance do mineiro Godofredo Rangel.

A linha de pensamento que conduziu a quarta seção deste trabalho dissertativo baseou-se na análise das personagens que caminham pelo sertão. Dessa forma, será abordada a interação social delas para com o seu anfitrião, verificando o que se alterou na casa que acolheu, a partir da penetração do hóspede nesse novo território. Para tanto, haverá um aprofundamento teórico nesses dois conceitos já mencionados anteriormente, que se encontram presentes em uma obra literária, tal como ocorre no romance **Vida ociosa**. É, com o intuito principal de trabalhar esses dois conceitos no âmbito universal, que serão mostradas algumas de suas alterações ao longo do tempo.

Ficam, portanto, compreendidos os aspectos sobre os quais este trabalho irá se debruçar, descortinando o universo do escritor Godofredo Rangel, no recorte do movimento regionalista, dos anos 20, cujas características, elencadas aqui, oferecem possibilidades de análise ao texto literário do autor, como se expôs.

2 O TEMPO DO SERTÃO E O TEMPO DA OBRA: REGIONALISMO E AUTORIAS

Esta seção debruça-se sobre o estudo biobibliográfico do escritor Godofredo Rangel (1884-1951), natural da cidade mineira de Três Corações, tendo como base o principal biógrafo autor, o intelectual Enéas Athanázio e o seu livro intitulado **Godofredo Rangel** (1977).

Nesta seção será possível conhecer a fortuna crítica composta por trabalhos de intelectuais que se debruçaram no estudo tanto das obras, quanto da vida de Rangel, sem deixar de mencionar as pesquisas que se dedicaram na análise epistolar das cartas trocadas entre Rangel e Monteiro Lobato. Também se falará sobre os ensaios publicados por intelectuais de meados das décadas de setenta e oitenta, descritos no caderno **Suplemento Literário**.

Assim, trazem-se à tona as teses e dissertações dos pesquisadores: Darcy Piva Dessimoni (2005); Liliane Krauss (2007); Danyelle Marques Freire da Silva (2013); Camila Russo de Almeida Spagnoli (2014) e Eloisa Alves Nogueira (2017) e os artigos que buscam desvincular as suas obras das cartas trocadas entre Rangel e Lobato, tais como: Luciana Murari (2011); Ana Cláudia da Silva (2012 e 2014); Altamir Celio de Andrade (2017) e Fernando Baião Viotti (2017).

2.1 O SERTÃO SEM GODOFREDO

Antes de propor qualquer entrada na vida e na obra de Godofredo Rangel, cumpre esclarecer alguns pontos sobre o que esta pesquisa entende como Regionalismo e o lugar desta reflexão para as linhas que se seguem, trazendo os pensamentos de autores que possam colaborar com o exame.

Este período literário é, por muitos críticos, considerado um movimento datado, como discorre Denise Mallmann Vallerius (2010), em seu artigo **Regionalismo e crítica**: uma relação conturbada,

[...] para muitos críticos filiados a essa corrente, o regionalismo constituir-se-ia em um fenômeno que abarcaria do final do século XIX até a segunda década do século XX, ou seja, teria nascido sob o signo do sertanismo romântico para, depois, expressar-se nos moldes do realismo e do naturalismo (VALLERIUS, 2010, p. 64).

Seguindo essa linha de pensamento, Juliana Santini (2011), em seu trabalho denominado **A afirmação da literatura brasileira e o Regionalismo**, discorre sobre a ideia de que a sua primeira fase foi atrelada à modernização do país que emergiu com a *Belle Époque*¹ (1871-1914).

[...] a ficção regionalista mostra-se como um “movimento compensatório” diante do novo, como se o processo de modernização do país se opusesse a uma literatura que tenta buscar na figura tradicional do homem interiorano o representante de feições perdidas com o progresso e, principalmente, os traços marginalizados de um homem que se mostra como um contraponto do desenvolvimento (SANTINI, 2011, p. 76).

Levando-se em conta a oposição que se estabelece entre o homem do interior, que habita o sertão brasileiro, e o metropolitano, que vivia nos grandes centros urbanos, o início deste período literário, apareceu associado [...] “ao princípio do romance brasileiro e, situado [...] no interior do Romantismo, aos limites da ideologia das independências, que passou a tornar a literatura instrumento de construção do nacional” (SANTINI, 2011, p. 71). Tal afirmação está em consonância com o que dissertou Luiz Gonzaga Marchezan (2009), na introdução do livro **O conto regionalista**,

[...] as narrativas regionalistas ficam presas às descrições de estados, que contrastam, de forma eloquente, grandes valores humanos diante de grandes valores naturais, buscando, dessa maneira, fixar a atenção do ouvinte para a exuberância do lugar (MARCHEZAN, 2009, p. XVI).

Denise Mallmann Vallerius (2010) discorre em seu artigo denominado **Regionalismo e crítica: uma relação conturbada**, sobre o Regionalismo brasileiro de antes da década de 1930, do século XX, que, segundo ela, configurou-se pela:

[...] busca pelo pitoresco e culto a natureza – corroboram muitas das escolhas realizadas pelos integrantes do regionalismo. O escapismo ao culto da natureza como um lugar de refúgio, que ainda não fora atingido pelos problemas da civilização (VALLERIUS, 2010, p. 68).

¹ A *Belle Époque* (1871-1914) teve o seu início com o fim da guerra Franco-Prussiana (1870-1871), onde houve a unificação da Alemanha e o seu término se deu com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Este período histórico foi marcado pela urbanização dos grandes centros populacionais e pela busca de novos desenvolvimentos técnico científicos.

Mediante a contemplação da natureza e da calma, que só ela pode proporcionar aos homens da cidade, é que se traz um pequeno trecho do romance **Vida ociosa**, que contempla essa característica na obra em análise,

[...] com a influência do meio, na paz bucólica da natureza, a lembrança de velhos fazendeiros semi-abandonados, onde as horas passam arrastadamente, apenas escondido e o seu espesso silêncio pelo baque das portas lá fora e pelo fanho bater de horas do velho relógio, alto como um armário, empertigado a um canto do imenso salão de jantar (RANGEL, 2000, p. 3).

A primeira fase deste movimento de acordo com Adriana de Fátima Barbosa Araújo (2006), em seu artigo **O Regionalismo como outro**, ocorreu durante os anos de 1870 a 1880, do século XIX, tendo como maior produção literária o conto regionalista e ficando marcada pelo regionalismo “exótico, pitoresco” (ARAÚJO, 2006, p. 115).

A segunda fase desse movimento, segundo Araújo (2006), teve o seu início na última década do século XIX, como o fim do Império brasileiro e a escravidão e, como o início do processo republicano no país.

A terceira fase foi marcada pelo surgimento dos autores “Simões Lopes Neto, Oliveira Paiva, Domingos Olímpio e Lindolfo Rocha [...] um regionalismo menos rígido e permeável a concepções mais gerais do homem” (ARAÚJO, 2006, p. 116).

A quarta fase do regionalismo trouxe a este período “[...] narrativas mais literárias com uma linguagem menos objetiva e mais interpretativa” (Araújo, 2006, p. 116). Já a sua última fase, como discorreu Araújo (2006), desassociou-se do descritivismo do local, em que a narrativa se sucedia, para relatar a superação do ambiente pitoresco.

Com o final da década de 1930, do século XX, o Movimento Regionalista, como discorre Denise Mallmann Vallerius (2010),

[...] já não mais se procura atender à curiosidade despertada pelo exótico, mas sim desmistificar o que havia por trás do encanto surtido pelo pitoresco. Assim, a produção literária de temática regional passa a desvelar a realidade dos solos pobres, da miséria e da incultura das populações rurais, expressando visão pessimista quanto ao presente e problemática para o futuro (VALLERIUS, 2010, p. 67).

É no decorrer do Regionalismo brasileiro que emerge, no cenário literário do país, o escritor mineiro José Godofredo de Moura Rangel (1884-1951), ou como era conhecido pela crítica literária de seu tempo, Godofredo Rangel, que nasceu na cidade de Três Corações, em 21 de novembro de 1884.

O principal biógrafo de Rangel, o catarinense Enéas Athanázio, em seu livro **Godofredo Rangel**, publicado em 1977, elucida que o escritor analisado por essa dissertação era filho de pais humildes, do cacheiro-viajante José Sílvio de Moura Rangel e da senhora Carla Augusta Gorgulho Rangel (ATHANÁZIO, 1977).

Athanázio (1977) esclarece que, apesar de o pai de Rangel ser de origem humilde, ele falava duas línguas estrangeiras: o inglês e o francês, além de assinar inúmeras revistas nesses idiomas. Foi graças ao amor do pai pelas letras, que se fomentou, no menino Godofredo, um proeminente escritor mineiro, como elucida Constância Lima Duarte (2010), em seu livro intitulado **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros:**

Foi um dos mais respeitados escritores mineiros de seu tempo. Desde 12 anos, fazia pequenos jornais manuscritos, onde eram encontradas notícias, páginas literárias e até peças teatrais, das quais muitas vezes participava (DUARTE, 2010, p. 173).

Com a morte de seu pai, Rangel acabou por ir morar na capital do estado de São Paulo, com uma de suas irmãs mais velhas: “[...] era mocinho, mineiro, agora afastado da mãe, dos irmãos e dos amigos, solitário e silencioso, a enfrentar a vida da metrópole, tão diversas de sua cidadezinha” (ATHANÁZIO, 1977, p. 16).

Longe de sua família e de seus amigos e morando em uma nova cidade, Godofredo só contava com o apoio de sua irmã. E é nessa cidade, em 1902, que o futuro escritor inicia seus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo (DUARTE, 2010). Antes, um menino solitário, Rangel torna-se um jovem adulto cercado de amigos, que, tal como ele, possuíam pretensões literárias:

[...] participou ativamente do Cenáculo, nome dado por um grupo de jovens com pretensões literárias [...]. Esse grupo escrevia para inúmeras revistas e jornais e ainda editava periódicos de pequenas circulações com assuntos de interesse geral. Foi precisamente, nesses jornais de pequena circulação, como o “Mirante”, que

Godofredo Rangel publicou muitos contos e crônicas de sua autoria (DUARTE, 2010, p. 173, grifo do autor).

Na Faculdade de Direito e no Cenáculo Rangel veio a conhecer o futuro escritor Monteiro Lobato² (1882-1948), com quem nutriu um forte laço de amizade. Foi em virtude dessa grande amizade que a obra rangelina encontra-se, até os dias atuais, **às margens** dos mais de quarenta e cinco anos de correspondências trocadas entre esses dois escritores, “[...] reina sobre ele um triste silêncio, sua obra cai no esquecimento, não é vista nas livrarias e não se fala no lançamento de novas edições” (ATHANÁZIO, 1977, p. 11).

Somente ao entrar para o Cenáculo que Rangel conheceu o futuro poeta Ricardo Mendes Gonçalves³ e o jurista e escritor José Antônio Nogueira⁴ (ATHANÁZIO, 1983). Foi a partir da influência desse grupo de amigos que o escritor de **Vida ociosa** iniciou sua empreitada literária.

Como elucida Athanázio, “[...] uma nova fase teve início na vida do escritor. A boemia literária e a liberdade da Capital sucediam-se à vidinha rotineira e monótona do lugarejo interiorano” (ATHANÁZIO, 1984, p. 3); em 1904, devido a problemas financeiros que atingiram Godofredo em sua juventude e o acompanharam por todo o resto de sua trajetória, o iminente escritor passou a dividir a sua vida entre a escrita de seus livros e a licenciatura.

Apesar de formado como Bacharel em Direito, Rangel nunca deixou de lecionar e, na verdade, essa outra profissão era um complemento, para ajudá-lo a sustentar sua família (DUARTE, 2010).

Como elucida Athanázio (1977), Rangel dedicou-se ao trabalho árduo como juiz de direito sem, contudo, afastar-se das letras, pois, mesmo como

² José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948) foi um escritor paulistano, natural da cidade de Taubaté. Ficou mais conhecido pela crítica literária de seu tempo como Monteiro Lobato. Foi um contista, ensaísta, editor, promotor público escritor e crítico literário. Contudo ficou eternizado pela literatura brasileira, com a série de livros infantis Sítio do Pica-Pau Amarelo, na qual Lobato eternizou o folclore nacional (GLOBO.COM, [S/D]).

³ Ricardo Mendes Gonçalves (1883-1916) nasceu na Capital do estado de São Paulo, formou-se na Faculdade de Direito de São Pulo, no ano de 1912, mas não exerceu a profissão. Foi nessa faculdade que Ricardo conheceu, o escritor Monteiro Lobato. Anos depois veio a lume o único livro deste escritor paulistano, intitulado de **Ipês**, e publicado postumamente no ano de 1921 (CULTURAL, 2017).

⁴ José Antônio Nogueira (1883-1947) nasceu na cidade mineira de Silvestre Ferraz, atual Carmo de Minas, foi membro da maior alta corte do Distrito Federal e da Justiça Eleitoral. Era um jurista, sociólogo, filósofo e romancista, amigo de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, entre outros escritores (PENA, 1947).

juiz, Godofredo realizou inúmeras traduções “[...] mergulha no Túnel da tradução de onde os escritores saem fatigados e sem rosto” (ATHANÁZIO, 1984, p.2). Escreveu para jornais e revistas, tais como: o jornal **O Estado de São Paulo**, **O País**, **O Estadinho**⁵ e a **Revista do Brasil**, entre outros, que contam em suas edições com textos assinados por este escritor (ATHANÁZIO, 1984).

Além de escrever para jornais e revistas, Rangel também dedicou suas palavras na produção de três romances: **Os bem casados** (1955), **Vida ociosa** (1920) e **Falange gloriosa** (1955), os dois últimos publicados, em primeiro momento, no matinal **O Estadinho**, no ano de 1917. Tanto o romance **Falange gloriosa**, quanto, **Os bem casados** (1955), só foram editados e publicados como livros, postumamente, pela família do escritor.

As outras obras publicadas por Rangel são os livros de contos **Andorinhas** (1922) e **Os humildes** (1944). Godofredo também escreveu a novela **A filha** (1929) e dois livros infantis: **Um passeio a casa de Papai Noel** e **Histórias do tempo do onça**, ambos publicados no ano de 1943 (ATHANÁZIO, 1983).

Diferentemente de Monteiro Lobato, que conseguiu fama nacional, “[...]o mineiro vegeto em incríveis ‘itaocas’, distantes da vida e civilização. Um verdadeiro escritor, morreu esquecido, cercado de um punhado de amigos fiéis” (ATHANÁZIO, 1984, p.6).

Godofredo Rangel “era arredio a qualquer forma de promoção, e que tanto dificultaram a divulgação de sua obra” (ATHANÁZIO, 1988, p. 4) e acabou por não se projetar no âmbito literário. A amizade de mais de quarenta anos, entre esses dois escritores, fez com que a obra rangelina fica-se à sombra dos escritos de Monteiro Lobato. Situação esta, que como afirma Enéas Athanázio, “[...] constitui grave injustiça, mas é causa de evidente prejuízo para as nossas letras” (ATHANÁZIO, 1984, p.2).

Foi somente no centenário de vida de Godofredo Rangel que o **Suplemento Literário**⁶ dedicou duas edições comemorativas para

⁵ O jornal **O Estadinho**, que circulava, nas manhãs da cidade de São Paulo, era uma versão vespertina do jornal **O Estado de São Paulo** (ATHANÁZIO, 1984).

⁶ A edição comemorativa ao centenário de nascimento do escritor mineiro Godofredo Rangel, natural da cidade mineira de Três Corações, foi organizada pelo professor, artista plástico e

homenagear esse escritor, outrora esquecido pela academia, as quais contaram com ensaios, sobre a vida e a obra rangelina, produzidos por intelectuais da época (SILVA, 2014).

No ensaio escrito por Enéas Athanázio, **O amigo epistolar** (1983), o autor discorre sobre as cartas trocadas entre Rangel e Lobato, presentes no livro **A Barca de Gleyre**. Já no trabalho intitulado **Falange Gloriosa** (1984), também sob a autoria de Athanázio, o intelectual traz uma análise sobre o livro **Falange Gloriosa**. Além disso, menciona o fato de que este livro, apesar de ter sido publicado apenas postumamente, teve seus capítulos difundidos ao público em formato de folhetim, pelo vespertino **O Estadinho**, no ano de 1917 (ATHANÁZIO, 1984).

Athanázio também escreveu o ensaio **Godofredo Rangel** (1984), publicado nesse caderno literário, no qual discorre sobre a importância que os amigos do Cenáculo, tais como Monteiro Lobato, tiveram, em sua trajetória literária, ao incentivar Rangel a publicar seus escritos.

No ano de 1988, Athanázio publicou outro estudo, também pelo **Suplemento Literário**, que recebeu o nome de **Godofredo Rangel: o papel do escritor**, no qual o autor alude sobre a vida e a obra desse escritor mineiro. E, por último, no ano de 1989, Enéas Athanázio escreveu um último artigo para esse jornal literário, que foi denominado **Godofredo Rangel, missivista. Durante 40 anos, o escritor mineiro trocou cartas com Monteiro Lobato** e, nesse trabalho, Athanázio disserta sobre a timidez de Rangel, o que acabou por ocasionar as raríssimas edições de sua obra.

Outro artigo publicado no **Suplemento Literário**, na comemoração do centenário de nascimento de Godofredo Rangel, foi o de autoria do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, também intitulado **Godofredo Rangel** (1984). Nesse texto Drummond enaltece a humildade do caráter de Rangel, além de afirmar que lamenta o pouco conhecimento que possui sobre a obra rangelina (ANDRADE, 1984).

Os intelectuais Alphonsus de Guimarães Filho e Rodrigo M. F. de Andrade retrataram as suas opiniões sobre o livro **Vida ociosa**, escrito na coluna nomeada de **Godofredo Rangel: a opinião dos 'novos'**, publicada no

ano de 1984, nesse suplemento. Na mesma edição deste caderno literário, veio a lume o artigo de J. Guimarães Menegale, chamado **Um romancista mineiro**, no qual o intelectual discorre sobre a escrita de Rangel e o valor de sua obra para a cultura e a tradição do povo mineiro, devido ao fato de seus escritos serem um retrato vivo desse povo (MENECALE, 1984).

O intelectual Luiz Paulo Freitas, em seu ensaio que recebeu o nome “**Um grande romancista**”, publicado no ano de 1980, no **Suplemento Literário**, ressalta o valor para a Literatura Brasileira do estudo realizado por Enéas Athanázio, sobre Godofredo Rangel, que traz à tona esse escritor, outrora esquecido pela crítica literária.

Já a apresentação escrita por Márcio Sampaio, publicada neste caderno literário em 1984 e denominada **Godofredo Rangel centenário**, na comemoração dos cem anos de Rangel, elucida a relevância da obra rangelina para a literatura do Brasil.

Na contramão desses intelectuais, o **Suplemento Literário** publicou a matéria escrita por Guido Bilharinho, nomeada **Vida ociosa**, romance do cotidiano, que veio a lume em 1979, na qual o estudioso escreveu uma crítica depreciativa sobre essa obra rangelina: “Vida ociosa (1920), por exemplo, é um romance simples, direto, sem aprofundamento na psicologia das personagens” (BRILHARINHO, 1979, p.9).

Atualmente, estão vindo à luz muitos estudos referentes às cartas trocadas entre Godofredo Rangel e Monteiro Lobato e raros estudos sobre o que concerne à obra rangelina. São eles o artigo de Fernando Baião Viotti, publicado em 2017, na revista eletrônica **Recorte**, nomeado **Um romance na encruzilhada: a Vida ociosa, de Godofredo Rangel**, no qual o autor discorre sobre o prefácio escrito por Antônio Candido, publicado no livro **Falange gloriosa** (1955). Além disso, discorre, também, sobre o ensaio escrito por Drummond, em homenagem ao centenário de Rangel, e publicado em 1984, no **Suplemento Literário**.

Esta mesma revista, também publicou, em 2017, o artigo de Altamir Celio de Andrade, **As mulheres de Godofredo Rangel**, no qual o autor faz uma análise de quatro contos escritos por Rangel e presentes na obra **Os humildes** (1944). Nesse estudo, o autor analisa o tema da infância, da morte e o conceito de hospitalidade presentes nos contos rangelinos.

A intelectual Ana Cláudia da Silva, em seu artigo publicado em 2012, **Godofredo Rangel e Autran Dourado**: o artista e o aprendiz, inscrito na revista **Línguas & Letras**, discorre sobre a amizade desses dois escritores. Além de falar sobre o livro **A barca de Gleyre**, também menciona as obras escritas por Rangel.

A revista **Varia História** publicou, em 2011 o trabalho de Luciana Murari **As artes da ficção**: Oliveira Vianna e a imaginação literária regionalista de Godofredo Rangel e Afonso Arinos, no qual a autora elucida sobre o Regionalismo. Além de analisar o romance **Vida ociosa**, publicado por Rangel, a autora, também, discorre sobre o escritor mineiro Afonso Arinos.

Ana Cláudia da Silva publicou, em 2014, outro estudo, só que agora na **Revista Memento**, intitulado **A caligrafia do anjo**: fortuna crítica de Godofredo Rangel, no qual a autora discorre sobre os trabalhos publicados referentes à obra rangelina e que se encontram presentes no **Suplemento Literário**, além de mencionar o livro de Enéas Athanázio (1977).

Há uma enorme carência nos estudos sobre a obra rangelina, no que concerne à desvinculação da obra de Godofredo Rangel das missivas trocadas com Monteiro Lobato, presentes em teses e dissertações, que se encontram no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Darcy Piva Dessimoni defendeu, em 2005, pelo programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), a dissertação **No balanço da Barca de Gleyre**, vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel, na qual a pesquisadora analisa a obra rangelina, a partir das cartas trocadas entre Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, presentes no livro **A barca de Gleyre**. Dessimoni analisa, ainda, algumas correspondências inéditas escritas por Rangel e destinadas a Lobato. Somente na terceira seção, da referida dissertação, intitulada **Descendência**, é que a autora discorre sobre a obra e a vida de Godofredo Rangel. Já na quarta seção, **O Mirante e Godofredo Rangel – Té Muezins!**, a pesquisadora inicia elucidando sobre a importância que o grupo do Cenáculo teve na vida literária de Rangel, além de discorrer sobre sua amizade com Lobato. Por fim, na sétima seção que recebeu o nome de **Obras Publicadas**, Darcy Piva Dessimoni analisa as obras

publicadas por Rangel, vinculando-as às cartas presentes no livro **A barca de Gleyre**.

Outra dissertação, também desenvolvida no programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR) e defendida, em 2013, por Danyelle Marques Freire da Silva, é intitulada **A constituição do espaço em Vida Ociosa, de Godofredo Rangel**. Na segunda seção, que recebeu o título de **Vida ociosa**, a pesquisadora faz uma análise psicológica das personagens principais do romance. Já na terceira seção, denominada **Teoria do espaço narrativo**, Danyelle faz um estudo sobre o espaço presente no romance **Vida ociosa**, partindo da análise da própria obra com as missivas escritas por Monteiro Lobato e enviadas a Rangel.

Liliane Krauss defendeu, em 2007, pelo programa de Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), a dissertação denominada de **A Barca de Gleyre: estilo e criação literária nas cartas de Lobato a Rangel**. A autora discorre sobre a influência das inúmeras cartas trocadas entre esses dois escritores, no que concerne às correspondências ativas escritas por Lobato e enviadas a Rangel.

Eloisa Alves Nogueira defendeu, em 2017, pelo Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF, hoje, UniAcademia), a dissertação **O eu e o outro: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel**, na qual realiza uma análise sobre os contos **Pai contra mãe**, de Machado de Assis e **O Legado**, escrito por Godofredo Rangel, a partir do estudo da ética da alteridade e do estudo da identidade. A pesquisadora, também, faz um estudo bibliográfico desses dois escritores, presente na terceira seção dessa dissertação e que foi intitulada **Laços fortes em frágeis amarras: uma literatura de dois contos**.

E, por fim, encontramos a dissertação defendida em 2014, pela pesquisadora Camila Russo de Almeida Spagnoli e denominada **Monteiro Lobato, o leitor**, sendo apresentada ao programa de Pós-Graduação Culturas e Identidades Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP). Spagnoli analisa as missivas trocadas entre Monteiro Lobato e seus amigos escritores, principalmente o também escritor Godofredo Rangel, presentes no livro **A barca de Gleyre**.

No que concerne às dissertações referentes aos estudos sobre Godofredo Rangel, a maioria delas propõe a análise sobre a obra, a partir do estudo da Crítica Genética⁷ sobre as cartas vertidas entre Godofredo e Monteiro Lobato, presentes no livro **A barca de Gleyre**. A exceção se faz no trabalho escrito por Eloisa Alves Nogueira, que realizou um estudo comparativo entre os contos de Godofredo Rangel e o de Machado de Assis, no que tange ao estudo da identidade e da ética da alteridade. Apesar de a dissertação de Danyelle Freire da Silva se propor a analisar a obra rangelina **Vida ociosa**, a pesquisadora não consegue desassociar seus estudos das correspondências mencionadas, trocadas por Rangel e Lobato.

Nota-se que a maioria das dissertações presentes no Banco de Teses e Dissertações da CAPES traz uma gama de estudos sobre Rangel, no que concerne à análise da Crítica Genética, ficando, assim, carentes os estudos da obra do autor de maneira a desvinculá-la da troca de cartas com Monteiro Lobato.

Na tentativa de sistematizar este estudo, traremos à luz dois quadros de nossa autoria, que listam as principais Dissertações (Quadro 1) e artigos (Quadro 2), referentes à obra de Godofredo Rangel, quanto às missivas trocadas por ele e seu amigo epistolar Monteiro Lobato.

QUADRO 1 – Dissertações sobre o escritor Godofredo Rangel⁸

Autor	Ano da defesa	Título
Dracy Piva Dessimoni	2005	No balanço da barca de Gleyre , vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel
Liliane Krauss	2007	A barca de Gleyre : estilo e crítica literária nas cartas de Lobato a Rangel
Danyelle Marques Freire da Silva	2013	A construção do espaço em Vida ociosa , de Godofredo Rangel
Camila Russo de Almeida Spagnoli	2014	Monteiro Lobato , o leitor
Eloisa Alves Nogueira	2017	O eu e o outro : o legado de dois pais contados por Machado de Assis e Godofredo Rangel

FONTE: O AUTOR

⁷ O objetivo de estudo da crítica genética é o de compreender o processo criativo por traz de um texto literário, a partir da análise de documentos escritos pelo autor durante a produção de sua obra (FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; VIEIRA, Karine Moura, 2010).

⁸ Dados retirados do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, no primeiro semestre do ano de 2020.

Mediante a observação desse quadro, que conta com as dissertações apresentadas até o primeiro semestre do ano de 2020, sobre a obra rangelina e o autor Godofredo Rangel, pode-se verificar que todas se concentram na análise da Crítica Genética, referentes aos estudos das correspondências trocadas por Rangel e Lobato, presentes no livro **A Barca de Gleyre**.

Esses trabalhos acadêmicos foram produzidos no período de 2005 a 2017, sendo a maioria das dissertações produzidas no estado de Minas Gerais e na Universidade Vale do Rio Verde, que se localiza na cidade de Três Corações.

Aos artigos publicados por estudiosos da atualidade, que se dedicam à obra de Godofredo Rangel, diferentemente da maioria das dissertações de que se tem notícia, têm, em sua maior parte, a análise, tanto da vida, quanto da obra rangelina.

QUADRO 2 – Artigos sobre o escritor Godofredo Rangel⁹

Autor	Título	Ano de publicação	Revista
Luciana Murari	As artes da ficção: Oliveira Vianna e a imaginação literária de Godofredo Rangel e Afonso Arinos	2011	Varia História
Ana Cláudia da Silva	Godofredo Rangel e Autran Dourado: o artista e o aprendiz	2012	Linguagem & Letras
Ana Cláudia da Silva	A caligrafia do anjo: fortuna crítica de Godofredo Rangel	2014	Revista Memento
Altamir Celio de Andrade	As mulheres de Godofredo Rangel	2017	Recorte
Fernando Baião Viotti	Um romance na encruzilhada: a Vida Ociosa, de Godofredo Rangel	2017	Recorte

FONTE: O AUTOR

A maioria dos artigos publicados na lista abrangem a década de 2010, do século XXI, da crítica Literária Mineira atual, trazendo a lume este autor, outrora esquecido pelas Letras Brasileiras.

2.2 GODOFREDO E O SERTÃO

Nos últimos doze anos, a pesquisa acadêmica tem voltado a se debruçar sobre a escrita rangelina, registrando a sua importância para a vitalidade da Literatura Mineira. Como já mencionado anteriormente, o Programa de

⁹ Esses artigos analisados encontram-se presentes nos sites das revistas em que foram publicados. Foram encontrados e analisados no primeiro semestre do ano de 2020.

Mestrado em Letras do UniAcademia traz à luz outra dissertação que propõe ampliar a pesquisa de um romance escrito por Godofredo Rangel, o livro **Vida ociosa**.

Esta dissertação pretende desvincular a obra rangelina das missivas escritas por Monteiro Lobato, enviadas para Godofredo Rangel e que se encontram transcritas no livro **A Barca de Gleyre**. Procura, sim, analisar a obra de críticos relevantes como o catarinense Enéas Athanázio, que estudou a vida e a obra de Rangel, outrora esquecida pela crítica mineira de seu tempo, até a atualidade.

É neste ponto que se adentra aos ensaios de intelectuais publicados no caderno de literatura do **Jornal Minas Gerais**, denominado **Suplemento Literário** durante os anos de 1976 a 1989. O suplemento traz publicações que analisam, tanto a obra rangelina, quanto a vida, de Godofredo Rangel. Abaixo, segue um quadro que demonstra o estado da arte da pesquisa sobre Godofredo Rangel.

QUADRO 3 – Ensaio presente no Suplemento Literário referente ao ator Godofredo Rangel

Autor	Título	Nº da publicação	Página	Ano de publicação
Guido Bilharinho	Vida Ociosa , romance do cotidiano ¹⁰	Não consta	p. 10	1976
Luiz Paulo Freitas	Um grande romancista	Nº 692	p. 11	1980
Enéas Athanázio	O amigo epistolar	Nº 849	p.6	1983
Enéas Athanázio	Falange Gloriosa ¹¹	Nº 947	p. 11	1984
Enéas Athanázio	Godofredo Rangel	Nº 947	p. 2 - 4	1984
Alphonsus de Guimarães Filho	Vida Ociosa ¹²	Nº 947	p. 8	1984
João. Guimarães Menegale	Um romancista Mineiro ¹³	Nº 947	p. 8	1984
João Alphonsus	Academizemos Godofredo Rangel ¹⁴	Nº 947	p. 8	1984
Rodrigo M. F. de	Vida Ociosa ¹⁵	Nº 947	p. 8	1984

¹⁰ No documento do **Suplemento Literário**, o título do romance **Vida Ociosa**, do ensaio escrito por Guido Bilharinho, vem destacado por aspas.

¹¹ No documento do **Suplemento Literário**, o título do romance **Falange Gloriosa**, do ensaio escrito por Enéas Athanázio, vem destacado por aspas.

¹² No documento do **Suplemento Literário**, o título do romance **Vida Ociosa**, do ensaio escrito por Alphonsus de Guimarães Filho, vem destacado por aspas e esse ensaio em questão, faz parte da coluna publicada pelo **Suplemento Literário**, intitulada de **Godofredo Rangel: opinião dos “Novos”**.

¹³ O ensaio em questão faz parte da coluna publicada pelo **Suplemento Literário**, intitulada de **Godofredo Rangel: opinião dos “Novos”**.

¹⁴ Idem.

¹⁵ No documento do **Suplemento Literário**, o título do romance **Vida Ociosa**, do ensaio escrito por Rodrigo M. F. de Andrade, vem destacado por aspas e esse ensaio em questão faz parte da coluna publicada pelo **Suplemento Literário**, intitulada de **Godofredo Rangel: opinião dos “Novos”**.

Andrade				
Marcio Sampaio	Godofredo Rangel: centenário	Nº 947	p. 1	1984
Carlos Drummond de Andrade	Godofredo Rangel	Nº 948	p. 2	1984
Enéas Athanázio	Godofredo Rangel, missivista: durante 40 anos, o escritor mineiro trocou cartas com Monteiro Lobato	Nº 1.103	p. 4 - 5	1988
Enéas Athanázio	Godofredo Rangel: o papel do escritor	Nº 1.132	p. 10 - 11	1989

FONTE: SUPLEMENTO LITERÁRIO

A partir do estudo do ensaio escrito por Guido Bilharinho, já mencionado na primeira linha do quadro, destaca-se que Godofredo Rangel é um autor mineiro sem muita fama, notoriedade e trabalhos críticos no que concerne à análise de sua escrita. Segundo Bilharinho (1976):

Godofredo Rangel (MG, 1884-1951), não é um romancista que tenha muita fama. Principalmente, nunca provocou longos ensaios de exegese interpretativa como outros autores brasileiros. A simplicidade da sua obra, na verdade, não exige e mesmo não permite tais gêneros de crítica (BILHARINHO, 1976, p. 10).

Tal como Guido Bilharinho, Athanázio (1977) afirma que a carência de estudos críticos referentes à obra rangelina acabou por ocasionar uma enorme perda para a Literatura mineira e brasileira de seu tempo, “[...] reina sobre ele um triste silêncio, sua obra cai no esquecimento, não é visto nas livrarias e não se fala no lançamento de novas edições” (ATHANÁZIO, 1977, p. 11).

Bilharinho (1976) discorre também que **Vida ociosa** não é propriamente um romance regionalista, apesar de a história de Dr. Félix passar-se em terras sertanejas:

Não é um romance regional, no sentido usual do termo, embora sua ação transcorra toda num limitado espaço e em torno de acontecimentos e fatos localizados. Romance da vida rural, apreendendo usanças, costumes da roça num sentido generalizado, *Vida Ociosa* abrange, por isso, grande parte do meio rural brasileiro. E com exceções das interpolações de estórias de caçadas, a ação romanesca gira ao redor de fatos simples e corriqueiros (...) vida tão comum, que, praticamente, nada acontece em volta delas que não seja o batido cotidiano (BILHARINHO, 1976, p. 10).

Humberto Hermenegildo de Araújo (2008), em seu artigo denominado **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização**

inventada, escreve que “[...] o regionalismo sobrevive como uma tendência que se nutre da tensão dialética entre o local e o universal” (ARAÚJO, 2008, p. 127). Portanto, **Vida ociosa** pode não ser, de fato, um romance propriamente regionalista, apesar de o livro possuir elementos desse movimento e que perduraram em suas fases iniciais, tais como: a contemplação da natureza, presente em todo o romance, a descrição da cultura e dos costumes do homem que habita o sertão brasileiro e, por fim, o retrato social do homem do campo, centrado na figura do patriarca, que, na obra, aparece sobre as figuras das personagens de Quim Capitão e do senhor Próspero.

Apesar dessa crítica, Bilharinho, termina o seu ensaio, afirmando que o romance analisado é um bom livro, que deve ser apreciado e lido, tanto pelos críticos da literatura mineira, quanto da brasileira.

É somente no ano de 1980 que vem a lume o artigo de Luiz Paulo Freitas, denominado **Um grande romancista**, publicado no **Suplemento Literário**. Nele, o autor menciona todos os livros publicados por Godofredo Rangel, tanto em vida, quanto postumamente, além de citar o trabalho biobibliográfico realizado por Athanázio (1977). De acordo com Freitas (1980),

A estreia literária ocorreu em 1920, com “Vida Ociosa”, obra-prima do romance brasileiro, a que se seguem os contos de “Andorinhas” (1922) e “Os Humildes” (1944), além de inúmeras traduções, histórias infantis e obras didáticas. Da famosa correspondência com Monteiro Lobato só nos ficou a parte do escritor paulista com “A Barca de Gleyre”, publicada em 1959, oito anos após a morte de Rangel, como póstumos seriam os seus outros dois romances “Falange Gloriosa” e “Os Bem Casados” (1955) (FREITAS, 1980, p. 11, grifo do autor).

Para Luiz Paulo Freitas (1980), esse trabalho merece ser divulgado, a fim de dar todo o crédito que Rangel merece:

Agora um catarinense Enéas Athanázio, magistrado e contista, como o velho mestre procurou tirá-lo desse alheamento, com um estudo biobibliográfico amplo e detalhado (...), focalizando-o desde o nascimento (1884) e a infância em Três Corações até o repouso final (1951) no Cemitério de Bonfim da capital mineira, passando pelas origens familiares (o pai, um homem diferente para a sua época e seu meio social), pelos estudos universitários em São Paulo, primeiro emprego na polícia, primeiras amizades paulistanas com destaque para Ricardo Gonçalves, o poeta suicida dos “Ipês”, e Monteiro Lobato (...) (FREITAS, 1980, p. 11).

Além do estudo biobibliográfico escrito por Athanázio (1977), Freitas, também, acaba por discorrer sobre todos os livros que compõem a obra rangelina, além de mencionar os amigos do escritor, que, como Godofredo Rangel e Monteiro Lobato, fizeram parte do grupo Cenáculo.

Outro artigo que vem a público em 1982 no **Suplemento Literário** é o escrito por Enéas Athanázio e intitulado **Um amigo de Godofredo Rangel**. Athanázio alude sobre um amigo, vizinho e maior defensor da obra de Rangel, o intelectual Newton Freire-Maia¹⁶ (1918-2003): “Newton Freire-Maia guarda de Godofredo Rangel uma lembrança muito terna e é um grande defensor de sua obra, irritando-se com alguma crítica que lhe seja desfavorável” (ATHANÁZIO, 1983, p. 7).

Nesse artigo, Athanázio (1983) apenas discorreu sobre as visitas feitas por Newton Freire-Maia ao seu vizinho e mentor Godofredo Rangel, quando ambos moravam na capital mineira, Belo Horizonte.

Em 1983, Athanázio voltou a publicar nesse caderno literário, um outro ensaio denominado **O amigo epistolar**. Nesse estudo, apresenta ao leitor o grupo Cenáculo:

Nascido em Três Corações, de pais modestos, bacharelou-se em Direito pela USP (1906), quando participou do grupo literário do “Cenáculo”, que reunia no “Mirante”, e do qual fazia parte o escritor Monteiro Lobato, o poeta Ricardo Gonçalves, o jurista e o escritor José Antônio Nogueira [...] e vários outros (ATHANÁZIO, 1983, p. 6).

Enéas Athanázio menciona as inúmeras cartas escritas por Monteiro Lobato, e que foram destinadas a Godofredo Rangel, por mais de quarenta anos, o que teve início, quando os dois ainda cursavam a Universidade de São Paulo e que se encontram dispostas em **A barca de Gleyre** (1944).

Aí teve início a correspondência com o autor de *Negrinha* e que resultou nos magníficos volumes de *A Barca de Gleyre*, onde foram reunidas as cartas que o paulista lhe dirigiu. As respostas a elas nunca foram publicadas e antes de morrer, como informou o Prof.

¹⁶ Newton Freire-Maia (1918-2003), mineiro natural de Boa Esperança. Graduou-se em Biologia pela Universidade de São Paulo e, anos depois, especializou-se em Genética Humana, pela Universidade de Michigan. Freire-Maia foi membro titular da Academia Brasileira de Ciências, além de presidente de honra da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Também foi diretor do Instituto de Ciências e Fé e professor emérito do Departamento de Genética da Universidade Federal do Paraná (IBICT, [S/D]).

Nello Rangel¹⁷, seu filho mais velho, Godofredo, recomendou que suas cartas não fossem dadas a público. Até hoje “o outro lado” de *A Barca de Gleyre* permanece inédito (ATHANÁZIO, 1983, p. 6, grifos do autor).

Athanázio (1983) ainda elucida sobre as críticas que Rangel fez às obras escritas por Lobato, que se encontram presentes nas missivas por esses autores outrora trocadas “[...] é duvidoso, no entanto, que Monteiro Lobato chegasse até onde chegou sem ajuda do amigo epistolar, incansável e dedicado. Era ele crítico-suave como tudo que apontava defeitos, fazia sugestões incendiava e animava” (ATHANÁZIO, 1983, p. 6).

Enéas Athanázio escreve sobre a obra rangelina, como um todo, perpassando pelos romances escritos por Rangel, sem deixar de mencionar os livros infantis e seus contos. Athanázio, ainda, menciona os inúmeros livros que Godofredo Rangel traduziu para a língua portuguesa:

Godofredo foi um mestre da linguagem e um excelente escritor. Escreveu três romances (*Vida Ociosa*, *Flange Gloriosa* e *Os Bem Casados*), dois volumes de contos (*Andorinhas* e *Os Humildes*), dois livros para crianças (*História do Tempo do Onça* e *Um Passeio à Casa de Papai Noel*), um magistral discurso em que saldou Guilherme de Almeida¹⁸, quando o poeta visitou a Academia Mineira de Letras¹⁹. Foi um dos tradutores mais disputados do seu tempo e cerca de uma centena de obras, foram por ele vertidas do francês, do inglês e do italiano (ATHANÁZIO, 1983, p. 6, grifos do autor).

Athanázio contrapõe-se a Guido Bilharinho, que outrora havia afirmado que o escritor Godofredo Rangel nunca foi um escritor Regionalista. Para ele,

¹⁷ O Professor Nello de Moura Rangel, nasceu em 1909 na cidade de Passos de Minas. É filho mais velho do escritor e juiz de Direito, Godofredo Rangel. O Prof. Nelo Rangel se formou em Medicina Veterinária, em São Paulo, no ano de 1936, anos depois fez parte do corpo docente do curso de Medicina Veterinária, da Universidade Federal de Viçosa, anos depois, foi transferido para a faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, no ano de 1948. Todavia não foi possível encontrar a data de falecimento deste professor (UFMG, 1967).

¹⁸ Guilherme de Almeida (1890-1969), nasceu na cidade de Campinas interior de São Paulo. Foi um poeta e ensaísta paulista, participou da Semana de Arte Moderna de 1922. Guilherme de Almeida, foi membro da Academia Paulista de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Também participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932 (FRAZÃO, 2020).

¹⁹ A Academia Mineira de Letras foi fundada na cidade de Juiz de Fora, no ano de 1909, por um grupo pioneiro de intelectuais, tais como Machado Sobrinho, Belmiro Braga, Amanajós de Araújo, entre outros, que possuíam como objetivos principais o culto da língua portuguesa e a divulgação da produção literária mineira. Todavia, a Academia Mineira De Letras foi transferida, em 1915, para a capital mineira Belo Horizonte (LETRAS, [s/d]).

o estilo de escrita rangelina é, sim, o de um escritor que pertenceu ao movimento regionalista. Assim, segundo Athanázio (1983), Rangel:

[...] pelos temas e pelo ambiente de seus livros, é um regionalista. A pesquisa de expressões espacial de sua ficção [...]. Não é regionalista típico, à moda de um Simões Lopes Neto, de forma que suas estórias podiam ocorrer em outras “bibocas arredias da civilização” sem demasiado espaço de adaptação (ATHANÁZIO, 1983, p. 6, grifo do autor).

Há diversos elementos do regionalismo brasileiro que se encontram presentes no romance **Vida ociosa** e que são, por sua vez, os costumes do povo que habita os sertões, tal como disserta Walnice Nogueira Galvão (2006), na introdução do livro **Contos: pelo sertão**; histórias e paisagens; a rola encantada, que, segundo o autor traz o “regionalismo de usos e costumes do povo do sertão, bem como sua maneira de falar, sua religiosidade e suas crendices, as formas de sua sociabilidade e de seu lazer, seus protocolos de trabalho” (GALVÃO, 2006, p. XVII).

Com relação aos costumes dos habitantes do sertão brasileiro, traremos um trecho do romance que ressalta este costume:

Cruzando os talheres após as repetições do estilo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angu; ao cabo chupei os bigodes, como os demais, [...]. Seguiu-se café com bolinhos. [...] Após razoável espera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhadinhos dos bolinhos remanescentes e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria para os seus aposentos (RANGEL, 2000, p. 91).

Outro elemento crucial, que define o Regionalismo, e, por sua vez, encontra-se presente no romance estudado, é a figura do patriarca e a relação que ele possui com toda a família e com os seus agregados. Recorre-se ao trabalho dos teóricos Bergamo, Santos e Silva (2017), denominado **A cidade duvidará do caso**: literatura, regionalismo e patriarcalismo no conto “a vingança da peroba”, em que os autores discorrem sobre a figura do patriarcalismo presente nos contos e romances regionalistas. “Apresenta uma relação baseada na submissão de seus membros ao chefe de família, bem como a decadência do patriarcado rural no que diz respeito a organização

social e econômica alicerçada em relações de parentesco” (BERGAMO; SANTOS; SILVA, 2017, p. 75).

Os autores, também, elucidam que a figura do patriarca encontra-se presente na família brasileira, desde a época em que o Brasil era colônia de Portugal:

[...] a sociedade brasileira e seu modelo político-econômico estruturaram-se em meios rurais, sendo resultantes do antigo sistema colonial. A estrutura familiar dessa época estava vinculada à organização econômica voltada à agricultura, que envolvia o latifúndio e a escravidão [...] a origem da autoridade advinha da boa situação econômica e do prestígio social daquele que era tradicionalmente reconhecido, por isso, o casamento era, em sua maioria, dentro do mesmo grupo social. Esse modelo de sociedade, a rigor, foi dominante até o fim do século XIX. [...] seja no meio rural, seja nas camadas mais pobres da população, o que se chama de semipatriarcalismo (BERGAMO; SANTOS; SILVA, 2017, p. 76).

Por fim, os autores tecem considerações sobre a decadência da estrutura da escravidão, que culminou no abalo da sociedade patriarcal, em vigor no Brasil Imperial:

Apesar das mudanças econômicas e técnicas em diversos setores no ambiente rural, com o fim da escravatura, a modernização do meio rural, o surgimento das cidades e a divisão do trabalho, a estrutura da família patriarcal é a que mais se aproxima dos modos de organização parental do caipira. O modo de ajuntamento familiar é semelhante, ocorrendo somente um ajuste às condições econômicas e sociais de cada grupo (BERGAMO; SANTOS; SILVA, 2017, p. 75).

Em seu romance, Godofredo Rangel apresenta um exemplo da decadência do patriarcado, a partir da figura do senhor Próspero, um homem rico, que acaba por perder tudo o que tem e passa a depender da bondade de seu irmão mais novo:

Já rumando os oitenta ou noventa anos (nem sei quanto!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras contra a vida nem o pesar de deixá-la. Enquanto pôde, o velho trabalho. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando a sua atividade começou a declinar e ao peso gastos não podia opor equivalente receita. Ingratidões e abusos de confiança levaram-lhe até o último vintém. [...] Paupérrimos, a própria vivenda em que moram é alheia – pertence a um irmão mais moço de Próspero, fazendeiro ‘desempenhado’, e tão sovina que, o ceder-lhes por favor essa moradia (RANGEL, 2000, p. 6, grifo do autor).

Em seu artigo, Athanázio²⁰ (1984), também, discorre sobre a vida de Godofredo Rangel, falando de sua infância no território mineiro, além de mencionar as suas dificuldades financeiras, que o acometeram por toda a vida, fazendo com que Rangel trabalhasse tanto como juiz de direito, quanto como professor, tradutor e escritor:

Finalmente, em 1920, em primorosa apresentação gráfica, vem a lume o romance de estreia de GODOFREDO RANGEL, “Vida Ociosa – romance da vida mineira”, em edição da “Revista do Brasil”, de Monteiro Lobato & Cia., Editores. [...] Em 1922, também em edição de Monteiro Lobato, aparecia “Andorinhas” livro de contos. “A Filha”, narrativa romântica, vem a lume em 1929, numa publicação da Imprensa Oficial de Minas Gerais. Somente em 1924 publicará o quarto livro de ficção, “Os Humildes”, também de contos. “Os Bem Casados” e “Falange Gloriosa”, ambos romances, seriam publicados postumamente, em 1955 (ATHANÁZIO, 1984, p. 3, grifos do autor).

Outros estudos presentes no **Suplemento Literário** encontram-se alocados na coluna intitulada de **Godofredo Rangel: a opinião dos “Novos”**, que foi publicada no ano de 1984, na comemoração do Centenário de Rangel. Conta com quatro opiniões de intelectuais da época sobre Godofredo Rangel, sendo eles Alphonsus de Guimarães Filho, Rodrigo M. F. de Andrade, João Alphonsus e J. Guimarães Menegale.

Foi na coluna **Godofredo Rangel: a opinião dos “Novos”** que Alphonsus de Guimarães Filho iniciou o seu texto ponderando que como todo bom mineiro Godofredo Rangel é um excelente “[...] contador de histórias, costumes, coisas e almas. Aliás, o bom mineiro, é aquele que sabe contar histórias” (FILHO, 1984, p. 8).

Um bom exemplo desse mineiro contador de histórias apareceu no romance **Vida Ociosa**, sob a figura do senhor Próspero, um senhor já idoso, que adorava contar ao senhor Dr. Félix as suas aventuras da mocidade, quando ele ia à floresta de noite, para caçar onças, com os seus companheiros de caçadas.

²⁰ Enéas Athanázio discorreu em seu artigo **Godofredo Rangel**, sobre os livros que compõem a obra rangelina. “Três romances, uma novela, dois volumes de contos, uma gramática, dois livros infantis, lançados em 1943, pela Cia. Editora Nacional, eis a obra do escritor mineiro. É provável que muito de sua produção se tenha perdido, jamais tendo sido publicado” (ATHANÁZIO, 1984, p. 3-4).

É preciso, porém, que seja homem de coragem e use prevenções. Ora, para isso, era ótimo companheiro o Capitão Domiciano, pois mais de uma vez haviam-se arriscado em sombrias tocas de feras e acampado semanas em serras bravas, à caça de macucos (RANGEL, 2000, p. 50).

Alphonsus de Guimarães Filho afirma, ainda, que o livro **Vida Ociosa** de Rangel, é a obra-prima desse escritor mineiro e que o autor, com a sua escrita, consegue fazer com que o seu leitor possa se imaginar dentro da história e, tal como ele, acabe por se apaixonar por seus personagens:

“Vida Ociosa”, uma obra-prima, não apenas de Godofredo Rangel, mas da nossa ficção (...). Godofredo Rangel se apraz em desenvolver sua narrativa como uma contemplação de vidas humildes, terras humildes, comovendo-se ao mínimo sucesso, descrevendo-lhe os aspectos principais, fazendo do leitor alguém que vê como ele, observa como ele e como ele se comove [...]. O livro se desenvolve numa atmosfera de sertão mineiro (Grifo do autor. FILHO, 1984, p. 8, grifo do autor).

Athanázio (1977) discorre sobre a relevância desse livro de Godofredo Rangel para as letras, mas, também, escreveu sobre a pouca existência de exemplares desse livro nas bibliotecas brasileiras:

A importância dessa obra, no contexto da literatura nacional, não pode ser negada. É lamentável que não mais seja encontrado nas livrarias e só existe numa minoria de bibliotecas privilegiadas. Seu merecido sucesso, no entanto, não provocou no autor a esperada pressa em publicar-se (ATHANÁZIO, 1977, p. 64).

Por fim, Guimarães Filho (1984) termina o seu ensaio, discorrendo sobre o estilo de escrita presente na obra rangelina, que por sua vez, encontra-se centrada na ironia do autor, “[...] grande escritor é Godofredo Rangel, além do estilo vigoroso, duas qualidades essenciais: a ironia, muito própria de sua gente, iniciando-o a destacar o lado mais pitoresco de seus personagens” (GUIMARÃES, 1984, p. 8).

Para Rodrigo M. F. de Andrade, que também teve o seu estudo publicado na coluna **Godofredo Rangel: a opinião dos “Novos”, do Suplemento Literário**, o livro **Vida ociosa** conta “[...] uma história que é, na sua simplicidade, um dos mais deliciosos romances saídos dos prelos brasileiros” (ANDRADE, 1984, p. 8).

Andrade (1984) acrescenta que Godofredo Rangel acabou por eternizar, em suas obras, a cultura e os costumes do povo mineiro. Isso fez com que Rangel se tornasse verdadeiramente um escritor das Minas Gerais, um verdadeiro romancista dos costumes mineiros e do povo do sertão.

Outro intelectual que também escreveu para essa coluna literária foi J. Guimarães Menegale (1984) que inicia o texto, escrevendo sobre o seu pouco conhecimento da obra rangelina:

Ainda não se dedicou à obra literária de Godofredo Rangel o relevo que merece, de um estudo amplo, por seu valor próprio e no enquadro da literatura mineira [...]. “Vida Ociosa” constitui uma obra de marca profundamente nacional, certo, mas exatamente porque é mineira por excelência. Seus contos e novelas, de sabor humano, trazem sempre, para o paladar dos que sabem discernir, o sumo da psicologia mineira (MENEGALE, 1984, p. 8, grifo do autor).

No decorrer do seu ensaio, Menegale (1984) afirma que o livro é, por sua vez, “[...] uma obra documental da civilização mineira, que sustenta o fio da tradição do romance mineiro [...]. Grande ficcionista – e grande ficcionista de minas. Estudá-lo implica estudar o sentido de uma literatura” (MENEGALE, 1984, p. 8).

Márcio Sampaio, no ensaio publicado em 1984, pelo **Suplemento Literário**, denominado **Godofredo Rangel**, tece inúmeros elogios a este escritor esquecido pela literatura mineira: “[...] autor de contos antológicos, de romances extraordinários um dos quais Vida Ociosa, considerado obra-prima do pré-modernismo, Godofredo Rangel é contudo, um nome desconhecido das novas gerações” (SAMPAIO, 1984, p. 1, grifo do autor).

De acordo com Sampaio (1984), Godofredo Rangel não foi apenas um escritor exemplar, mas, sim, um crítico e conselheiro de escritores de sua época:

Rangel foi, ainda assim, um intelectual de primeira linha, desempenhando quase anonimamente papel fundamental como consultor e conselheiro de escritores, interlocutor epistolar inteligente, mas sobretudo um grande escritor, um artista obcecado da técnica, cuja criação se processava. Tensa e intensamente (SAMPAIO, 1984, p. 1).

O último artigo publicado por Enéas Athanázio, no ano de 1984, na edição comemorativa do centenário de nascimento de Godofredo Rangel, por esse caderno literário, foi denominado **Falange gloriosa**. Nesse artigo, Athanázio menciona o romance **Falange Gloriosa**, publicado em formato de livro postumamente pela família do escritor, em 1954. Rangel possuía muito receio de publicar essa obra, pois foi marcado por inúmeras ironias, além de ser “uma vingança rangelina contra o causador de muitos de seus padecimentos” (ATHANÁZIO, 1984, p. 11).

E, ainda, há o ensaio de Carlos Drummond de Andrade, denominado **Godofredo Rangel**, no qual o poeta realça a timidez de Rangel:

Godofredo Rangel parecia pedir desculpa por ser escritor, num tempo em que tantos simulam essa condição. Ninguém menos do que ele ostentava o dom natural [...]. Tantos anos nessa luta contra o meio, não digo hostil, pior do que isso: indiferente, e contra a própria timidez, que, ao atingir uma cidade onde os contratos culturais já não eram abstratos, e sim aspecto habitual da vida, o criador deixara nele de funcionar. Rangel mergulha no túnel da tradução, de onde os escritores saem fatigados e sem rosto (ANDRADE, 1984, p. 2).

Andrade (1984) termina o seu ensaio, lamentando o pouco conhecimento que ele possuía da obra rangelina, tal como os outros ensaístas que escreveram para o **Suplemento Literário**, como afirmou Athanázio (1977):

Meu cortês, meu doutor, meu caro e bom Godofredo Rangel; agora que morreste, posso bem dizer que não te conheci menos porque pouco te frequentei. E se me lastimo porque a vida não me permitiu privar de tua companhia, deixei estar que nós mineiros os de certo tipo de sensibilidade, em rigor não carecemos de presença física para a funda convivência (ANDRADE, 1984, p. 2).

Por fim, foi apenas no ano de 1989, que Athanázio publicou, no **Suplemento Literário**, um último ensaio sobre o escritor Godofredo Rangel, que foi intitulado de “**Godofredo Rangel o papel do escritor**”, no qual Athanázio dissertou sobre os ramos de atuação profissional a que Rangel se dedicou no decorrer de sua vida: “[...] desenvolveu a sua atividade intelectual em cinco campos principais: a) o romance; b) o conto e a novela; c) a literatura infantil; d) a filosofia e, e) a tradução” (ATHANÁZIO, 1988, p. 10).

O autor do artigo ainda disserta sobre a rara atuação de crítico literário que Rangel teve no decorrer de sua atuação nas letras. “Como crítico, rara foi a

sua produção. Estaria em contradição com o seu temperamento, inibido de externar um julgamento desfavorável. O próprio Monteiro Lobato lhe reclamava a suavidade com que apontava os defeitos” (ATHANÁZIO, 1988, p. 10).

Enéas Athanázio termina o seu estudo, falando sobre a rebuscada escrita rangelina, “[...] artesão das letras, adepto fervoroso da precisão vocabular, cada palavra era buscada com empenho para expressar uma ideia exata” (ATHANÁZIO, 1988, p. 4).

Como se viu, no decorrer da segunda seção desta dissertação, discorreu-se sobre a vida e a obra de Godofredo Rangel; foram apresentados artigos acadêmicos que abordavam o tema, além de se trazer à luz o livro de Enéas Athanázio (1977), intitulado **Godofredo Rangel**, em que o escritor catarinense redige um belo trabalho biobibliográfico sobre a vida de Rangel.

Para a redação da citada seção, foram estudados alguns trabalhos dissertativos que abordam as missivas trocadas entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel. Também, foram trazidos a lume os ensaios publicados no caderno literário do **Jornal Minas Gerais**, denominado de **Suplemento Literário**, produzidos entre os anos de 1976 a 1988, do século XX. E, por fim, redigiu-se uma pequena análise sobre o movimento literário brasileiro, que perdurou de 1870-1945, e foi intitulado Regionalismo.

Contudo, é na seção seguinte que se fará um maior estudo sobre esse movimento, no que concerne ao romance **Vida ociosa**, além de, ainda na mesma seção, proceder-se a abordar os conceitos de **comensalidade** e **hospitalidade**, presentes no romance.

3 A SOLEIRA DA PORTA E A OCIOSIDADE DA VIDA: HOSPITALIDADES E COMENSALIDADES

A presente seção tem como principal objetivo o estudo dos conceitos de **Hospitalidade** de Jacques Derrida (2003) e **Comensalidade**, para melhor compreender a importância desses conceitos em **Vida ociosa** (1920). Isso se fará mediante a análise da aceitação do outro, no território do eu, e das relações sociais em torno da mesa mineira, narradas no romance.

A seção dedica-se à análise do livro no que concerne à contemplação da natureza, narrada pelo personagem dr. Félix, em seu percurso pelos sertões das Gerais, no enredo do romance **Vida ociosa**.

Assim, há que se debruçar sobre o estudo dos costumes do povo mineiro, apresentado por Godofredo Rangel em seu livro, quais sejam: a mineiridade e a ironia do autor presente na obra em questão. Ambos os elementos encontram-se presentes no movimento literário intitulado **Regionalismo**.

Como arcabouço teórico, serão utilizados os estudos de Eduardo Frieiro (1982); Enéas Athanázio (1988); Edvaldo A. Bergamo, Leila Borges Dias Santos, Letícia Braz da Silva (2017); Walnice Nogueira Galvão (2006); Marie-Clarie Grassi (2011); Liana Maria Reis (2007), Denise Mallmann Vallerius (2010), Jean-Anthelme Birllat-Savarin (2010) e Jaques Derrida (2003).

3.1 VIDA OCIOSA: HOSPITALIDADES

A obra **Vida ociosa** (1920) conta a história do Dr. Félix, um solitário juiz que anda pelas estradas do sertão mineiro, contemplando a natureza que circunda esta paisagem. No decorrer do seu caminho, a personagem visita a Fazenda Córrego Fundo, onde mora um casal de amigos: siá Marciana, uma cozinheira de mão-cheia, e o velho Próspero, um ex-fazendeiro que, após perder tudo o que possuía, passou a depender da caridade de seu irmão mais moço.

O outro morador da fazenda do Córrego Fundo é Américo, o filho do velho casal que, por sua vez, é um homem de letras bastante solitário e que

ministra aulas para seu único aluno. Ao sair da humilde morada de seus amigos, Félix planeja uma viagem até a cachoeira da região. Durante o percurso, acaba por visitar um de seus conhecidos: o senhor Quim Capitão, que mora em sua fazenda com a sua numerosa prole e seu agregado. O romance termina com uma visita dos amigos do Córrego Fundo à casa de dr. Félix, na cidade grande.

Ao se analisar o romance, percebem-se alguns elementos do Movimento Regionalista que persistiram na literatura brasileira, no decorrer de meados do século XIX, até a metade do século XX. Um dos componentes do Regionalismo, que se encontra visível, na obra em análise, é a exaltação e a contemplação do ambiente natural e a busca pela paz bucólica que a natureza proporciona ao homem regionalista (MARCHEZAN, 2009).

Em **Vida ociosa**, a personagem que encontra a paz na natureza e a enaltece no decorrer do romance é o dr. Félix:

Arvoredos sonolentos debruçam-se sobre velhas cercas, sombrios e relatados, com um fulgor de diamante negro em cada folha. A aragem corta e ligeira névoa adensa-se nas extremidades da rua. Sorvendo até o imo dos pulmões o ar úmido e frio, sinto o meu sangue reagir alvoroçadamente, dando-me uma doce impressão de bem-estar. [...] o hesitante rangido com que as primeiras cigarras ensaiam a música do dia, o crescendo de pios e gorjeios na grande mata do outro lado do rio, anunciam o dia que alvorece (RANGEL, 2000, p. 1).

Além da admiração da natureza que circunda o sertão brasileiro, percebe-se, também, que o narrador discorre sobre como se sente no espaço ameno que somente ela proporciona para a sua vida. É apenas nesse ambiente que o homem regionalista encontra o seu bem-estar.

Em certo ponto, numa surpresa de colorido, surge uma sempre-lustrosas revestidas de flores roxas, alto a baixo, tantas flores que não se lhe vê outra cor; e, no chão, onde roja as dobras da rica túnicas, esgaça-se num rastro de pétalas violáceas (RANGEL, 2000, p. 2).

O narrador descreve a beleza das flores que circundam as estradas da região que ele percorre, para ir da sua morada até a humilde casa da Fazenda do Córrego Fundo, onde visita frequentemente seus amigos.

A urdidura das copas é impenetrável; das barrancas revestidas de verde cabelugem de avencas e musgos, poreja continuamente um pouco de umidade que não chega para empapar a terra mas sobeja para fazer da temperatura carícia e voluptuosidade para a epiderme. As próprias borboletas comprazem-se nessa nesga de sombra ilhada aí providencialmente; quem passa vê-as no chão úmido, aos enxames, pintalgando a terra, como pétalas soltas espalhadas pelo vento, pétalas de tonalidades vivas, com predominância do amarelo-canário e vermelho de fogo (RANGEL, 2000, p. 3-4).

Nessa parte, o narrador continua a descrever a paisagem do local por onde caminha, percorrendo, também, sobre a solidão presente no alvorecer do sertão. Ele, ainda, alude às coloridas borboletas, suas companheiras de viagem, comparando-as com as pétalas de flores que adornam o caminho por ele percorrido.

A contemplação da natureza acaba por trazer lembranças, outrora vividas por dr. Félix, e isso se sucede, quando a personagem percorre os sertões das Minas Gerais:

[...] intumesce-me o coração com velhas recordações imprecisas; há em minha alma o renascer de sensações antigas, e que de longínquas jaziam em letargo, como mortas. Para despertá-las basta um quase nada: um reflexo alvacentos num alagadiço, um vôo ondulante de pássaro, o sussurro da viração nas folhagens ... De que me lembro? A que cenas deslembradas de minha vida se predem essas fugidas sensações? [...] toques imprecisos de paisagem entre névoas, minha mãe que com o lenço me acena, certa madrugada de despedida; um perfil de companheiro de infância, uma fita de fumaça imota no ar parado, desnovelando-se sem presa, que o comboio ao longe continua a estirar, até o cabo de certa interminável várzea, minha conhecida da infância. Saudades, enfim, de pessoas e cousas velhas, ou de pessoas apenas, que as cousas dos antigos tempos como que se personificam e vivem [...]. Sinto-me germinar. Minh'alma desabrocha em aspirações, e julgo-me forte para realizá-las (RANGEL, 2000, p. 1-2).

No decorrer de sua caminhada, pequenos elementos da natureza, tais como o voo de um pássaro ou o fervilhar das plantas, acabam por reviver no narrador inúmeras recordações de sua juventude, trazendo, assim, lembranças outrora vividas por ele.

No romance há, também, outro trecho no qual o narrador exalta o esplendor da natureza, que é retratado no capítulo denominado **Uma história de caçadas**, no qual o velho Próspero explica, para o dr. Félix, o que vem a ser um **barreiro**:

Nas nascentes de certos córregos, há, nalgumas grotas, uma espécie de lama salitrada, que os animais gostam de lambar. A terra aí lagrimeja continuamente escassa umidade. Durante o dia e a noite reveza-se nesse lugar toda a sorte de caça. É o ponto de encontro das espécies mais desirmanadas, e algumas ali vão mais à cata de pábulo vivo, que atraídas pelo salgado marejamento do solo. De dia são os animais menos espantadiços e as aves de grande porte, até jacutingas: à noite é a assembléia transida das pacas e capivaras ariscas, cutias, cachorros-do-mato, que não raro são surpresos pelos temerosos provadores da mata virgem: antas, onças, queixadas (RANGEL, 2000, p. 50).

O barreiro seria uma espécie de marejamento de água, em que os animais que habitam as florestas vêm saciar a sua sede e é ao cair da noite, que os corajosos caçadores vão a esse local para espreitar as feras que lá habitam, para, assim, poder capturá-las:

No entanto, os caçadores nada vêem. A treva homogênea, compacta, espessa como piche, enche âmbito da clareira. A vida ali é apenas o confuso rumor da bandeira invasora – um grulhar múltiplo e um amortecido estrincar de presas. Aquela vida misteriosa no negror da noite, cõa-lhes pelos nervos arrepios de pavor. Arriscar passos, àquela hora, sob as soturnas abóbadas da mata, seria buscar o perigo. Em cada ponto das pesadas trevas pode haver uma emboscada. A elasticidade do salto está pronta para o bote, as orelhas aplicam-se adivinhando a presa, as úngulas crispam-se nervosas no antegosto da posse ... Mesmo protegidos pela altura, os caçadores estão emocionados e trementes. Oh, a forte sensação, eternamente renovada, da montaria às feras! (RANGEL, 2000, p. 56).

Nesse excerto, o narrador discorre sobre um episódio de caçada contado pelo senhor Próspero ao seu amigo dr. Félix, que, sempre que o visita, pede para que o amigo lhe conte uma história de sua mocidade, época em que o velho senhor era um corajoso caçador de feras. Nessa passagem, é descrito, em um pequeno fragmento de lembrança de Próspero, que, quando mais novo, juntamente com os seus companheiros de caçada, fora ao barreiro, durante a noite, caçar as grandes feras que habitam a floresta.

No decorrer do romance, há outros fragmentos nos quais é descrito a natureza que envolve a Fazenda do Córrego Fundo. Um exemplo dessa descrição, é o ambiente natural que circunda a morada do velho casal:

- Por exemplo: essa mata de outra margem, que não é como esta margem praguejada de caatingas e pastos, exerce sobre mim verdadeira fascinação. De contemplá-la a distância embriago-me, perturbando-me, imprecando os fados que me fizeram nascer civilizado e homem. A verdadeira vida é a da floresta, com os seus

mistérios, emboscadas, emanações de húmus milenário e florações ridentíssimas. Seu silêncio há de segredar-nos cousas nunca ouvidas, que valem os livros de todos os poetas e filósofos (RANGEL, 2000, p. 58).

Nessa citação, o narrador discorre sobre a natureza que se encontra entorno do rio que corta a fazenda do Córrego Fundo. E é nesse rio que o velho casal tem sua diversão, pescando. dr. Félix também conta como ele se sente nesse recanto natural da fazenda em que se hospedou.

Já no capítulo intitulado **A Cachoeira**, é descrita a natureza que permeia o caminho que leva a personagem central da obra à cachoeira da região:

Carrascals de candeias tortas bordejavam agora a estrada, interpoladas de ásperos pés de frutas-de-lobo. Não temesse eu melindrar a montada, apearia para colher gabirobinhas do campo, que recendiam convidativamente da orla do caminho. O chão arenoso e declivado pouco empapara a água caída nos últimos dias, que decorreram num chuveiro pertinaz. [...] Abaixo da cachoeira, onde o caudal se rebalsa e retoma a majestade de seu curso lento, a água é turva, quase negra; e, ao olhar que lhe escruta a profundidade, essa negrura revela-se feita de cardumes de dorsos escuros, que esfervilham, evolucionando processionalmente no bojo dos remansos, esperando o seu turno de lançar o salto (RANGEL, 2000, p. 98-99).

Além de contemplar a natureza presente na estrada que leva o dr. Félix à cachoeira da região, a narrativa detém-se sobre as flores que permeiam o caminho percorrido pela personagem, sem deixar de mencionar a estrada por onde ela caminhou até chegar a seu destino, “[...] o chão arenoso e declivado pouco empapara a água caída nos últimos dias” (RANGEL, 2000, p. 99). O narrador também, discorre sobre a cachoeira com águas turvas por ele visitada.

Mas não é apenas a contemplação da natureza o único elemento do Movimento Regionalista presente nessa obra, pois nota-se, também, como discorre Galvão (2006), o Regionalismo de usos e costumes do homem que habita os sertões do Brasil.

Um exemplo desses usos e costumes do povo brasileiro, apresentados por Rangel, em seu romance, são as relações de comensalidade, presentes na mesa mineira, situação em que o velho casal senhor Próspero e siá Marciana, juntamente com o seu filho, Américo, recebem o seu convidado e lhe servem um bule de café e os quitutes preparados pela dona da casa:

Na larga mesa da sala de entrada já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louças e tigelinhas desbeijadas, com letreiros: “Saudade”, “Amizade”, tudo sobre uma grande salva de prata, última alfaria preciosa dos velhos tempos de abastanças, relíquias de família, que desde época imemorial vinha de pais a filhos. [...] Ouviu-se na cozinha um estralejar de gordura frita e dali a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes na panela (RANGEL, 2000, p. 20. grifo do autor).

Nesse pequeno fragmento, o narrador discorre sobre os quitutes preparados pela boa senhora em sua cozinha, “Ouviu-se na cozinha um estralejar de gordura frita [...] surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos” (RANGEL, 2000, p. 20). A importância desse fragmento do texto se fundamenta nas relíquias de família utilizadas para servir os seus hóspedes em ocasiões especiais, “[...] pequenas canecas de louças e tigelas desbeijadas, com letreiros: ‘Saudade’, ‘Amizade’” (RANGEL, 2000, p. 20, grifos do autor), que acabam por representar os sentimentos nutridos pela pequena família para com seu hóspede.

Para compreender melhor o costume mineiro de receber bem os hóspedes que ultrapassam as soleiras de sua morada, traz-se a lume o estudo do intelectual Eduardo Frieiro (1982), em seu livro intitulado de **Feijão, angu e couve**: “[...] na casa mineira não se deixar sair o visitante sem que lhe ofereça uma xícara de café – elo de cordialidade de convivência social. A recusa pode ser interpretada como desfeita aos donos da casa” (FRIEIRO, 1982, p. 70).

Alana Gouvêa, em sua dissertação de mestrado intitulada **A casa mineira como um canto do mundo**: da inocência de Taunay à universalidade do espaço, defendida no Programa de Mestrado em Letras do UniAcademia, em 2017, discorre sobre os costumes do povo mineiro, ao analisar a obra **Inocência**:

Visconde de Taunay, registrando a vida sertaneja através dessa ficção, mostra os afazeres e os costumes do povo do sertão, preservando as histórias e as suas verdades, trazendo à tona termos regionais, visões de mundo e realidades ímpares. Através desse romance, deixa ver as formas com que se praticava a hospitalidade, a maneira como se recebia o visitante. Assim, as reações interessantes a cada situação se descortinam sem sua narrativa (GOUVÊA, 2017, p. 10).

A autora cita uma passagem que pode, muito a propósito, aproximar-se do que ora discutimos, com relação a **Vida ociosa**:

-Oh! Exclamou o outro todo expansivo, a caminhada é a mesma. Pois, meu rico senhor, eu moro a meia légua do Leal, torcendo à esquerda, e de vosmecê não tem compromissos lá com o homem far-me-á muito favor agasalhando-se em teto de quem é pobre, mas amigo de servir. Minha tapera é pouco retirada do caminho, e quem vem mostrando como o senhor, não tem que andar contando bocadinhos de léguas (TAUNAY, 1981, p. 32).

Na mesma linha de análise, em relação à forte disposição para a boa recepção dos hóspedes, em trecho um pouco à frente, o mineiro da narrativa complementa:

Por toda parte que entra, com efeito, o doutor, penetra no interior das famílias, verdadeiros gineceus; tem o melhor lugar a mesa dos hóspedes, a cama mais macia, é, enfim, um personagem caído do céu [...] e que na chegada desse Messias depositam todas as ardentes esperanças do almejado restabelecimento (TAUNAY, 1982, p. 42).

Outro costume do povo que habita o sertão do Brasil, que perdurou até meados do século XX, e ainda se encontra presente no sertão das Gerais é o hábito de se esconder as mulheres solteiras da família, do convívio com o hóspede que adentra a soleira acolhedora (FRIEIRO, 1982):

Num meio em que tantas mulheres se prostituíam, assim como era pública e geral a concubinação e muitas casadas praticavam o adultério, o extremo recato da família encontrava nesses fatos a sua justificativa. Não eram essas, porém, as razões mais fortes da ocultação da mulher à vista concupiscente de estranhos. Os costumes assentavam, em verdade, na antiga tradição romana da segregação das mulheres no gineceu, enraizadas nos costumes portugueses, conservados puros em Minas [...]. Em obediência à velha tradição, integrada na formação patriarcal da família brasileira, não consentia a ciúmeira do dono da casa no acesso de adultos do sexo masculino ao convívio do lar. Homens não. Amenos que fossem primos ou o padre confessor (FRIEIRO, 1980, p. 79-80).

Esse costume foi trazido para o Brasil pelos colonizadores portugueses e acabou por se enraizar no país, mediante o medo do adultério. Esse costume configurou-se, no hábito do povo da terra de esconder as suas mulheres, salvo as casadas e idosas, do convívio com os homens que não possuíam

parentesco com elas. Os únicos que poderiam ter contato com as moças casadouras seriam os padres confessores ou parentes.

Essa prática aparece no romance **Vida ociosa** de Rangel, no momento da visita de dr. Félix à fazenda de Sô Quim Capitão, um velho conhecido seu, que vivia juntamente com os seus filhos e seu agregado, o Sontonho, na Fazenda da Paineira.

- Fique aqui hoje! – disse ele. – Viroca, manda as meninas desarrear o animal.

As “meninas” eram três bobas, cobertas de molambos, e com farrapos de saias até os joelhos [...]. O almoço já fumegava em terrinões claros, altos como monumentos, na mesa da varanda. Espantava-me de tanta iguaria numa casa aparentemente despovoada, quando começaram a concorrer, de todos os cômodos, os numerosos membros da família. Eram uns homens barbaçudos, de olhar palerma, ainda remelados se sono, e de andar desconjuntado; e eram bojudas figuras de mulheres, mais ou menos matronas, de ar atarefado de galinhas chocadeiras a cuidar dos pintos. Não havia braços sem cria [...]. As três bobas, de volta do curral, passaram para os fundos, carregando os arreios. Essas serviam, almoçando depois na cozinha. [...] As três bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir primeiro; e se não serviam presto, era uma saraivada de epítetos. (...). Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria para os seus aposentos (RANGEL, 2000, p. 90-91, grifo do autor).

É apenas com o transpor da soleira da fazenda do Paineira por dr. Félix que o narrador apresenta as meninas, as três bobas, filhas do fazendeiro, que já haviam passado da idade de se casar e que eram encarregadas, juntamente com o agregado da sua família, das responsabilidades com os afazeres da propriedade.

Porém, quando um homem estranho adentra a soleira da morada de Sô Quim Capitão, as três bobas ficam resguardadas na cozinha da morada, só tendo contato com o hóspede, quando dr. Félix ultrapassa a soleira de sua casa, e na hora de servir a refeição.

No decorrer desse fragmento, torna-se perceptível que o juiz tem um pouco de contato com as senhoras que habitam a casa, sendo elas, Viroca e as noras de seu hospedeiro.

Em **Vida ociosa**, percebemos elementos do patriarcalismo, que se fundamenta na relação de dominação social, baseada na submissão dos empregados e de todos os membros da família ao seu patriarca. Esse hábito,

por sua vez, encontra-se presente nas relações sociais dos homens do sertão brasileiro (BERGAMO; SANTOS; SILVA, 2017).

O patriarcalismo presente no romance de Rangel, é visível a partir da análise da personagem do senhor Próspero:

Aí moram o velho Próspero e siá Marciana, pais de Américo. Já rumando os oitenta ou noventa anos (nem sei quanto!) dão exemplo de serena velhice, sem amarguras contra a vida, nem o pesar de deixá-la. Enquanto pôde, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando a sua atividade começou a declinar e ao peso dos gastos não podia opor equivalente receita. Ingratidões e abusos de confiança levaram-lhe até o último vintém; [...] Paupérrimos, a própria vivenda em que moram é alheia – pertence a um irmão de mais moço de Próspero, fazendeiro “desempenhado”, e tão sovina que, o ceder-lhes por favor essa moradia. [...] Foi este que lhe deu a mão para começar a vida e continuá-la; também foi Claudino quem abocanhou os últimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco compreensíveis e de juros misteriosamente intrincados. Nessa época, como quisesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa descaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixando-lhes o usufruto da casa e de algumas braçadas de terreno. - “Estão velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-se (RANGEL, 2000, p. 6-7, grifo do autor).

O velho senhor, em sua mocidade, fora um grande proprietário de terras e, devido a mazelas do destino, acabou por perder tudo o que tinha, passando, assim, a depender da caridade de seu irmão mais moço, que lhe deu algumas braçadas de terras, para o velho Próspero e sua família poderem morar.

Ao se estudar o romance, são perceptíveis traços de mineiridade na obra de Rangel que, para Liana Maria Reis (2007):

[...] foi e continua sendo construída como um elemento de identidade regional [...] a mineiridade é uma construção imaginária, com base na história, elaborada por uma elite política que se apropriou de fatos históricos regionais e, portanto, de particularidade de uma região de Minas, tornando-a universal, reconhecida pelo brasileiro e mineiros, para preservar-se no exercício do poder, mantendo seus privilégios. Essa elite elaborou uma alto-imagem com atributos originais do passado e reconstruídos para legitimar sua diferença em relação aos outros políticos brasileiros [...]. O imaginário é operacionalizado pelo discurso, pelos ritos símbolos, signos etc (REIS, 2007, p. 89-90).

Esses traços de mineiridade foram e continuam sendo, até os dias de hoje, criados por uma elite, para manter o seu poderio e, assim, manobrar a sociedade. Um exemplo dessa mineiridade construída é a do mineiro desconfiado,

[...] as raízes dessas imagens remetem à história das regiões mineradoras [...]o mineiro da região das minas devia ser esperto, trabalhar sem muito alarde para não chamar atenção, e desconfiado de todos os outros vassallos, fossem senhores libertos ou escarvo (REIS, 2007, p. 91)

O povo que habita as régias das Gerais, como afirma Maria Liana Reis (2007), também é visto como, [...] **caipira, o roceiro** (REIS, 2007, p. 91). Os mineiros são, por sua vez, representados em **Vida ociosa**, pelas figuras das personagens Lourenço e Frederica:

A vastidão dos campos sem veios d'água, dera-me sede. Avistei um ranço à beira da estrada. Defrontando a porta, defendida por um cancelo, gritei pelos moradores. No mesmo instante agitar-se no cômodo da entrada, que também servia de cozinha, uma mulata obesa e velhusca [...]. Nesse momento uma voz de homem chamou da horta: - Frederica. [...] Este nome lembrou-me o sentenciado Lourenço, que matara um homem por ciúmes [...]. E evoquei a figura de Lourenço, demandando a casinhola, meio inchado, deslumbrado do sol a que se desabituara, arrastando de uma perna. Passara trinta anos a antegozar aquele momento (...). Ergue-se a custo e dá "ó de casa". Chegando do fundo, Frederica assoma à porta – Boas-tardes. – Boas-tardes. E ela entreabre a cancela e espera, de pé, no liminar. Ele observa-a em silêncio. O silêncio demora-se. Por fim rompe-o: - Você é Frederica? – Sou. – Eu sou o Lourenço. Recai o silêncio. Observam-se longamente (...) (RANGEL, 2000, p. 82; 84, grifo do autor).

O nome Frederica fez com que dr. Félix se recordasse do sentenciado Lourenço, que, por ciúme de sua amada, acabou por ceifar a vida de um homem e, devido a esse ato de raiva, acabou por ficar encarcerado por mais de trinta anos. Todavia, é mediante esse nome que o juiz acaba por imaginar como ocorreria o reencontro desse desconfiado casal, após 30 anos sem se ver.

Um outro exemplo da mineiridade que se encontra presente no romance **Vida ociosa** foi apresentado na coluna intitulada **Opiniões dos Novos**, publicada pelo **Suplemento Literário do Jornal Minas Gerais**, no exemplar comemorativo do centenário de nascimento de Godofredo Rangel.

É na coluna desse suplemento que Alphonsus de Guimarães Filho discorreu sobre a ideia de que todo bom mineiro é um exímio contador de histórias, tal como as personagens do romance de Rangel. O senhor Próspero, um senhor já idoso, que adorava contar as histórias do tempo em que ele era

um rico fazendeiro e caçador de onças e o dr. Félix, que diferentemente do amigo, acabava por criar, em sua cabeça, estórias, por ele narradas, à família que o hospeda em sua morada:

‘Conte-nos uma história de caça, sr. Próspero.’ [...] O sr. Próspero pigarreou, sorriu, ajeitou-se e começou a história reclamada. Em um velho episódio, num tanto desairoso para os seus foros de caçador feliz. Combinaram uma vez, ele e o Capitão Domiciano, passar a noite num barreiro, à espera da caça (RANGEL, 2000, p. 50, grifo do autor).

Nesse fragmento, o narrador conta-nos que dr. Félix pede que o senhor Próspero lhe narre uma de suas inúmeras histórias de caçadas, da época em que ele era um jovem aventureiro, caçador de onças.

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorando por aquelas criaturas simples. Mas, para escandalizá-los, pus-me a narrar: - Acredito que sintam essa falta ... Nossa capacidade afetiva é tão grande, que às vezes se estende a causas mínimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou (RANGEL, 2000, p. 37).

O dr. Félix, por sua vez, é um grande inventor de estórias, e um exemplo dessas narrativas, por ele relatadas, é a estória do dr. Formiguinha, uma formiguinha doceira que todo dia passava em cima de sua mesa de trabalho:

Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquelas criaturas simples. Mas, para escandalizá-los, pus-me a narrar: - Acreditam que sintam essa falta ... Nossa capacidade afetiva é tão grande, que às vezes se estende a cousas mínimas. Lembra-me o caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou. Aparecia em certa hora da noite, à hora em que habitualmente escrevo. Surgia de um ângulo da mesa, atravessava-a em diagonal, passando sobre o papel, e quebrava além outra aresta, sumindo-se até o dia imediato. Foi assim muitas noites. Acostumei-me à formiguinha e, ao avizinhar-se a hora de seu aparecimento, tornava-se inquieto, expectante, fugiam-se as ideias, e nada mais podia fazer, até que surgisse, lépida, ligeira, alegrando o papel com seu passinho miúdo, a minha querida amiguinha [...]. Todos escutaram sorrindo minha história (RANGEL, 2000, p. 37-38).

Essa estória é apenas imaginada pela personagem, pois ele possuía a intenção de escandalizar os amigos do Córrego Fundo.

Na leitura de **Vida ociosa**, percebe-se uma leve ironia na escrita do autor, que, como discorreu Enéas Athanázio, no ensaio intitulado **Godofredo**

Rangel, e publicado pelo **Suplemento Literário** em 1989: “[...] nas suas obras não há rancor, ou ódio; quanto muito uma leve ironia” (ATHÁNÁZIO, 1989, p. 10).

Ao descrever a personagem principal do romance, o dr, Félix, percebe-se a ironia do narrador, ao se comparar o perfil traçado da personagem, com o significado do seu nome, retirado do livro intitulado de **Dicionário de Nomes Próprios**: mais de 3000 nomes próprios masculinos e femininos, de autoria de Orlando Neves (2002).

Conforme descrito no citado Dicionário de Orlando Neves (2002), o nome Félix é originário do latim e significa uma pessoa fértil e feliz, muito diferente da personagem construída por Rangel em **Vida Ociosa**, que é apresentada pelo narrador como uma pessoa solitária: “- Um homem solteiro morando sozinho num casarão destes! – admirou-se Siá Marciana” (RANGEL, 2000, p. 103), e, devido a sua constante solidão, acaba por transitar pelas estradas do sertão das Gerais, sempre que se sente ocioso, com o intuito de rever velhos amigos e de contemplar a natureza.

A personagem também é apresentada pelo narrador como uma pessoa muito amada pelos amigos: “Abracei os velhos, que tropegamente vieram ao meu encontro (...). - Se soubesse a falta que nos faz, viria todo o dia – rematou Américo” (RANGEL, 2000, p. 12 -13). Nesse pequeno fragmento, percebe-se a falta sentida e o carinho que a pequena família nutre pelo amigo.

Ainda desta vez o dia arrastava-se numa lentidão deliciosamente aborrecida. Vive-se mais, na fazenda do Córrego Fundo, que no resto do obre. Invento mil modos de encher tempo e ainda há sobra para uma semana *farniente*. Maravilha da Vida Rural (RANGEL, 2000, p. 39).

Dr. Félix é um amante da natureza e, somente no contato com o campo o juiz consegue o sossego por ele almejado, para, assim, poder refletir sobre a sua vida.

Se compararmos as características descritas pelo narrador do romance sobre a personagem com o significado do nome dela, é possível perceber uma leve ironia rangelina, pois a personagem é ao leitor apresentada como uma pessoa infeliz e solitária, somente quando está em sua casa, na cidade grande.

É com a acolhida hospitaleira de seus amigos do Córrego Fundo que o Doutor acaba com a sua solidão.

Orlando Neves (2002) discorre sobre a ideia de que o nome Américo significa homem trabalhador, o chefe da família, diferentemente da personagem Américo, que é a apresentada pelo narrador do romance como uma pessoa feliz e ansiosa, à espera da chegada de seu amigo, à fazenda onde mora. Américo, também, é retratado como um artista que utiliza as paredes de sua casa para pintar as imagens dos peixes pescados por seu pai, no rio que circunda o terreno da fazenda do Córrego Fundo:

Penetrando a sala de entrada, depus o chapéu sobre uma mesa, negra de uso, chata e larga, desse estilo esparramado dos antigos estrados e arcas de guardar cereais. Relanceei as paredes fuliginosas, cobertas de desenhos de grandes peixes: dourados ao natural, piabas de três palmos, mandis gigantes ainda com os ferrões alvoroçados e barbatanas em leques, prontos para a defesa – registro fiel das felicidades de pesca do velho Próspero, que Américo perpetuara sobre a cal, carvão e urucu (RANGEL, 2000, p. 12).

Esse fragmento conta com uma descrição sobre a sala da fazenda do Córrego fundo. Além dessa descrição, o narrador também discorre sobre as pinturas feitas por Américo.

Américo, apesar de seus quarenta anos, era ainda uma espécie de filho-família. Na fazenda sua única função consistia em gerir a vendola, que abria a porta exígua para a estrada [...]. Na época que todo mundo se casa, ele esqueceu o matrimônio, todo embebido em resolver o problema do infinito do tempo e do espaço [...]. Américo fora toda a vida o orgulho da família, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior. [...] – O Américo não é como qualquer um, ele tem qualquer coisa aqui – dizia ainda o pai, dando pancadinhas na cabeça. – Ele é porque nunca saiu da roça, senão poderia ser hoje médico, advogado ... ou ... ou mesmo professor (era uma escala ascendente) (RANGEL, 2000, p. 15-17).

O narrador segue, apresentando Américo como um homem muito inteligente, que privilegiou os seus estudos autodidatas ao casamento, “[...] na época em que todo mundo se casa, ele esqueceu o matrimônio, todo embebido de resolver o problema do infinito do tempo e do espaço” (RANGEL, 2000, p. 16), tornando-se, assim, uma espécie de filho-família, pois, mesmo rumando aos quarenta anos, ainda morava com os seus pais na velha casa da Fazenda do Córrego Fundo. A sua única função, na propriedade, era a de abrir o trinco

do portão de entrada da fazenda, deixando o trabalho árduo a cargo de seus pais que são os seus maiores incentivadores: “Américo fora toda a vida o orgulho da família, o seu grande homem; e todos lastimavam que não houvesse seguido uma carreira superior” (RANGEL, 2000, p. 16).

Ao comparar o significado do nome Américo com a descrição realizada pelo narrador da personagem estudada, torna-se perceptível a ironia rangelina, no que concerne à análise do nome e da descrição. A personagem é, por sua vez, apresentada como uma pessoa acomodada e que não faz nada em sua casa, além de estudar, diferentemente do que esclarece significado do seu nome.

Ao debruçar-se sobre a investigação no que tange à personagem Américo, torna-se perceptível uma outra ironia do autor:

De espírito fundamentalmente científico, ansiava por abordar questões de maior tomo [...]. – Dr. Félix, quero um particular com o senhor. Nunca fui amante de conversas reservadas [...]. Sendo, porém, conhecida a natureza inofensiva do que me solicitava o bom Américo, acedi. Em consequência, meu amigo travou-me o braço e conduziu-me a seu quatinho (RANGEL, 2000, p. 14).

Essa ironia fundamenta-se no fato de Américo ser **um gênio enciclopédico**, que apenas encontra em seu amigo, o dr. Félix, um ouvinte forçado para as suas conjunturas intelectuais. Na verdade, o doutor só o ouve, pois nutre por ele um grande apreço, uma verdadeira amizade.

De acordo com o já citado **Dicionário de nomes próprios** (2002), o nome Próspero origina-se do latim e significa uma pessoa afortunada, ou melhor dona de uma grande fortuna. Contudo, a personagem do velho Próspero é descrita no romance como um senhor de idade, com mais de oitenta e poucos anos.

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios oblíquos e comidos de cupim. Vergastadas dos temporais e corroídas polegada a polegada pela ação erosiva do tempo, as paredes raras vestígios mostram da última mão de cal levada vinte anos antes. [...] Aí moram o velho Próspero e siá Marciana, pais de Américo. Já rumando os oitenta ou noventa anos (nem sei quantos!) dão exemplo de serena velhice, sem amargura contra a vida, nem o pesar de deixá-la. Enquanto pôde, o velho trabalhou. Foi fazendeiro, teve grandes rebanhos de gado e extensos alqueires de plantações; mas, por ser bom e confiante, o que tinha foi-se rapidamente, quando sua atividade começou a declinar [...]. O velho Próspero foi caçador

apaixonado. Quando lhe peço que me conte trechos de sua vida vêm estes, as mais das vezes, misturados com episódios de caça (RANGEL, 2000, p. 6-7).

Em sua juventude, o senhor Próspero foi um homem muito rico, mas, devido a mazelas do destino, acabou por perder toda a sua riqueza, ficando, assim, à própria sorte e sem nenhum vintém no bolso. Contudo, o velho senhor nunca perdeu a sua felicidade e nem sua fé nos outros, ou a esperança de dias melhores.

A ironia presente no nome de Próspero torna-se perceptível, a partir da análise do significado do nome da personagem, se comparado ao perfil da mesma, narrado em **Vida ociosa**.

Há, também, passagens irônicas presentes na figura de senhor Próspero. A primeira refere-se não à personagem Próspero, em si, mas, sim, à pobreza que abalou a vida do bom senhor e de sua esposa, fazendo-os perder tudo o que outrora vieram a possuir.

Paupérrimos, a própria vivenda em que moravam é alheia – pertence a um irmão mais moço de Próspero, fazendeiro “desempenhado”, e tão sovina que, o ceder-lhes por favor essa moradia, torna a todos boquiabertos. Os velhos nunca se queixaram; mas sei que o proprietário, o major Claudino, não os deixa em completo sossego. É uns dez anos mais moço que Próspero. Foi esse quem lhe estendeu a mão para começar a vida e continuá-la; e também foi Claudino quem abocanhou os últimos restos de sua fortuna, valendo-se de contas pouco compreensíveis e de juros misteriosamente intrincados. Nessa época, como quisesse expulsar os velhos da fazenda, levantou essa descaridade tal clamor entre os conhecidos e parentes, que Claudino cedeu, a contragosto, deixando-lhes o usufruto da casa e algumas braçadas de terreno. – “Esses velhos, pouco hão de durar”, dizia para conformar-se (RANGEL, 2000, p. 6-7, grifo do autor).

A ironia, nesse pequeno fragmento do texto, dá-se pelo fato de os dois idosos ainda não terem falecido, causando, assim, uma grande impaciência em Claudino. Isso se torna visível pela ironia presente na fala de velho Próspero, pedindo para que o irmão tenha um pouco mais de paciência com ele e com a prima, pois os dois logo iriam descansar na eternidade:

Mas os velhos resistem valentemente aos embates dos anos e Claudino com isso impacientava-se, diz impertinências, recama contra o descalabro crescente de tudo e quer levá-los para a sua própria casa. Próspero limitava-se a replicar sorrindo e sem levar a mal: “Tem paciência, mano! Espera mais um pouco. Para o ano eu e

a prima já estamos pescando mandis no rio da eternidade...”
(RANGEL, 2000, p. 7, grifo do autor).

Ainda nesta linha de análise, outra face irônica, presente em **Vida ociosa**, e que se relaciona com a figura do velho Próspero, é a sua deficiência auditiva.

- Ando mais surdo esses dias, doutor, e receio que minha prosa o incomode. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu também não gostava muito e só conversava por espírito de caridade. Por isso julgo os outros por mim ... (RANGEL, 2000, p. 21).

Nesse pequeno excerto, o senhor Próspero conta ao dr. Félix que está ficando surdo e que entende que este não queira mais ficar longas horas conversando com ele. Destaque-se que, quando era mais jovem, o velho Próspero apenas conversava com essas pessoas por caridade:

- Às vezes entristece-me um bocado. A gente, quando vai ensurdecendo, também vai ficando isolado. O som é um dos encantos da existência, e, sentir-se ele esmorecer em torno de nós, é como sentimos o afastar da vida. Com o som, os homens nos fogem, de sorte que vamos ficando trancados no silêncio, com em nova espécie de deserto (...) (RANGEL, 2000, p. 21).

O velho Próspero, também conta a dr. Félix como está se sentindo com essa surdez que o acometeu na velhice. A ironia de Rangel fundamenta-se, quando siá Marciana caçoa dos problemas auditivos do seu esposo, pois, para a boa senhora, o senhor Próspero utiliza desse acontecimento para poder ficar mais próximo das caboclinhas que visitam a Fazenda do Córrego Fundo: “– Isso da surdez do meu velho, dr. Félix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui às vezes umas caboclinhas bonitas e, com a desculpa de não escutar, ele as vai renteando com desembaraço” (RANGEL, 2000, p. 21). A ironia rangelina fundamenta-se com a fala do velho Próspero: “– Tudo nesse mundo tem a sua compensação. Essa é a da surdez. Deus quando dá o mal, também dá o consolo ...” (RANGEL, 2000, p. 21).

Outro exemplo de ironia rangelina é percebido no capítulo intitulado **Uma história de caçadas**, no qual o velho Próspero conta ao dr. Félix uma de suas histórias do tempo em que era um jovem caçador de onças:

É preciso, porém, que seja homem de coragem e use certas prevenções. Ora, para isso, era ótimo companheiro o Capitão Domiciano, pois mais de uma vez haviam-se arriscado em sombrias tocas de feras e acampando semanas em serras bravas, à caça de macucos (RANGEL, 2000, p. 50).

Aqui, o narrador discorre que, para ser um bom caçador de feras, a pessoa deve ser um homem de coragem, pois os caçadores podem ficar acampados durante semanas na floresta fechada, à espera de sua caça.

Depois, do jantar chegou à fazenda, muito açodado, o Vigilato, nosso parente longe. “Soube que vão ao barreiro?” perguntou. Respondemos que sim. “Pois vim para caçar com vocês.” “Impossível! o jirau **uma espécie de prateleira de paus encruzados, numa árvore. Estiva-se bem estivado, fazendo-se como um assoalho e dos lados levantam-se, parapeitos. Fazem-se para uma ou duas pessoas. Aí pode-se dormir. No caso, desse jirau construído pelo empregado de senhor próspero**, dá apenas para dois. Se avisasse mais cedo ...” “Não seja essa a dúvida! arranjar-me-ei de qualquer modo.” Pense que fosse gracejo, porque era de gênio brincalhão e pouco dado de aventuras. Mas teimou que ia, que ia ... (RANGEL, 2000, p. 52. Grifo nosso).

O senhor Próspero explica para o juiz o que viria a ser um jirau, uma espécie de esconderijo de caçadores, onde eles ficam escondidos à espera de sua caça. Nessa pequena parte do texto, o velho senhor acrescenta o caso de seu parente Vigilato, quando esse apareceu, repentinamente, na fazenda de Próspero, afirmando que iria, com ele e o Capitão Domiciano, caçar. Próspero tentou convencê-lo a não ir, pois sabia que o parente era “pouco dado a aventuras” (RANGEL, 2000, p. 51).

Fez-se outra vez o silêncio ... e, no silêncio, muito longe, rouquejou um urro sinistro. (...) – A bicha aí vem – murmurou o capitão. Passou-se um espaço de calada absoluta. No céu sem brisa imobilizam-se as ramas das árvores, negras e como petrificadas. Apenas longe em longe um lufo manso corria um frêmito pelas franças sombrias. E aquilo prolongava-se, sem termo ... “Má noite!” pensavam os caçadores. [...] – É a pintada - avisou Próspero. [...] Com o “pst” a onça olha para cima. Domiciano assusta-se e um seu movimento instintivo falseia um pau do estaleiro, e o estaleiro, mais dois caçadores, desabam fragorosamente sobre a onça ... A fera, surpreendia, atira-se, de salto, para a árvore onde está Vigilato. Vigilato despenha-se, num berro [...]. E tropeçando no escuro, aos tombos, aflitos, a olhar para trás, fugimos correndo quanto podíamos, quase sem rumo, extraviados na escuridão da mata (RANGEL, 2000, p. 53-54, grifo do autor).

O narrador discorre sobre como se deu a caçada da pintada que, por sua vez, não foi bem sucedida, já que os destemidos caçadores, ao ouvirem o rugido da fera, amedrontaram-se e puseram-se a correr em disparada, para fugir do feroz animal. A ironia presente nesse capítulo fundamenta-se pelo desespero e o medo dos caçadores corajosos, pois, como afirmou o senhor Próspero, para ser um caçador de onça, a pessoa deve ser um homem de coragem. Não foi o que ocorreu com os três valentes caçadores.

Uma das principais ironias presentes no romance, encontrasse redigida no capítulo intitulado **O hospede**:

O sr. Almeida vegetou trinta anos numas bibocas infrequentedas do sul de Minas. Assim vegetara seu pai, seu avô, seu bisavô, e assim vegetariam mais tarde os filhos, se os tivesse; mas era apenas pai de nove filhas casadeiras, as mais velhas bem passadinhas e, as mais moças, umas passando e outras no viço e frescor dos melhores anos. [...] Gostava de passar os dias pitando o seu cigarrão de palha, um toco babujado que lhe filtrava doce quietude à alma, de envolta com a fumarada, acororado perto de uma bacia com brasas, a ralhar com os crioulinhos e a gritar com as nove; compreendia agora, porém, que sua vida não podia cifrar-se naquilo. [...] O proprietário de um grande hotel, numa vila de águas, desejada pôr lavoura; o sr. Almeida deu o que tinha pelo hotel e freguesia, e despediu-se definitivamente do ermo agrícola. [...] Pois um hotel, em tal ponto, é frequentado pelo escol da sociedade carioca e paulista, e ali, pondo à vista dos pensionistas as nove virtudes guerreiras enrijadas na vida da roça, não lhe seria difícil achar bons partidos matrimoniais (RANGEL, 2000, p. 27-28).

Nesse capítulo, o narrador conta a história da personagem do sr. Almeida, um homem de origem humilde, que dispõem de suas economias para comprar um hotel, no interior de Minas Gerais, com o intuito, tanto de melhorar de vida, quanto de arrumar pretendentes para as suas nove filhas. Todavia, a ironia rangelina é apresentada, através da figura da personagem do Senhor Garcia, um homem da cidade grande que procura o sossego do interior de Minas Gerais e, por isso, decide se hospedar no Grande Hotel, à procura de um retiro bucólico para descansar e pensar em sua vida.

[...] o Grande Hotel andava desconceituado [...]. Tinha o prédio corredores imensos, quartos sem conta, refeitórios amplos, era tudo largueza e amplidão, mas não apareciam veranistas que lhe vissem despertar o silêncio claustral, animado aqueles corredores, longos e vazios como artérias cortadas, com um pouco de sangue corrente de gente viva. [...] Um dia, não se sabe como, surgiu lá o primeiro hóspede, homem dos seus quarenta. Foi um rebuliço na casa. O sr.

Almeida gaguejava e atarantava-se, e as nove musas, passadinhas ou não, ficaram num alvoroço de aleluias em tarde estiva, a trançar estonteadamente pela casa, numa boa vontade de servir e agradar, que era para pôr um homem rendido. O sr. Garcia (este o nome do hóspede) não podia queixar-se de mau tratamento [...]. Com a chegada ao Grande Hotel, fez-se ali, na sua paz morta e atmosfera de estupor a vida que ele evitava. (...) Se o hóspede queria água, o sr. Almeida berrava para os fundos: “Água para o sr. Garcia!” A casa toda agitava-se, havia correrias, balburdia, rumor de lutas, trinclidos de copos, gritos com um eco: “Água para o sr. Garcia!” [...] O sr. Garcia ali viveu, adorado, bem-querido, adivinhado, amimado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tonava-se insustentável; com o receio de levantar celeuma, ele procurava conter até as mais urgentes necessidades corporais. Chegava a passar fome e sede. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente agravado, e com a obsessão das mais téticas ideias, saiu do hotel sub-repticiamente, deixando a conta paga sumiu para sempre (RANGEL, 2000, p. 28-29, grifo do autor).

De acordo com Lucio Ginover (2006), “[...] a hospitalidade supõe a acolhida; é uma das leis superiores da humanidade, [...]. Acolher é permitir, sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço” (GINOVER, 2006, p. 31).

Sendo assim a **hospitalidade**, como discorre Altamir Celio de Andrade (2012), em seu artigo **Narrativas sobre hospitalidade: algumas cenas n’O Hobbit e na Bíblia**, alude ao fato de que esse gesto de autorização da entrada do forasteiro, no território do Eu, ocorre quando o hospedeiro (o de casa) acaba por se tornar o hóspede daquele que adentra a sua morada, enquanto este torna-se o que hospeda o seu hospedeiro.

o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece *na* sua própria casa, ele a recebe *de* sua própria casa – que no fundo não lhe pertence (DERRIDA, 2004, p. 57-58, grifos do autor).

Com isso, a entrada do hóspede, na morada acolhedora, obriga o hospedeiro a mudar de lugar. Sendo assim, o hospedeiro torna-se o hóspede do outro,

[...] habitação se abre a ela mesma, a sua ‘essência’ sem essência, como ‘*terra de asilo*’. O que acolhe é sobretudo acolhido em si. Aquele que convida é convidado por seu convidado [...] o hospedeiro que recebe (*host*) aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido (*guest*), o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece *na* sua própria casa, ele a recebe *de* sua própria casa – que no fundo não lhe pertence. O

hospedeiro como *host* é um *guest*. A habitação se abre a ela mesma, a sua “essência” sem essência, como “*terra de asilo*”. O que acolhe é sobretudo acolhido em si. Aquele que convida é convidado por seu convidado (DERRIDA, 2004, p. 57-58, grifos do autor).

Segundo Lucio Ginover (2006), em seu artigo **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade**, esse gesto de autorização seria “[...] uma relação especializada entre dois atores: aquele que recebe e aquele que é recebido” (GINOVER, 2006, p. 31), portanto, ela se concretiza com a entrada do outro, no território do eu. Sendo assim, Simone Bernard-Griffiths (2011), em seu artigo **Rusticidade e felicidade** discorre sobre a seguinte ideia:

A mais constante, porém, e a mais distintiva das características da hospitalidade que nos ocupa reside, sem dúvida alguma, na constância do afastamento. Afastamento espacial, para começar. Antes de abrir suas portas, a choupana acena de longe (BERNARD-GRIFFITHS, 2011, p. 457).

Nessa ideia, o hóspede afasta-se de sua morada, do local onde ele se sente seguro e vai procurar acolhida da soleira do outro. A ironia é apresentada pelo narrador, uma vez que, em vez do sossego pretendido pelo hóspede, ao se hospedar no Grande Hotel, ele encontra, no lugar, um local bastante acolhedor, só que deveras tumultuado e barulhento:

[...] a hospitalidade implica, portanto, obrigatoriamente, a penetração num espaço e a instalação de um ritual de acolhida. Para o *hospitus*, o hóspede de passagem, trata-se de ser admitido na soleira e, depois, interior: o espaço a ser penetrado pode ser um espaço geográfico – em seus dois componentes, urbanos e domésticos – um espaço psíquico – a penetração num território no território do outro. [...] O gesto de hospitalidade não é nem confortável nem espontâneo [...] é um rito de passagem ou de iniciação dos vínculos sociais (GRASSI, 2011, p. 45-46, grifo do autor).

Levando em conta o conceito de hospitalidade, apresentado por Marie-Clarie Grassi (2011), torna-se perceptível o modo acolhedor com que a humilde família recebe o seu hóspede em sua soleira²¹: “Então, dr. Félix! tardou mas sempre apareceu’ – repetia-me Américo exaltado [...] Abracei os velhos, que tropegamente vieram ao meu encontro. (...) – Se soubesse a falta que nos faz, viria todos os dias – rematou Américo” (RANGEL, 2000, p. 12-13). Mais à

²¹ Soleira é a parte inferior do vão da porta feita de madeira, pedra ou mármore (BUENO, 1996).

frente, esse aspecto também pode ser verificado no seguinte trecho da obra *rangelina* em estudo:

Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, espécie de dádivas tira-remorsos, com que concorria, sem ciência dos velhos tempos, para o custeio da casa, a fim de reparar o rombo que davam minhas visitas à caixa comum; este dinheiro aparecia como renda do negócio mal sortido. Américo meio distraído, e lançado um olhar vago para fora, enfiou o rolete no bolso (RANGEL, 2000, p. 26).

Apesar dessa relação de acolhida hospitaleira da família para com o seu hóspede, o mesmo se sentia na obrigação de retribuir o favor, pois, toda vez que perpassava a soleira da morada acolhedora, pagava por sua acolhida

- Senhor doutor, licença para três! – exclamou a voz da velha.[...] Era a primeira vez que os via na cidade. Viviam tão consigo e ilhado na sua pobreza, amavam tanto seus hábitos tranquilos, que a novidade quase me alarmou. [...] Ofereci-lhes cadeiras, nas quais silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos. Raras frases proferiram, como se os ganhasse uma grande preocupação e, a miúdo, trocavam olhares de inteligência, que me intrigavam [...]. – Américo, dê-me a caixinha. [...] – Senhor doutor, nós temos contas velhas a ajustar. Faz alguns anos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hóspede e sim como filho. No entanto, o senhor – e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente – de cada vez que nos visita deixa um pacote de pratas, como se lhe cobrássemos nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebê-las, para pô-lo mais à vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto há meses, há anos, esperando que não a levasse a mal. [...] – O senhor é muito orgulhoso – e o dedo brandiu de novo – muito mesmo, por isso, como não queria o nosso feijão, também orgulhoso de pobres! não queríamos as suas pratas. Se tivéssemos recursos, nossa vingança seria fazer-lhe um belo presente; não sendo isso possível, eu, notando que em seus dedos faltava alguma coisa, disse à prima: “Vamos juntando as pratas da *hospedagem* (senti na face o grifo da palavra) e lhas devolveremos sob a forma de um anel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos”. E aqui está, senhor doutor Félix, a vingança dos seus piraquaras ... (RANGEL, 2000, p. 103-104, grifo do autor).

A ironia que circunda a hospitalidade presente na obra concretiza-se, primeiramente, no que concerne ao pagamento deste gesto de acolhida realizado pelo dr. Félix a Américo. Caracteriza-se como uma forma de ressarcimento pelos gastos que a família tem com ele, toda vez que ele transpassa a soleira da morada acolhedora.

A ironia, por sua vez, acaba por se concretizar no presente entregue pela família de Senhor Próspero ao dr. Félix, comprado com o dinheiro que seu hóspede integrava para pagar a sua aceitação na morada:

- Decerto. Castigaram-me por não aceitar seu feijão. Precisam de castigo por enjeitarem minhas pratas [...]. – Senhor professor, aceite meus cordiais parabéns! Américo leu – tremeu-lhe a mão, tremeu-lhe o beijo, ficou pálido e sem fala [...]. Estava um tanto teatral, mas era sincero; mais do que eu que, em vez de rejubilar com o seu jubilo, divertia-me com a situação, que me obrigava a atitudes de quinto ato. Essa cousa tão importante para Américo, para mim pouco significava, pois, criar uma escola rural no Córrego Fundo e nomeá-lo professor, não fora êxito em que dependesse grande esforço, graças a certas facilidades de ocasião e ao influxo de prestantes intermediários. [...] Américo, tartamudeava este que nunca ousara esperar que se realizasse um dia o seu sonho secreto (RANGEL, 2000, p. 104-105).

Seguindo essa linha, o jurista concede uma vingança à pequena família, por esta não ter aceitado o dinheiro que lhes dava pôr receberem-no em sua soleira, e partilhar com eles o seu próprio alimento. O juiz concede, ainda, o maior desejo de Américo e de seus pais, um local em que o gênio enciclopédico pudesse dar aulas. Com isso, dr. Félix cria uma escola rural na região que circunda o Córrego Fundo.

A partir da análise do romance, torna-se perceptível que o escritor é “[...] um grande conhecedor da linguagem. Sua linguagem é depurada, clara e concisa” (ATHANÁZIO, 1989, p. 10). Enéas Athanázio também afirma que Godofredo Rangel era um “[...] artesão das letras, adepto fervoroso da precisão vocabular, cada palavra era buscada com empenho para expressar uma ideia exata” (ATHANÁZIO, 1988, p. 4).

3.2 A MESA DEPOIS DA SOLEIRA: O INTERIOR

A região das Gerais é conhecida pela sua identidade cultural que se apoiou na ideologia do que é a mineiridade, do homem do interior que cria histórias e conta seus causos. Essa identidade fundamenta-se a partir da visão que se possui do mineiro, considerando-o um ser desconfiado por natureza, com relação às situações que permeiam a sociedade como um todo (REIS, 2007). A imagem do povo mineiro, conforme Lorena Luize Silva Dias e Maria Aparecida Teixeira Lamounier (2018), é por sua vez, vinculada à:

figura do fogão à lenha, com painelas grandes e tachos fumegantes, com seus cheiros inconfundíveis. Esse cenário demonstra uma influência do passado histórico de Minas Gerais e algumas características de seus habitantes (DIAS; LAMOUNIER, 2018, p. 2).

Adiante, na análise ligada às Minas Gerais, João Guimarães Rosa (1908-1967), em seu clássico texto intitulado **Aí está Minas** (1957), assim descreve o mineiro:

Acostumaram-nos, entretanto, a um vivo rol de atributos, de qualidades, mais ou menos específicas, sejam as de: acanhado, afável, amante da liberdade, idem da ordem, anti-romântico, benevolente, bondoso, comedido, canhestro, cumpridor, cordato, desconfiado, desinteressado, discreto, escrupuloso, econômico, engraçado, equilibrado, fiel, fleumático, grato, hospitaleiro, harmonioso, honrado, inteligente, irônico, justo, leal, lento, morigerado, meditativo, modesto, moroso, obstinado, oportunidade (dotado do sendo da), otário, prudente, paciente, plástico, pachorrento, [...] roceiro, secreto, simples, sisudo, sensato, sem pressa nenhuma, sagaz, sonso, sóbrio, trabalhador, tribal, taciturno, tímido [...]. Reconheço, porém, a aura da montanha, e os patamares da montanha, de onde o mineiro enxerga [...]. O mineiro é velhíssimo, é um ser reflexivo, com segundos propósitos e enrolada natureza. É uma gente imaginosa, pois que muito resistente à monotonia [...]. Mas nunca é inocente. O mineiro traz mais individualidade que personalidade. Acha que o importante é ser, e não parecer, não aceitando cavaleiro por argueiro nem cobrindo os fatos com aparatos. [...] é um idealista prático, otimista através do pessimismo [...]. Atencioso, sua filosofia é a da cordialidade universal, sincera; mas, em termos. [...] Desconhece castas. Não tolera tiranias, sabe deslizar para fora delas. Se precisar, briga. [...] Não acredita que coisa alguma se resolva por um gesto ou um ato, mas aprendeu que as coisas voltaram, que a vida dá muitas voltas, que tudo pode tornar a voltar (ROSA, 1967, p. 3).

Rosa (1967) descreve inúmeras características com que o mineiro é visto pela sociedade brasileira. A visualização do **Outro** pelo **Eu** acaba por criar diversas identidades sociais dentro de um território, como ocorreu com o Brasil, e essas novas construções de identidade sociais assentam, assim, inúmeras diferenças culturais, dentro de um mesmo país. Um exemplo disso é a grande miscigenação cultural do povo brasileiro, formado por várias identidades culturais, tais como: baiana, carioca, paulista, gaúcha, entre outras (DIAS; LAMOUNIER, 2018).

A cultura de Minas contribui muito para a configuração da construção da identidade do povo brasileiro, juntamente com os diversos povos e etnias que ajudaram e ajudam na construção cultural desse país. A História testemunha a

presença dos povos africanos, que vieram obrigados para essa emergente nação, dos colonizadores portugueses e dos povos europeus que vieram para o Brasil em busca de terras e melhores condições de vida, tais como: italianos, alemães, dentre outros. Além desses, há os povos indígenas que deram forma, cultura, e estão na base de costumes e da culinária que enriquecem cada canto da nação (DIAS; LAMOUNIER, 2018). Nota-se, assim, que:

[...] a afirmação das identidades nacionais é historicamente específica [...], a emergência dessas diferenças identitárias e históricas; ela está ligada em um ponto específico do tempo. Uma das formas pelas quais as identidades estabelecem suas reivindicações é por meio do apelo a antecedentes históricos (WOODWARD, 2008, p. 11).

Minas Gerais foi fundada no século XVI pelos bandeirantes paulistas que adentraram nos sertões do Brasil, à procura, inicialmente, de índios e negros fugidos e, posteriormente, terminaram por se embrenhar nos sertões, em busca de ouro²² e metais preciosos (DIAS; LAMOUNIER, 2018).

A descoberta dessas riquezas gerou no atual estado de Minas Gerais um grande fluxo migratório, tanto de brasileiros vindos, principalmente, da região da Vila de São Paulo do Piratininga, quanto de brasileiros oriundos do nordeste do país. Houve, também, um grande fluxo migratório de portugueses que vieram para a colônia (DIAS; LAMOUNIER, 2018).

Foi graças a esse grande fluxo de colonizadores que se acabou por fundar o estado das Gerais, a identidade social e o costume desse povo. Um desses costumes é o ato hospitaleiro do mineiro de receber, em sua mesa, para um café, o hóspede que ultrapassa a soleira acolhedora de sua casa²³ (FRIEIRO, 1982). Esse gesto é denominado **comensalidade**, que, por sua vez, encontra-se ligado ao conceito de **hospitalidade**. Ambos os atos encontram-se presentes no romance **Vida ociosa**, de Godofredo Rangel.

Um exemplo de **acolhida na mesa** encontra-se inserido no convite que o narrador conta de siá Marciana, quando a boa senhora convida o seu

²² O ouro tradicionalmente é considerado como metal mais precioso e perfeito, podendo ser considerado também como o símbolo da “perversão e da exaltação impura dos desejos” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 671, grifo do autor).

²³ A casa está no centro do mundo, ela é a imagem do universo “[...]. O exterior da casa é a máscara ou a aparência do homem; o telhado é a cabeça e o espírito, o controle da consciência: os andares inferiores marcam o nível do inconsciente e dos instintos; a cozinha simboliza o local das transmutações alquímicas, ou das transformações psíquicas, isto é, um momento de evolução interior” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 196-197).

hóspede e os seus familiares para tomar um pouco de café: **O café está na mesa! Não o deixe esfriar!** (RANGEL, 2000, p. 19).

No capítulo intitulado **Ao café**, o narrador discorre sobre as relações de sociedade e **entono de uma refeição** presentes na interação da família do Córrego Fundo para com dr. Félix, que é autorizado a transpassar a soleira da morada acolhedora e a assentar-se à mesa:

Fomos ao café. Atravessando a casa, aspirei com prazer o recender a vassoura verde, que impregnava o ambiente, deixado pela varredura [...] Na larga mesa da sala de entrada já estava o bule fumegante, rodeado de pequenas canecas de louça e tigelinhas desbeijadas, com letreiros: “Saudade”, “Amizade”, tudo sobre uma grande salva de prata, última alfaia preciosa dos velhos tempos de abundância, relíquias de família, que desde época imemorial vinha de pais a filhos. “Minha cadeira”, forrada com couro de cachorro-domato, fora removida para ali. Ouviu-se na cozinha um estalejar de gordura frita e dali a instantes surgiu siá Marciana [...]. Abanquei-me ao lado de Próspero, que estava sonolento sentado diante de um canecão cheio até à borda. Siá Marciana intencionalmente ofereceu-me a tigelinha “Amizade” e passou-me os biscoitos fritos [...]. Sem cerimónia, pus diante de mim uma pirâmide de biscoitos e fiz o parto, sensivelmente diminuído, continuar o giro. [...] O velho Próspero bebia silencioso, com a unção de quem segue um ritual (RANGEL, 2000, p. 20, grifo do autor).

Nessa passagem do livro, apresenta-se a figura da **comensalidade** presente no romance analisado. A análise desse conceito é possível, a partir do convite de siá Marciana, tanto para a sua família, quanto para o seu hóspede, onde a idosa os convida para compartilhar a refeição por ela preparada.

Esse gesto de acolhida hospitaleira também se torna mais perceptível quando siá Marciana serve ao seu convidado um prato de biscoitos fritos, preparados por ela mesma e um bule de café. Esse café foi servido nas relíquias de sua família, materializadas nas tigelas com as inscrições amizade e saudade. As relíquias eram guardadas pela senhora, desde o tempo em que ela e o marido ainda possuíam inúmeros bens. Tal fato acaba mostrando a relação de afetividade entre a boa senhora e o seu hóspede, pois as relíquias são guardadas não apenas como um símbolo de opulência, mas, sim, pelo apreço que a família acolhedora tem pelo hóspede que adentra a sua morada.

Isso é refletido no ato de acolhida, na mesa hospitaleira, pois a mesa simboliza a reunião de um grupo de pessoas que dividem uma refeição, e é em

torno dela que as pessoas criam e fortalecem os seus laços afetivos. No que tange às relações de sociabilidade que a envolvem (BRILLAT-SAAVARIM, 2010):

[...] encontramos frequentemente reunidos em torno da mesa em todas as relações que a extrema sociabilidade introduz entre nós: o amor, a amizade, os negócios, as especulações, o poder, a as solicitações, o protetorado, a ambição, a intriga. Por isso, a convivência tem a ver com tudo e produz fatos de todos os sabores” (BRILLAT-SAAVARIM, 2010, p. 123-124).

Como discorre Everton Rubens Coelho Costa (2015), em seu artigo **Comensalidade**: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia, o conceito da **comensalidade** encontra-se vinculado ao da **hospitalidade**, pois o primeiro depende do segundo para ocorrer,

[...] processo de hospitalidade, de convivência, de respeito e tolerância não termina sem a presença da comensalidade. Logo, faz-se necessário a existência de uma mesa onde todos estão acomodados, não só para comer e beber, mas para celebrar e comungar as interações sociais. É ao redor da mesa que familiares, amigos e hóspedes se sentem como parte da família, e que será servido (alimento ou bebida) acaba se tornando um símbolo de união, de comunhão com aquele todo [...]. A comensalidade traz consigo muita simbologia que permeia a convivência da humanidade. O significado desta ação não alimenta apenas o corpo, mas também a alma [...] faz-se necessário a existência de uma mesa onde todos estão acomodados, não só para comer e beber, mas para celebrar e comungar as interações sociais (COSTA, 2015, p. 56).

Conforme afirma Adriano Pereira Tavares, as diversas relações sociais que se concretizam em torno de uma mesa acolhedora, durante uma refeição, acabam por adentrar no conceito de comensalidade, que se fundamenta em dois níveis: primeiro, no ato de comer alimentos, propriamente dito, o ato de se alimentar, de nutrir o corpo; segundo, nas diversas trocas sociais entre as pessoas que compartilham esses quitutes, durante as refeições (TAVARES, 2018). É neste último nível que se perpassam as relações em torno da mesa, tais como um simples café da manhã, um almoço, um jantar ou até mesmo um sofisticado banquete, como afirma Jacques Boutaud (2011):

[...] uma das formas mais reconhecidas, em qualquer época e em todas as culturas, é o compartilhar a sua mesa, ou então as refeições com alguém. Comer junto assume, então, um significado ritual e simbólico muito superior a simples satisfação de uma necessidade

alimentar. Essa forma de partilha de troca e de conhecimento é chamada de comensalidade [...]. No contexto ordinário, não se trata só de comer, mas de saber comer em comum, de ser visto comendo, sobre o olhar dos outros (BOUTAUD, 2011, p. 1213).

Em resumo, **o receber a mesa** não é apenas o ato de alimentação por si só, mas, sim, deve-se acrescentar o onde se come e com quem se come. Talvez, por isso, Rangel consiga retratar, em seu romance, esse ato de acolhimento à mesa hospedeira, para com o comensal e as relações sociais que o permeiam:

- Por que está quieto, sr. Próspero? - perguntei-lhe [...]. – Ando mais surdo esses dias, doutor, e receio que a minha prosa o incomode. Sei como é cacete conversar com surdos: é preciso gritar e ainda reter o riso, por causa dos disparates que se ouvem. No meu tempo eu também não gostava muito e só conversava por espírito de caridade [...]. – Isso da surdez do meu velho, dr. Félix, acho que é um pouco de malandrice. Vêm aqui às vezes umas caboclinhas bonitas e, com a desculpa de não escutar, ele as vai renteando com desembaraço. [...] Contou-nos, em seguida, como começara aquilo, insensivelmente afetado a um tempo os dois ouvidos, lá iam anos. (RANGEL, 2000, p. 20 - 21).

Nesse fragmento, o narrador nos mostra um pouco do convívio social à mesa do sr. Próspero e de sua família, que se sucedeu durante a visita do dr. Félix à Fazenda do Córrego Fundo.

Siá Marciana arrumou-me um prato alto como uma pirâmide, que lenta, mas seguramente, eu ia escrevendo e trasfegando para os mistérios do tubo digestivo. [...] Ao fim da refeição deixei-me ficar na cadeira, refarto, soltos os botões abdominais, sem coragem para deslocar-me. Sentia-me inteiriço, empanzinado, com feito de uma só peça indobrável. A barriga tumefacta dava-me sensações de gravidez. - Coitado do dr. Félix! Anda tão sem apetite ... coma ao menos uma pamonha com café ... [...]. – Pamonhas! – Hesitei, apalpei-me [...]. Pena foi não poder passar de duas, que assim mesmo se puseram a brigar com o almoço e os pinhões, para arranjar lugar (RANGEL, 2000, p. 40).

O narrador discorre sobre como se sucedeu o almoço, que fora permeado pelo silêncio que sucede a mastigação dos alimentos. Esse silêncio é rico em significado, sobretudo materializado na preocupação maternal que siá Marciana tem para com o dr. Félix: “Coitado do dr. Félix! Anda tão sem apetite ... coma ao menos uma pamonha com café” (RANGEL, 2000, p. 40). A mesa é um local de revelações, pois, além de mostrar o interior para o hóspede

que ultrapassa a soleira²⁴ acolhedora, retrata, também, o interior da vida da pessoa. É ao entorno da mesa que ocorrem as relações de sociabilidade entre as pessoas que partilham o alimento (BOUTAUD, 2011). Portanto, a comida não é apenas um modo de nutrir o corpo, mas, sim, uma grande condutora de ideias partilhadas ao redor da mesa (BRILLAT-SAAVARIN, 2010).

É mediante as refeições, descritas em **Vida ociosa**, que Godofredo Rangel retrata as inúmeras relações sociais que permeiam o ato de acolher da família que habita a Fazenda do Córrego Fundo, para com os amigos que adentram a sua morada:

Pela porta de negócio, aonde eu fora acudir a batidas urgentes, de envolta com a ventania embarafustaram aos gritos duas mulatas, meio cegas do pó, acolhendo-se do temporal. Uma delas, papuda, trazia uma pequenita acavalada na cinta. [...] – Siá Marciana?
- Entrem – disse-lhes, apontando a portinha de comunicação. [...] – O senhor deve sentir fome – disse siá Marciana [...]. Suas chinelas arrastaram-se, encaminhando-se para a cozinha. Trouxe-me um pedaço de mogango²⁵ coberto com uma poça de melado. Cada um teve o seu naco e a sua colher. Fez-se na sala um silêncio de mastigação. [...] – O doutor não adivinha sobre o que falávamos – disse siá Marciana [...]. – Não seja linguaruda! – pediu a mulata bufando de risos [...]. – Não é seguro – riu a velha -; diz a Clemência que implica quando encontra qualquer pessoa, porque a primeira cousa que olham é a barriga dela, e que o senhor foi mais delicado. [...] Siá Marciana entrou a perguntar sobre as conhecidas das bandas delas. Miséria, doenças ... (RANGEL, 2000, p. 64-66).

Nessa passagem de **Vida ociosa**, o narrador apresenta duas mulheres e uma criança que foram pedir abrigo, devido à tempestade que ameaçava cair na região circundante da fazenda do Córrego Fundo. E, “como boa mineira que era, a siá Marciana ofereceu aos seus hóspedes um pedaço de mogango coberto com uma poça de melado” (RANGEL, 2000, p. 65), com o intuito de saciar a fome de seus comensais. É por meio desse pequeno gesto de partilha do alimento que se fundamenta a interação entre siá Marciana com a hóspede Clemência, pois, a comida pode ser utilizada como um elemento do ato hospitaleiro por si próprio, “[...] já que esta tem o poder de tornar o ‘desconhecido’ ‘misterioso’ em algo familiar. Não há nada mais prazeroso do

²⁴ “A palavra *seuail* (soleira) designa desde o século XII, em francês, a entrada de uma casa, a laje que antecede a porta” (GRASSI, 2011, p. 45).

²⁵ No sul de Minas Gerais, mogango, é um tipo de abóbora que os habitantes dessa região utilizam para fazer doce (KINUPP; LORENZI, 2014).

que alimentar-se ao lado de boas companhias, pessoas próximas” (TAVARES, 2020, p. 8).

Outra passagem com relação ao gesto de **comensalidade** discorrido em **Vida ociosa**, encontra-se no capítulo intitulado **Crescite et Multiplicani**, em que o narrador disserta sobre um almoço do qual dr. Félix participa na fazenda Paineira, em companhia de Sô Quim Capitão, sua família e de seu agregado Sontonho.

O pasto foi succulento e o pantagruelismo generalizado dos convivas dava-me por sugestão um apetite que raiava o esganamento. Comia-se muito e depressa. As três bobas, atarantadas, nunca sabiam bem a quem acudir primeiro [...]. – Que pamonha! há ques tempo “estou te pedindo o revirado”! [...] Era incrível o que aquelas bocas, enormes como furnas, se embastiam de mantimentos. Os homens não proseavam, com o tento nos terrinões e a se vigiarem de esquelha, prontos para a ofensiva, no caso de saque de algum bocado precioso. (...) Cruzando os talheres após as refeições do estilo, foi cada um servido de uma pratarrada de leite com angu; ao cabo chupei os bigodes, como os demais, para aclimar-me aos novos costumes. Seguiu-se café com bolinhos. Eu já estava tão bem assimilado àquela companhia que em seguida obliquei com todos um olhar inquisidor para os lados da cozinha, a ver se apontada ainda alguma cousa. Após razoável espera, convictos de que havia acabado a refeição, cada um de nós se apossou de alguns punhados dos bolinhos remanescentes e dispersamo-nos. Os varões, refartos e bambos, retiravam-se, na maioria, para os seus aposentos (RANGEL, 2000, p. 91, grifo do autor).

O narrador relata como ocorreu a refeição preparada e servida pelas três bobas, três filhas solteironas de Sô Quim Capitão, que, juntamente com o Sontonho, ficaram encarregadas, tanto dos afazeres domésticos, quanto com o cuidado das terras que faziam parte da fazenda Paineira. Todavia, a interação, ao redor da mesa, apenas se concretizou, a partir das reclamações feitas pelos filhos de Sô Quim Capitão, que criticavam os serviços por elas prestados, ao servirem os convivas que partilhavam a refeição.

Todas as pessoas que andam pelo sertão das Gerais, tal como o dr. Félix, traçam impressões de suas viagens, dos recantos visitados e dos alimentos servidos, bem como da acolhida hospitaleira proporcionada pelas pessoas que habitam o território. A isso Eduardo Frieiro (1988) chamou de civilidade, recuperando o genuíno significado de respeito, etiqueta, polidez e cortesia que o termo traz em sua raiz etimológica. Desde a observação da terra cultivada, perpassando por uma referência às louças usadas em um jantar, até

o modo como as pessoas se comportam, tais situações interessavam aos viajantes que atravessavam as terras mineiras, desde a época em que o Brasil fora uma colônia de Portugal (FRIEIRO, 1988).

A partir das excursões da personagem Félix pelo interior do sertão mineiro, o narrador aborda a natureza que circunda esse território, dissertando, também, sobre a cultura e os costumes dos mineiros e sobre os alimentos por eles consumidos. Descreve, ainda, como este povo trata e acolhe as pessoas que ultrapassam as suas soleiras, e isso acaba por se concretizar como um gesto de autorização, um ato de hospitalidade, que é “[...] um gesto de compensação, de igualização, ritual de admissão” (GRASSI, 2011, p. 49) do estrangeiro no território do seu hóspede. Trata-se de um ato transitório, pois, se assim for, o hóspede, acaba por se tornar um membro daquela comunidade (GRASSI, 2011).

A hospitalidade é gesto de compensação, de igualização, de proteção, num mundo em que o estrangeiro não tem lugar. Portanto, não pode haver gesto de hospitalidade, no sentido etimológico do termo sem desigualdade de lugar e de *status* entre hospedeiro e hóspede: um está no interior, dono da casa, sedentário, é aquele que recebe; parecem ser formas vizinhas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade (GRASSI, 2011, p. 45).

O gesto de aceitação, de igualar o hóspede ao hospedeiro, tem por intenção primordial “[...] transformar estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros, em pessoas íntimas e não parentes em parentes” (TAVARES, 2018, p.36). Como elucidam Dias e Lamounier (2018), a principal função da hospitalidade é a de mediar as relações de sociabilidade dentro da morada acolhedora. A hospitalidade pode ser um gesto perigoso, tanto para o hóspede, quanto para o hospedeiro, pois “[...] o hóspede é por excelência uma figura de ambiguidade” (GRASSI, 2011, p. 55). Como afirma Jacques Derrida (2003), o hóspede, ao penetrar a soleira acolhedora, passa a ser “um refém ligado por um juramento” (DERRIDA, 2003, p. 95), e isso faz com que o hospedeiro passe a ser o hóspede de seu hóspede, na sua própria casa (DERRIDA, 2003).

E o hóspede, o refém convidado (*guest*), torna-se convidador do convidado, o senhor do hospedeiro (*host*). O hospedeiro torna-se

hóspede do hóspede. O hóspede (*guest*) torna-se hospedeiro (*host*) do hospedeiro (*host*) (DERRIDA, 2003, p. 109, grifo do autor).

Isso tudo se concretiza pelo fato de a hospitalidade ser “um gesto de compensação, de igualização, da proteção, num mundo em que o estrangeiro²⁶ originalmente não tem lugar” (GRASSI, 2011, p. 45).

Levando em conta o conceito de hospitalidade, o primeiro contato hospitaleiro entre os personagens de **Vida ociosa** ocorre, quando Américo, sentado em um cupim, perto da entrada da fazenda do Córrego Fundo, acaba por vislumbrar, ao longe, o seu amigo dr. Félix, que veio fazer uma visita aos amigos:

Mas meus olhos fogem à vertigem e atentam numa figura humana acocorada, como um mocho, num cupim. É o Américo, meu amigo, que me espera. Radiante acena-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente correspondendo; e em pouco estreitamo-nos em reforçado abraço (RANGEL, 2000, p. 5).

A alegria de Américo, ao ver o seu amigo, é vivamente destacada, como elucida Jacques Derrida, o senhor da morada hospitaleira “[...] não tendo preocupação mais que urgente que aquela derramar a sua alegria” (DERRIDA, 2003, p. 113), sobre o seu hóspede mesmo que esse seja um desconhecido, mesmo que ele bata na porta do outro, pedindo apenas um copo de água, ou um abrigo para pernoitar durante a noite (DERRIDA, 2003).

A morada acolhedora que recebe o hóspede pode ser tanto um opulento castelo, quanto uma simples choupana. A simplicidade da choupana acaba por aproximar o homem da rusticidade do ambiente natural e solitário, onde o hóspede que ultrapassa a soleira dessa morada rústica melhor se reencontra consigo mesmo (BERNARD-GRIFFITHS, 2011), tal como se sente Félix, ao ser acolhido na velha e alquebrada fazenda de seus amigos do Córrego Fundo:

Alquebrada de velhice, a casa mal se firma agora nos esteios oblíquos e comidos de cupim. Vergastadas dos temporais e corroídas polegadas a polegadas pela ação erosiva do tempo, as paredes, raros vestígios mostram a última mão de cal levada a vinte anos. [...] É um cadáver de casa, uma caraça decomposta, já mostrando as

²⁶ “Estrangeiro simboliza a situação do homem” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 403). O estrangeiro acaba por ser visto “como um rival em potencial e, embora se beneficie das leis da hospitalidade, ele pode ser tanto um mensageiro de Deus quanto uma perigosa encarnação diabólica” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2012, p. 404).

costelas descarnadas. Ao lado, onde foram as tulhas, vê-se hoje, um montão de escombros; e, no eirado, para onde se abre a porta principal, cresce capim desafogadamente. Contrastando com esse ar de morte e abandono uma nota ridente de vida ou vetusto pardieiro, sobre dos fundos uma espiral de fumo azul, que se desfibra lentamente no espaço (RANGEL, 2000, p. 6).

A rusticidade da Fazenda do Córrego Fundo é descrita, em contraponto a essa casa acolhedora. O narrador, também, alude à casa do Grande Hotel comprada pelo senhor Almeida:

[...] O Grande Hotel andava desconceituado. O dono alienara-o para livrar-se do alcaide. Tinha o prédio corredores imensos, quartos sem conta, refeitórios amplos, era tudo largueza e amplidão, mas não apareciam veranistas que lhe viessem despertar o silêncio claustral, animando aqueles corredores, longos e vazios como artérias cortadas, com um pouco de sangue corrente de gente viva. [...] Um dia não se sabe como, surgiu lá o primeiro hóspede, homem de seus quarenta. Foi um rebuliço na casa [...] Se o hóspede queria água, o sr. Almeida berrava para os fundos: “Água para o sr. Garcia!” A casa toda agitava-se [...]. O sr. Garcia ali viveu, adorado, bem-querido, adivinhando, amimado, por espaço de algumas semanas; mas a situação tornou-se insustentável; com receio de levantar celeuma, ele procurava conter até as mais urgentes necessidades corporais. Chegava a passar fome e sede. Um dia, por fim, com o mal incuravelmente agravado, e com a obsessão das mais tétricas ideias, saiu do hotel sub-repticiamente, deixando a conta paga e sumiu para sempre (RANGEL, 2000, p. 27 – 29).

A efusiva acolhida fez com que o senhor Garcia em muito se sentisse desconfortável no hotel onde ele havia se hospedado, à espera de sossego e um bom local para relaxar. O modo afoito e acolhedor como a família que administrava o Grande Hotel tratou o seu hóspede fez com que ele ficasse incomodado, a ponto de decidir abandonar a estada, sem ali voltar a se hospedar.

Às nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que vivia entrevado com a ciática. “Bom ponto de almoço”, pensei. “E de repouso também” [...]. A fazenda era um casarão achaparrado, com capacidade para aposentar um copo de exército. Circuitavam-na culturas em abandono, que se asselvajavam em capoeirinha. Ouvia-se o trapejar de água a cair e o rumor de um moinho, trabalhando (RANGEL, 2000, p. 89, grifo do autor).

Apesar de a casa da fazenda Paineira ser um grande casarão, que, nas palavras do narrador do romance, conseguiria “acomodar um exército”, a

opulência da morada contrapunha-se ao desleixo dos campos mal cultivados da propriedade.

Derrida (2003) afirmou que, quando o hóspede ultrapassa a soleira acolhedora e desconhecida, ele se torna um refém do ato, fato este que acaba por ocorrer com o dr. Félix:

Depois que me identificou e reconheceu, pediu notícias do povo do Córrego Fundo e da cidade. Quis saber da guerra, da crise e abismava-se de tudo, como se a fazenda fosse uma ilha deserta [...]. – Fique aqui hoje! – disse ele. – Viroca, manda as meninas desarrear o animal. [...] – Não tem nada que olhar para o cavalo – disse-me d. Viroca, que me observava -; papai já disse que hoje o senhor fica aqui. [...] Demonstrei-lhe por mil razões, qual mais convincente, que instava seguir minha viagem; primeira – era juiz e não estava em férias; segunda – viera em um animal alheio, que devia restituir à tarde; terceira ... quarta ... milésima ... (RANGEL, 2000, p. 90-92).

A personagem apenas estava procurando um lugar para almoçar e, quando penetrou na soleira da casa de sô Quim Capitão, acabou por se tornar um refém, tanto da família que o acolheu, quanto do ato de acolhida. Jacques Derrida (2003) afirma que, tanto o hóspede, quanto o hospedeiro, podem se tornar reféns em potencial um do outro, ou melhor, do gesto hospitaleiro em si mesmo. Essa dualidade da hospitalidade é, por sua vez, apresentada ao leitor de **Vida ociosa**, no capítulo intitulado ***Crescite et Multiplicamini***.

Ela calou-se, convencida, depois de opor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera apenas à mania dos considerados, pois estava inclinado a bater pouso naquela mansão que me quadrava tão bem; pois isso, foi com espanto que ela me ouviu pedir umas chinelas, quando esperava agradecimentos e despedidas. Ordenei as três mudas que me aprontassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem goma do Sontonho e espapacei-me, por fim, regaladamente, na marquês de volutas da sala de jantar (RANGEL, 2000, p. 92).

Dr. Félix pernoita na fazenda Paineira, mas, devido ao comportamento do hóspede, acabou por se tornar o hospedeiro do dono da casa que o acolheu, tornando-se, assim, o “convidador do convidado” (DERRIDA, 2003, p. 109). Um outro exemplo de hospitalidade acolhedora em **Vida ociosa**, em que “[...] o anfitrião permite que o visitante sinta-se como se estivesse na sua própria casa” (DERRIDA, 2018, p. 7), ocorre na casa da fazenda da família do velho Próspero e siá Marciana.

“Então, dr. Félix! tardou mas sempre apareceu” – repetia-me Américo exaltado, ao abrir a cancela do eirado [...]. Abracei os velhos, que tropegamente vieram ao meu encontro. [...] – Se soubesse a falta que nos faz, viria todo o dia – rematou Américo (RANGEL, 2000, p. 12-13, grifo do autor).

No fragmento, o narrador discorre sobre como dr. Félix fora recebido por seus amigos do Córrego Fundo, ao penetrar na soleira acolhedora.

Sentia-me profundamente amado pelos meus amigos, era um filho dos velhos e um irmão para Américo; e, para mim, eram todos talvez um mero divertimento; pois analisando, bem pela raiz, meu sentimento por eles, reconheceria serem os quitutes de siá Marciana, as histórias de caça do velho e os espantos virginais de Américo, que o entretenham e viçavam (RANGEL, 2000, p. 22).

Além disso, o narrador apresenta o laço de amizade e afetividade que une um juiz de direito do sertão a uma humilde família do interior de Minas Gerais. Tal laço está de acordo com o que discorre o filósofo Jaques Derrida (2003), em seu livro intitulado **Políticas da amizade**:

A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade, e também a interrupção de toda a fusão ou confusão entre tu e eu. E significa ao mesmo tempo um divórcio com o amor, seja ele o amor de si. As quantas linhas que definem esta «boa amizade» marcam todas estas linhas de partilha. A boa amizade não se distingue da má senão ao escapar a tudo quanto se acreditou reconhecer sob o mesmo nome de amizade. Como se se tratasse ali de uma simples homonímia. A boa amizade nasce da desproporção: quando se estima ou respeita (*achtet*) o outro mais do que a si mesmo. O que não quer dizer, precisa Nietzsche, que se o ame mais que a si mesmo – e eis aqui uma segunda partilha, na amância, entre amizade e o amor (DERRIDA, 2003b, p. 74, grifos do autor).

Esse fato retrata o amor e a amizade que a pequena família nutre pelo seu hóspede, além do gesto irrestrito de hospitalidade, pois os hóspedes, em nenhum momento, demonstram estar preocupados com a presença do outro em seu lar, ou melhor, em nenhum momento, os hospedeiros sentem-se ameaçados pelo dualismo do ato da aceitação do outro em seus domínios (GRASSI, 2011), e nem mesmo o outro se preocupa com o fato de que essa família possa vir a lhe fazer mal, uma vez que:

[...] a hospitalidade, está relacionada ao processo de sociabilidade entre os indivíduos e à integração dos espaços, e deve ser pensada

como uma relação social, onde o encontro de pessoas ou grupos com vivências culturais determinam o ambiente hospitaleiro (DAIS; LAMOUNIER, 2018, p. 5).

Como se pode ver, o narrador de **Vida ociosa** continua tratando sobre o gesto hospitaleiro de alguém que recebe um estranho em sua soleira e o deixa penetrar na sua morada. Isso se torna perceptível no capítulo intitulado **O hóspede**:

Esvaziado o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se desse às suas ocupações habituais; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo. [...] Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, espécie de dádiva tira-remorsos, com que concorria, sem ciência dos velhos, para o custeio da casa, a fim de reparar o rombo que davam minhas visitas à caixa comum; este dinheiro aparecia como renda do negócio mal sortido (RANGEL, 2000, p. 26).

Nesse excerto, o narrador mostra que o hospedeiro (aquele que recebe o hóspede em sua morada) tornou-se um refém do gesto de hospitalidade, por ele praticado, quando o hóspede penetrou a soleira acolhedora ele se tornou hospedeiro de seu próprio hospedeiro (DERRIDA, 2003). Isso se torna perceptível, quando há percebemos que o hóspede é quem dita as regras da casa, e não mais os seus moradores, pois é ele quem escolhe a hora de findar a refeição, ao se levantar da mesa. Tal gesto é visto pelos donos da Fazenda como uma autorização que o seu hóspede lhes dá para continuarem os afazeres do dia. E é, também, nesse trecho que o dr. Félix entrega um pequeno saco com algumas moedas a Américo, como uma paga pelo gesto de acolhida teve para com ele.

- Senhor doutor, licença para três! [...] – Oh! que boa surpresa! – retuquei correndo ao encontro dos meus amigos [...]. Era a primeira vez que via na cidade. Viviam tão consigo e ilhados na sua pobreza, amavam todos os seus hábitos tranquilos, que a novidade quase me alarmou. [...] Ofereci-lhes cadeiras, nas quais silenciosamente se sentaram. Notei algo de estranho em meus amigos [...]. Notei ainda que o sr. Próspero vestia a sobrecasaca de grande gala [...]. – Senhor doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns anos que o senhor nos dá o prazo de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hóspede e sim como filho. No entanto, o senhor – e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente – de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrámos à vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto a meses, há anos, esperando que não a levasse a mal. [...] – O senhor

é muito orgulhoso – e o dedo brandiu de novo – muito mesmo, por isso, como não queira o nosso feijão, também, orgulhinho de pobres! não queríamos as suas pratas. Se tivéssemos recursos nossos, vingança seria fazer-lhe um belo presente; não sendo isso possível, eu, notado que em seus dedos faltava alguma cousa, disse à prima: “Vamos juntando as pratas da *hospedagem* (senti nas faces o grifo da palavra) e lhas devolveremos sob a forma de um anel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos”. E aqui está, senhor doutor Félix, a vingança dos seus piraquaras ... (RANGEL, 2000, p. 104).

A família do velho Próspero acabou por se sentir desrespeitada pelo seu hóspede, quando ele pagou por sua hospitalidade, decidindo, assim, castigá-lo, ao lhe comprar uma joia com o dinheiro que ele mesmo pagou por sua acolhida. Esse ato vai ao encontro do estudo de Dias e Lamounier, no artigo em que discorreram sobre a hospitalidade, afirmando ser “a prática de alojar alguém gratuitamente, acolher, caracterizando uma prática tão antiga quanto a civilização” (DIAS; LAMOUNIER, 2018, p. 4). Outro ato acolhedor da família do velho Próspero para com a pessoa que bate à sua porta, pedindo-lhe abrigo em sua humilde morada, encontra-se presente no capítulo denominado **O aguaceiro**.

Pela porta do negócio, a onde eu fora acudir a batidas urgentes, de envoltas com a ventania embarafustavam aos gritinhos duas mulatas, meio cegas de pó, acolhendo-se do temporal. Uma delas, papudas, trazia uma pequena acavalada na cinta. [...] – Entrem – disse-lhes, apontando a portinha de comunicação. [...] Grossos pingões precipitaram-se em atropelo, empelotando a poeira, cerrando-se premendo-se, a espipocar balofamente no chão; em pouco a bâtega despejava-se em ondatas cheias. [...] Eu estava a salvo. [...] – A senhora hoje tem um hóspede para pousar. Os velhos ficaram encantados. Américo irradiou, antegozando longas horas da noite fecundas em ciência pura: naturalmente eu seria o seu companheiro de quarto (RANGEL, 2000, p. 64-65).

Nesse fragmento, encontra-se descrito o gesto de autorização que o hospedeiro dá ao seu hóspede para adentrar a soleira acolhedora de sua morada. Esse ato torna-se visível, quando siá Marciana autoriza as duas mulheres e uma criança a entrarem em sua morada, para se protegerem da chuva. Isso acaba por refletir não apenas o ato de acolhida, mas, sim, o gesto de proteção do hospedeiro para com o seu hóspede (GRASSI, 2011). É, é no capítulo denominado **O Aguaceiro** que se percebe mais um elemento da hospitalidade:

A hospitalidade doméstica ou caseira, é considerada a matriz, por esta relacionada ao âmbito privado, onde surgiram todas as práticas de recebimento, hospedagem, alimentação e entretenimento dos anfitriões para com os hóspedes, inseridos no ambiente familiar (DIAS; LAMOUNIER, 2018, p. 5).

Nessa passagem, percebemos um traço de hospitalidade da personagem, ao oferecer esse quitute tanto aos hóspedes, quanto à sua família para agradá-los. Esse gesto é, por sua vez, também, caracterizado como um ato de comensalidade, pois a ação de comer é muito maior do que o ato contínuo de se alimentar “O prazer à mesa é peculiar da espécie humana; supõe cuidados prévios com a preparação das refeições, com a escolha do lugar e com a reunião dos convivas” (BRILLAT-SAVARIN, 2010, p. 123).

- O senhor deve sentir fome – disse siá Marciana – Vou buscar-lhe uma cousa de que gosta muito ... [...] Trouxe-me um pedaço de mogango coberto com poça de melado. Cada um teve o seu naco e a sua colher. Fez-se na sala um silêncio de mastigação. [...] – O doutor não adivinha sobre o que falávamos – disse siá Marciana [...]. – Não seja linguaruda! – pediu a mulata [...]. – Não é segredo – riu a velha -; diz a Clemência que implica quando encontra qualquer pessoa, porque a primeira cousa que olham é a barriga dela, e que o senhor foi mais delicado. [...] Siá Marciana entrou as perguntas sobre as conhecidas das bandas delas. Misérias, doenças ... (RANGEL, 2000, p. 65-66).

Nesse fragmento siá Marciana, ao entregar a guloseima, por ela preparada, aos seus comensais, busca incluir em seu diálogo todos os seus hóspedes, com o intuito de integrá-los, de fazer com que criem uma interação social. Tendo como base esse gesto, siá Marciana acaba por gerar uma relação de sociabilidade entorno da mesa (BOUTAUD, 2011).

Tendo em vista o conceito de hospitalidade doméstica, apresentado por Adriano Pereira Tavares (2018), em seu artigo, verifica-se a afirmação do intelectual de que a ramificação da **hospitalidade**, concretiza-se a partir do gesto de autorização que o hospedeiro dá para o hóspede, para que este ultrapasse a soleira acolhedora de sua morada. Essa concepção torna-se perceptível, quando o senhor Próspero e a sua mulher autorizam os seus hóspedes a penetrarem em sua morada.

Por morte dos pais herdou bons lotes de culturas; veio depois a legítima da “prima”, o que ainda o seu trabalho acresceu, nos anos felizes da mocidade. Por essa época povoavam-lhe a casa presentes e amigos. Até parecia hotel. Pessoas havia que lá passavam meses, a ares ou para caçar. Um tal Leonardo, comido de sífilis, permaneceu na fazenda mais de um ano, em tratamento. Ao reestabelecer-se, Próspero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sítio. O pobre Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! Com esse princípio arranjou-a tão bem, que hoje é homem de largas posses. [...] Entre outras passagens também contou-me que estanciará na fazenda umas semanas certo médico português. O dr. Felipe, homem muito divertido, e a cuja figura evocado os velhos sorriam um para o outro. Sem clínica, vivia a correr terras, de sapatões ferrados de roupa no fio ... nem recursos tinha para viajar a cavalo; ia de lugar em lugar com a malinha às costas e bastão na mão, e por isso na cidade puseram-lhe a alcunha de dr. De-a-pé. Que maldade, coitado! Porém apelido num homem infeliz e sensível, que, ao falar na “terra”, marejavam-se-lhe os olhos, de saudades da mãe e da irmã, que lá ficaram tão longe, sem amparo, da outra banda do mar (RANGEL, 2000, p. 8-9, grifo do autor).

Nessa passagem, o narrador discorre sobre as personagens dr. Felipe, um médico que vivia peregrinando pelo território das Gerais, por não ter clínica e nem dinheiro, dependendo, assim, da hospitalidade mineira; e o Leonardo, um homem que, acometido por uma grave doença, procurou por abrigo para tratar de sua saúde, na fazenda do velho Próspero. Leonardo não se via como um hóspede de siá Marciana mas, sim, como um filho, “[...] como a velha se lembrava ainda dele quase cego, babando pus, com a boca cheia de tumores que mal o deixavam alimentar-se [...]. E agarrava-se a siá Marciana, chamando-lhe de mamãe (RANGEL, 2000, p. 9).

Outro relato sobre a hospitalidade, na obra estudada, encontra-se presente no capítulo denominado **O sentenciado Lourenço**. Nesse, o autor alude ao encontro entre Lourenço e Frederica, após trinta anos sem se verem, pois aquele havia sido preso, ao matar uma pessoa, por ciúmes de Frederica, que, na época do fato, era sua namorada.

Ergue-se a custo do “ô de casa”. [...] – Boas-tardes. [...] Ela entreabre a cancela e espera, de pé no liminar. Ele a observa – a em silêncio. [...] – Você é Frederica? [...]. – Eu sou o Lourenço. [...] – Entra. Frederica escanara a cancela, dando-lhe passagem. [...] – Então você é o Lourenço?
 - Sou. (...) Gritaria de crianças, no terreiro, chamou-o à atualidade.
 - Você mora com um homem? – perguntou.
 - Com o Martinho [...]. A vida sabia-lhe amarga. Havia mudanças [...]. A roda do tempo girava igual em toda a parte, e em toda parte a vida revelava-se seus cambiantes aspectos, em agregamentos e desintegrações. Invadiu-o então um grande silêncio (RANGEL, 2000, p. 84).

Nesse pequeno fragmento, o narrador disserta sobre o encontro dessas duas personagens, além de relatar o gesto de autorização dado por Frederica, para que o **outro**, Lourenço, pudesse penetrar na soleira de sua morada. Mesmo desconfortável, a dona da casa autoriza o seu hóspede a penetrar em sua soleira.

Frederica apresentou-lhe uma tigela fumegante. Para si aparou noutra vasilha, sob o bico do coador suspenso da parede. Beberam. Ouvia-se no silêncio o gluglutar espaçados dos goles. De longe vinha vozeria de crianças, garrulando. [...] - Antão, adeus. [...] A custo deslocou a perna enferma, buscando a porta. [...] À soleira, defendendo a vista, sondou a estrada, assuntando concentradamente, como se soubesse o futuro. [...] - Adeus, Lourenço (RANGEL, 2000, p. 87).

O excerto inicia-se com Frederica convidando o seu hóspede para tomar uma xícara de café. O narrador também discorre sobre a fria despedida do antigo casal de namorados. Por fim, o último exemplo do ato hospitaleiro descrito em **Vida Ociosa** encontra-se inserido no capítulo denominado **A cavalo**:

Enfim, a fazenda. [...] - Ó de casa! [...] - Aqui está o homem! - exclama Próspero. - Já tomou café? Então não o convido para entrar. [...] - Que é isso?! - espantei-me. - Pois hoje é quinta, não se lembra? Os peixes já estão pulando na cachoeira. O Doutor sabe o rumo, é tocar. Nada de preguiças [...]. Eis-me a jornada. Miserável de mim (RANGEL, 2000, p. 79).

Nessa parte do romance, verifica-se a não concessão da autorização, no que tange ao gesto de hospitalidade, pois o velho Próspero não autoriza que dr. Félix ultrapassasse a soleira da morada acolhedora da fazenda do Córrego Fundo. Tal ato mostra a falta de proteção que se encontra enraizada no gesto de acolhida do hospedeiro para com o seu hóspede (DERRIDA, 2003).

No decorrer desta seção, foram mostrados elementos do movimento literário denominado Regionalismo, presentes no romance **Vida ociosa**, tais como: a contemplação da natureza, os costumes do povo mineiro e o patriarcalismo presentes nessa sociedade.

Dissertou-se, também, sobre o que vem a ser o conceito de mineiridade, e, para isso, foi trazido um texto do escritor João Guimarães Rosa (1967),

denominado **Aí está Minas**: a mineiridade, além de se mostrar como o conceito da **mineiridade** faz-se presente no romance de Godofredo Rangel.

Por fim, foram abordados os conceitos da **hospitalidade** e a sua ambiguidade no ato de receber, além de enaltecer, na vinculação deste conceito, o de **comensalidade**, ambos presentes em **Vida Ociosa**.

Na seção seguinte, haverá o aprofundamento da análise de personagens que caminham pelo sertão do Brasil, com olhos voltados para sua interação social com as famílias que os acolhem e os laços que os unem.

4 A VISITA QUE CHEGA E O HÓSPEDE QUE SE VAI: UNIVERSALIDADES

Nesta seção, faz-se o aprofundamento da análise das personagens que caminham pelo sertão do Brasil, tais como dr. Félix. Para tanto, será abordada sua interação social com as famílias que os acolhem, em suas soleiras, e os laços de amizade e afetividade que os unem.

São discutidas as relações de sociabilidade, entre o hóspede e o seu anfitrião, a partir das relações de **comensalidade**. É, ainda, relatado o que ocorre com cada uma das personagens, a partir do momento em que o **outro** adentra a morada do **eu** (hospedeiro), presente em **Vida ociosa**.

Já com o intuito de realizar uma abordagem universal do conceito de **hospitalidade**, são trazidos à luz os relatos de alguns viajantes que se embrenharam pelo território das Minas Gerais, presentes no ensaio de Eduardo Frieiro, denominado **Feijão, angu e couve** (1982). Também se estudam as contribuições acadêmicas de Aristóteles (2009), Grassi (2011a), Grassi (2011b) e Bastos, Rameh, Bitelli (2016), importantes para essa etapa do trabalho de pesquisa.

4.1 OS CAMINHOS DO SERTÃO PARA DENTRO DO HÓSPEDE

O personagem Dr. Félix, criado por Godofredo Rangel, é apresentado como um pacato juiz de direito do interior de Minas Gerais, que vive solitariamente em sua casa, cercado apenas pelos seus objetos pessoais e pelos papéis de seu trabalho como magistrado. Conforme ele mesmo se queixa: “Dias e dias que passo às moscas em meu gabinete, sem uma petição um ato a despachar, sem um depoimento” (RANGEL, 2000, p. 46). É apenas com as corriqueiras visitas à casa dos seus amigos do Córrego Fundo, que Dr. Félix quebra a solidão diária a sua vida.

Na tentativa de romper com essa sensação, ele viaja sozinho pelas estradas que circundam a região onde mora, até adentrar as terras da fazenda Córrego Fundo, pertencentes à família do velho Próspero:

Atravesso o longo trecho do povoado que ainda dorme na penumbra.
[...] Essa hora exerce sobre mim efeitos contraditórios [...] há em
minha alma renascer de sensações antigas, e que de longínquas

jaziam em letargo, como mortas. [...] Ah, é uma tropa. A frente trota a madrinha, com um colar de campainhas no peitoral (RANGEL, 2000, pag. 1-2).

Nesse trecho do romance, o narrador mostra que dr. Félix caminha, solitariamente, pelo sertão. A personagem acaba por recordar memórias de sua juventude, a partir de sons da natureza ou do tropegar de uma mula que caminha ao longe.

A solidão de dr. Félix é quebrada, quando este vê a figura de Américo assentado em um cupinzeiro perto do portão da fazenda onde mora, à espera do próximo hóspede que pediria abrigo em sua acolhedora morada:

“É Américo, meu amigo, que me espera. Radiante acena-me uma saudação e precipita-se ao meu encontro; alegremente correspondendo; e em pouco estreitamo-nos em reforçado abraço” (RANGEL, 2000, p. 5).

Como discorre Marie-Claire Grassi (2011 a), a **hospitalidade** é um **gesto**, ou melhor, um **ato de autorização** no qual quem recebe (hospedeiro) permite que o acolhido (hóspede) ultrapasse sua soleira. Contudo, esse ato é temporário, tendo uma data de início e uma de término, pois se isso não suceder, o visitante acaba por se tornar um refém da hospitalidade, ou até mesmo um membro da sociedade que o acolheu, deixando assim de ser um hóspede (GRASSI, 2011 b).

Américo é retratado pelo narrador do romance como um homem de quarenta e poucos anos, solteiro, que dedica sua vida aos estudos, ministra aulas para o seu único aluno e que tem como única obrigação, na casa de sua família, abrir o portão de entrada da fazenda do Córrego Fundo:

Essa causa tão importante para Américo, para mim pouco significava, pois, criar uma escola rural no Córrego Fundo e nomeá-lo professor, não fora êxito em que dependesse grande esforço, graças a certas facilidades de ocasião e ao influxo de presente intermediários (RANGEL, 2000, p 105).

Nesse fragmento do romance **Vida ociosa**, o narrador discorre sobre a única ambição que Américo possui em sua vida: a de um dia ministrar aulas em uma escola. Todavia, esse sonho torna-se realidade, quando dr. Félix cria um colégio na região do Córrego Fundo, onde Américo será um dos professores.

Mais à frente do romance, é narrado ao leitor que a família de Próspero não enxerga o perigo de acolher o outro em sua morada. O perigo no ato de **hospitalidade** é discutido por Bastos, Rameh, Bitelli (2016), no artigo intitulado **Os conceitos de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de Periódicos da Capes:**

[...] o estrangeiro é, antes de tudo, um estranho e tal como a análise etimológica da palavra [...] pode ser um hóspede quanto um inimigo [...]. O dever da hospitalidade que faculta o seu acolhimento possui limites, normais e é formulado na língua do anfitrião, de acordo com a sua cultura. [...] a abertura para o outro, a abertura moral para o estranho, o direito a ser bem-vindo. A negação da hospitalidade rouba do forasteiro a sua condição fundamental como ser humano. Nossa incapacidade para enfrentar o outro exclui tudo o que é perturbador e o outro constitui um agente potencial a perturbar essa ordem. Assim, o estranho recebe as boas-vindas apenas quando afasta a sua estranheza e se transforma no que eu acho que ele deveria ser, ou seja, nega-se a sua alteridade, contraria-se a ética ao não se preservar a relação com o outro enquanto outro (BASTOS; RAMEH; BITELLI, 2016, p. 3).

Para Altamir Celio de Andrade (2012), em **Narrativas sobre a hospitalidade**: algumas cenas N'O Hobbit e na Bíblia, quando se autoriza a entrada de uma pessoa mal-intencionada em sua morada, ela pode colocar a sua vida em perigo, ou você pode se voltar contra ela, quebrando, assim, o pacto divino da **hospitalidade**. Torna-se esse ato um momento hostil (ANDRADE, 2012).

O narrador de **Vida Ociosa** disserta sobre o velho Próspero, apresentando-o como um idoso de mais de oitenta anos, que adora contar história de caçada do tempo de sua mocidade, em que ele, juntamente com os seus companheiros de caça, iam até o barreiro à procura de onças.

Já Siá Marciana é descrita como uma boa senhora e uma ótima cozinheira. Os dois são apresentados com boas e caridosas almas, que recebem bem a todos que adentram sua morada, como filhos, e não como hóspedes. Um exemplo dessa acolhida, sucede-se com o jovem Leonardo, que eles mau conheciam, mas que, mesmo assim, abrigam em sua morada,

Um tal! Leonardo, comido de sífilis, permaneceu na fazenda mais de um ano, em tratamento. Ao estabelecer-se, Próspero emprestou-lhe dinheiro para comprar um sítio. O pobre Leonardo! se não tinha recursos para tocar a vida! (RANGEL, 2000, p. 9).

Nessa passagem do romance, é apresentado o personagem Leonardo, que, outrora, havia se hospedado na casa de Próspero, quando este ainda era um rico e prestigiado fazendeiro. Leonardo tinha pedido abrigo nesta propriedade, para se tratar de uma doença que o acometera. Com o término da sua convalescença, o hóspede parte da soleira acolhedora com uma pequena quantia de dinheiro emprestado por Próspero, para que o jovem pudesse ter uma melhor condição de vida.

[...] hoje é um homem de largas posses. É verdade de que os esqueceu e que, quando cruza, mal bole no chapéu; mas anda tão atarefado, sua camaradagem é tão grande, que na cabeça, cheia de preocupações, não sobra espaço para cortesias fúteis. Negou-lhes uma vez auxílio – não por ingratidão, e sim porque o muito serviço põe a gente assim azaranzada e de mau humor, e a ele, coitado, serviço não falta (RANGEL, 2000, p. 9).

Os anos passam e Próspero acaba por perder tudo o que tinha e, além de ter que viver da caridade do seu irmão mais moço, o que se fundamenta como uma ironia, dado o significado de seu nome. Já Leonardo, que em sua juventude fora um homem muito pobre, prospera na vida, tornando-se um fazendeiro muito rico. Contudo, é movido pela falta de empatia com quem no passado havia lhe estendido a mão e o acolhido em sua morada, sem nunca lhe cobrar nada por isso. Quando Próspero mais precisou de sua ajuda, generosidade e gratidão, Leonardo não ajudou e, muitas das vezes, nem sempre acenava, quando o via, andando pelas cercanias das Fazendas do Córrego Fundo.

Ao continuar a análise de dr. Félix e o elo de amizade que o liga à família de Próspero, como alude Aristóteles (2009), em **Ética a Nicômaco**, a **amizade** é motivada por três fatores cruciais: o interesse, o prazer e o bem.

Os que têm a amizade com base na utilidade gostam uns dos outros pelo bem que os outros lhe fazem; os que têm uma amizade com base no prazer gostam uns dos outros pelo próprio prazer que lhes dá. Nestes casos há amizade não pelo fato de outrem ser em si

susceptível de amizade e amor, mas porque é útil e agradável. Estas formas de amizade são, portanto, meramente acidentais. Porque não se gosta do outro apenas por aquilo que ele é, mas por ser vantajoso ou ser agradável. [...] Mas a amizade perfeita existe entre os homens de bem e os que são semelhantes a respeito da excelência. Estes querem-se bem uns aos outros, de um mesmo modo. E por serem homens de bem são amigos dos outros pelo que os outros são. Estes são assim amigos, de uma forma suprema. Na verdade querem para seus amigos o bem que querem para si próprios. E são desta maneira por gostarem dos amigos como eles são na sua essência, e não por motivos acidentais (ARISTÓTELES, 2009, p. 177-178).

É esse elo supremo de amizade pelo gostar e pelo bem, que une dr. Félix, senhor Próspero, Américo e siá Marciana, e que é perceptível, na forma como dr. Félix é recebido por Próspero e siá Marciana, ao adentrar em sua morada, “Abrazei os velhos, que trôpegos vieram ao meu encontro” (RANGEL, 2000, p. 12).

Dr. Félix acaba ditando as regras da velha casa da Fazenda do Córrego Fundo, como discorre Andrade (2012), ao afirmar, em outras palavras, que o hóspede deixa de ser o outro (aquele que é recebido), para se tornar aquele que recebe o eu (hospedeiro), pois o hóspede sente-se como se estivesse em sua própria casa.

Um exemplo disso, no romance **Vida ociosa** (2000), aparece retratado nos objetos que a família do Córrego Fundo atribui como sendo de dr. Félix e o seu comportamento na mesa acolhedora.

“Minha cadeira”, forrada com um couro de cachorro-do-mato, fora removida para ali. Ouvia-se na cozinha um estralejar de gordura frita e dali a instantes surgiu siá Marciana com um prato de biscoitos ainda quentes da panela (RANGEL, 2000, p. 20. Grifo do autor).

Outro trecho que retrata o hóspede como dono do lar que o acolheu encontra-se transcrito no capítulo **O hóspede**, da obra estudada:

Esvaziando o canecão, levantei-me, o que significava uma ordem para que cada um se desse às suas ocupações habituais; era já combinação nossa, imposta por mim, para que não perdessem o dia rodeando-me, esquecidos de tudo (RANGEL, 2000, p. 26).

Apesar do forte laço que permeia as relações afetivas entre dr. Félix e a família que habita o Córrego Fundo, aquele acaba por dar uma bolsa com moedas a Américo, toda vez que ultrapassa a soleira da casa desta família:

“Aproveitei o momento para passar-lhe um pacotinho de pratas, espécie de dádiva tira-remorsos [...]” (RANGEL, 2000, p. 26). Contudo, dr. Félix acaba por desdenhar da amizade dessa humilde família: “Eu achava graça nessas declarações amistosas e sentia-me bem, assim festejado e adorado por aquelas criaturas simples” (RANGEL, 2000, p. 37).

Apesar de a personagem de **Vida ociosa** acreditar na amizade que as bondosas do Córrego Fundo nutriam por ele, dr. Félix faz pouco caso dessa relação de afetividade, ao comparar os laços de amizade que os une com o desaparecimento de uma formiguinha doceira, para com a qual acabou nutrindo certo grau de afeto. O desaparecimento desta frágil criatura fez com que dr. Félix tivesse inúmeras reflexões do que poderia ter ocorrido com ela:

Acreditam que sintam essa falta ... Nossa capacidade afetiva é tão grande, que às vezes se estende a coisas mínimas. [...] Lembro-me do caso de uma formiga doceira, cujo desaparecimento muito me penalizou. Aparecia em certa hora da noite, à hora em que habitualmente escrevo. [...] Enchiam-me tristes apreensões. Que seria feito de minha formiga doceira? Aborreceu-me de mim? Esqueceu-me? Afogou-se numa gota de orvalho? Um passo brutal esmagou-a inconsciente? Eu sentia infinitos receios. Esperei-a uma noite, muitas noites. Nada! Nunca mais voltou ... (RANGEL, 2000, p. 37-38).

Mas não é somente dr. Félix que visita os amigos do Córrego Fundo. Esses, também, pedem a autorização para adentrar à soleira de Félix, porém, diferentemente do juiz, que vai à fazenda do velho Próspero, na busca de aplacar o seu tédio e a sua solidão. No caso da família de Próspero, essa pede a permissão para entrar na morada de Félix, na busca de vingança pelo fato de ele ter pago por anos pela hospitalidade dessa humilde família:

Notei algo de estranho nos meus amigos. Raras frases proferiam, como se os ganhasse uma grande preocupação e, a miúdo, trocavam olhares de inteligência, que me intrigavam. [...] - Senhor doutor, nós temos contas velhas que ajustar. Faz alguns anos que o senhor nos dá o prazer de frequentar o nosso rancho. Lá o recebemos, não como hóspede e sim como filho. No entanto, o senhor – e aqui brandiu o indicador ameaçadoramente – de cada vez que nos visita deixa um pacotinho de pratas, como se lhe cobrássemos nosso feijão. Nunca nos recusamos a recebê-las, para pô-lo mais à vontade; secretamente, porém, conspiramos uma vingança, isto há meses, há anos, esperado que não a levasse a mal. [...] - O senhor é muito orgulhoso – e o dedo brandiu de novo – muito mesmo, por isso, como não queria o nosso feijão, também, orgulhoso de pobres! não queriam as suas pratas. Se tivéssemos recursos, nossa vingança

seria fazer-lhe um belo presente; não sendo isso possível, eu notando que seus dedos faltava alguma coisa, disse à prima: “Vamos juntando as pratas da *hospedagem* (senti nas faces o grifo das palavras) e lhas devolveremos sob a forma de um anel. Se não aceitar como devolução, receberá como brinde de amigos”. E aqui está, senhor doutor Félix, a vingança dos seus piraquaras ... (RANGEL, 2000, p. 103-104. Grifo do autor).

Diferentemente do perigo, a **hostilidade** é um fruto do ato hospitaleiro de autorização do estrangeiro na casa do eu, onde tanto o de casa, quanto o que entra, como afirma Grassi (2011), pode pôr em perigo a vida um do outro. Contudo, a vingança de Próspero e sua família não põe em perigo a vida de Félix e, sim, acaba por lhe conceder uma lição de moral, por esse não ter aceito a sua hospitalidade. Ao contrário, visualiza como uma forma da humilde família para obter um pouco mais de recursos para viver, por isso paga pela sua acolhida.

Outra residência visitada por dr. Félix é a fazenda Paineira, pertencente ao seu conhecido sô Quim Capitão, que lá morava com a sua numerosa prole e seus agregados. No entanto, o objetivo que levou o juiz a permitir autorização para adentrar essa propriedade foi a fome. Deu-se que, quando ele passou perto desta fazenda, o horário de almoço estava se aproximando e, como ele iria à cachoeira da região, não vislumbrou nenhum mal em solicitar a permissão para adentrar a soleira de sô Quim Capitão e pedir um prato de comida:

Às nove horas senti fome. Foi quando me avizinhava da fazenda da Paineira, de sô Quim Capitão. Conhecia vagamente o velho, que viva entrevado, com a ciática. “Bom ponto de almoço”, pensei. “E de almoço também, pois a cachoeira ainda dista uns três quartos.” Ao ranger a porteira do curral, saiu afobado da fazenda, ao meu encontro, um homem dum olho furado. [...] - Veio buscar fubá do Totó? – gritou-me ele, a plenos pulmões [...] – Não senhor; eu ... [...] – Não! Desejava apenas, se não incomodo, descansar um pouco e almoçar, sendo possível. [...] - Deserto que há de ser possível! (RANGEL, 2000, p. 89. Grifo do autor).

Ao transpor a porteira do curral dessa propriedade, dr. Félix é abordado por Sontonho do olho furado, que é ao leitor apresentado como um homem muito afoito e desejoso de que todas as pessoas que adentrem a propriedade de sô Quim Capitão levem um pouco de fubá. Ao transpor esse interlúdio, dr. Félix adentra a casa.

Depois que me identificou e reconheceu, pediu notícias do povo do Córrego Fundo e da cidade. [...] Arrancaram-me do seu quarto para o almoço. [...] - Fique aqui hoje! – disse ele. – Viroca, manda as meninas desarrear o animal (RANGEL, 2000, p. 90).

No entanto, o juiz acaba por se tornar um refém do ato hospitaleiro, pois a personagem Viroca não quer que ele deixe a sua morada, mas quer, sim, que permaneça por lá: “– Não tem nada que olhar para o cavalo – disse-me d. Viroca, que me observava-; papai já disse que hoje o senhor fica aqui. [...] - Impossível, minha senhora!” (RANGEL, 2000, p 91).

Em um primeiro momento, o hóspede sente-se um refém do ato acolhedor e começa a mencionar inúmeros motivos para não permanecer nessa casa, “Demonstrei-lhe por mil razões, (...) – era juiz e não estava de férias; segunda – viera em animal alheio, que devia restituir à tarde; terceira ... quarta ... milésima ...” (RANGEL, 2000, p. 92). Contudo, no final, dr. Félix acaba cedendo e permanecendo na Fazenda Paineira:

Ela calou-se, convencida, depois de opor-se muito, e mui amavelmente; eu, porém, cedera [...], pois estava inclinado a bater pouso naquela mansão que me quadrava tão bem; por isso, foi com espanto, que me ouviu pedir umas chinelas, quando esperava agradecimentos e despedidas. Ordenei às três mudas que me aprantassem um banho com salmoura, requisitei um terno de brim do Totoca e uma camisa sem goma de Sontinho [...] (RANGEL, 2000, p. 92).

Ao ceder o convite dos donos da residência, dr. Félix, acaba por se tornar o proprietário do lugar, ao enumerar as suas vontades, deixando os moradores sem graça. Conforme elucida Jacques Derrida (2004),

o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece *na* sua própria casa, ele a recebe *de* sua própria casa – que no fundo não lhe pertence (DERRIDA, 2004, p. 57-58, grifos do autor).

Ao tratarmos do conceito de **hospitalidade** como um ato universal de acolher o outro, vemos, precisamente em Minas Gerais, como discorre Eduardo Frieiro (1982), a imigração estrangeira, com exceção da portuguesa, só foi permitida a partir do século XIX:

[...] o governo português não permitia a entrada de estrangeiros, com o receio de que descobrissem e lhe arrebatassem as riquezas ocultas no interior do país. Foi assim até a chegada do Príncipe Regente, quando se consentiu na entrada de viajantes ingleses, filhos da nação aliada de Portugal. Logo depois se permitiria também, oficialmente, a entrada de viajantes e cientistas de outras nacionalidades. A grande província das minas de ouro e diamantes era a que mais atraía a todos (FRIEIRO, 1982, p. 65).

Um dos primeiros viajantes que tiveram a permissão de adentrar o território das Gerais, no decorrer do século XIX, foi Rocha Pombo:

À mesa ordinariamente só se assenta o dono da casa, e quando muito os filhos já casados, e alguns hóspedes de consideração. Mesmo nos dias de festa, tomam os homens assento a um dos lados da mesa, e as mulheres ao outro, todos em bancos. [...] O mais que gentil podia fazer o dono da casa a um comensal de distinção era cortar a carne e oferecer-lhe assim ... mesmo porque na mesa não havia mais de uma faca [...]. O mesmo que comia a sua farinha com as próprias mãos, chegando um hóspede ilustre, fazia descer das prateleiras as porcelanas, os cristais e as pratarias (FRIEIRO, 1982, p. 66).

Nesse fragmento do ensaio **Feijão, angu e couve** (1982), Eduardo Frieiro traz o relato de Rocha Pombo sobre o comportamento, à mesa, do povo brasileiro, denominado de **comensalidade** e que é um dos elos da **hospitalidade**, a de receber o comensal na mesa hospitaleira. O viajante declara, em sua narrativa, para sabermos a importância que o dono da casa dava aos seus convivas.

Seguindo nessa vertente, um outro estrangeiro autorizado a penetrar no território mineiro foi o inglês John Mawe, que, em 1809, teve concedida, pelo Príncipe Regente D. João, a autorização para Mawe adentrar no sertão brasileiro.

Em Borda do Campo, povoado de umas vinte casas, foi agasalhado Mawe na melhor delas, pertencente a uma família de posses e boa educação. O chefe da casa, Capitão Rodrigo de Lima, apresentou-o à mulher e às filhas, primeira prova de polidez desse gênero que recebia em sua viagem. Porque até ali as senhoras que por acaso percebia nas casas em que entrava ocultavam-se a sua chegada e durante o tempo em que nelas permanecesse. Era evidente que a presença de algum estrangeiro as alarmava e tornava esquivas. [...] As senhoras, ao serem apresentadas, estavam elegantemente vestidas com tecidos de fabricação inglesa e traziam ao pescoço colares de ouro (FRIEIRO, 1982, p. 74).

John Mawe relata como foi recebido pelo Capitão Rodrigo de Lima em sua morada. Lima, diferentemente dos outros moradores das Gerais, deixou o hóspede ter acesso às mulheres de sua família, ato este que demonstra confiança do Chefe da família para com quem ultrapassa a sua residência, no caso do sexo masculino, excetuando-se um parente próximo ou o padre confessor (FRIEIRO, 1982). Já o francês Saint-Hilaire declara, “[...] nas habitações que o acolhiam fazia sempre as refeições sem pôr os olhos na dona da casa. Outras senhoras ou moças, se havia, nunca se mostravam” (FRIEIRO, 1982, p.79).

Por sua vez, o viajante Gardner, afirmou que, ao adentrar em uma morada, só vislumbrou a dona da casa, pois essa já se encontrava em uma idade avançada, que permitiria tal ato.

Alguns anos depois, outro viajante, Gardner, relatou ter sido recebido numa fazenda, onde vira a senhora da casa, que só o privilégio da idade permitia que se mostrasse, mas as filhas se escondem, como também ela o teria feito na mocidade (FREIRE, 1982, p. 79).

Havia, então, o costume de se esconderem as mulheres no interior de sua casa, quando um hóspede do sexo masculino encontrava-se presente dentro dela. E é perceptível em **Vida ociosa** no que tange à visita de dr. Félix à Fazenda Paineira, quando este, somente teve contato com Viroca e suas cunhadas, por elas serem mais velhas e por serem mulheres casadas. Já com relação às três bobas, irmãs de Viroca, dr. Félix vislumbra, no momento em que adentra à casa de sô Quim Capitão ou, quando o almoço é servido, e no momento que ele deixa essa morada.

4.2 OS CAMINHOS DO HÓSPEDE PARA FORA DA CASA

Na leitura de **Vida ociosa**, percebem-se inúmeros elementos dos conceitos de **hospitalidade** e **comensalidade**, presentes nessa obra literária. A partir da autorização que os personagens do romance concedem ao dr. Félix, de ultrapassar as soleiras de suas moradas. Isso porque, como já apresentado anteriormente, a **hospitalidade** é um gesto de autorização, quando o hospedeiro permite que o hóspede adentre sua casa (GRASSI, 2011 a).

Ela, por sua vez, implica, obrigatoriamente, na penetração de um espaço e na implantação do ritual de acolhida, do outro, em um ambiente que não lhe pertence (GRASSI, 2011a). Como elucida essa mesma autora, a “hospitalidade é um gesto de compensação, de igualização, ritual de admissão” (GRASSI, 2011a, p. 49).

Ewerton Rubens Coelho Costa (2015), em seu artigo **Comensalidade**: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia, indica que a hospitalidade pode ser dividida em três momentos cruciais: “o dar, o receber e o retribuir” (COSTA, 2015).

- a) **O receber** nada mais é do que o gesto de autorização, pelo qual o hospedeiro acolheu o hóspede em sua soleira; esse gesto, pode ser simplesmente o abrir de uma porta, um abraço acolhedor, ou um **Seja bem-vindo**, muito dito em estabelecimentos comerciais, tais como: hotéis, pousadas ou restaurantes;
- b) **O dar**, pode ser associado à acolhida calorosa, ao oferecimento de um copo com água ou café, ou até mesmo a uma refeição partilhada em torno de uma mesa;
- c) **O retribuir** ocorre quando uma pessoa visita o seu amigo, familiar, ou conhecido, que outrora o visitou.

O ato hospitaleiro, contudo, é ambíguo, pois ele pode representar um perigo a todos os envolvidos nesse gesto, podendo arriscar a vida de todas as pessoas envolvidas nesse vínculo social (GRASSI, 2011b), ou até mesmo fazendo com que o hóspede ou hospedeiro torne-se refém da **hospitalidade**

O exemplo do hóspede como refém e, posteriormente, como algoz da hospitalidade, é relatado no romance **Vida ociosa**, quando dr. Félix, em um primeiro momento, é impedido de sair da casa da Fazenda Paineira pelos hospedeiros. O hóspede acaba por se conformar com essa situação em que se encontra e passa a ditar as regras de convivência dentro da residência que o acolheu, tornando-se, assim, o dono da morada. Isso acabou por inverter os papéis entre o hóspede e os hospedeiros, tal como discorre Ewerton Rubens Coelho Costa (2015), em **Comensalidade**: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia:

Entende-se, portanto, a hospitalidade como um ritual básico do vínculo humano, que ocorre num determinado espaço com a interação de dois atores: num primeiro momento um ator vira anfitrião para receber o hóspede, e num momento seguinte, ocorre uma inversão de papéis. É como se existisse leis não escritas para regulamentar este ritual de sociabilização, e que a violação dessas leis coloca o ator da violação como hostil, sem hospitalidade (COSTA, 2015, p. 57).

A função primordial do **rito da hospitalidade** é a de acolher o outro no espaço do eu, a partir de regras de uma boa convivência. Ela é, portanto, “um dom do espaço, espaço a ser lido, habitado, atravessado ou contemplado” (COSTA, 2015, p. 57).

Cabe acrescentar a existência de dois tipos de hospitalidade, como discorrem Lorena Luize Silva Dias e Maria Aparecida Teixeira Lamounier (2018), em seu artigo **A arte da culinária hospitaleira: a relação da comida com a receptividade mineira**, que são a **hospitalidade doméstica** relacionada ao ambiente privado do lar, onde o anfitrião autoriza a entrada do seu hóspede em sua morada, entretendo-o e alimentando-o, sem exigir nada em troca por isso e fazendo com que “o “visitante sinta como se estivesse na sua própria casa” (DIAS; LAMONIER, 2018, p. 5).

Há, também, a **hospitalidade comercial** que ocorre, especialmente, em pousadas e hotéis, e encontra-se “centralizada na atividade turística tendo como base a troca monetária” (DIAS; LAMONIER, 2018, p. 5).

Um exemplo de hospitalidade comercial em **Vida ociosa** ocorre, quando sr. Garcia hospeda-se no Grande Hotel, cujo proprietário é o sr. Almeida. Nesse estabelecimento comercial, o hóspede recebe toda a atenção de que precisa e até mesmo o que não solicitou. E, ao ir embora, o sr. Garcia, deixa uma quantia para pagar por sua estada.

De acordo com Marie-Claire Grassi (2011 a), a **hospitalidade** e a **comensalidade** encontram-se interligadas pois, “Sem a partilha da refeição não há admissão do estrangeiro. A refeição é rito de integração, e ser excluído da mesa é, em muitos aspectos, ser excluído de uma sociedade” (GRASSI, 2011a, p. 50).

Um dos principais elos da hospitalidade em todas as culturas e o compartilhamento da refeição entre um grupo de indivíduos com laços de afetividade entre si. Como discorre Jean Jacques Boutaud (2011), em

Compartilhar a mesa, “comer junto assume, então, um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação de uma necessidade alimentar” (BOUTAUD, 2011, p. 1213). A partilha de um banquete acaba por criar lembranças dentro de uma comunidade e, até mesmo, apaziguar conflitos ou criar laços de amizade (BOUTAUD, 2011).

Romilda de Souza Lima, José Ambrósio Ferreira Neto e Rita de Cássia Pereira Faria (2015), no artigo denominado **Alimentação, comida e cultura: o exercício da comensalidade**, discorrem sobre a ideia de que os alimentos encontram-se interligados “à memória, família, identidade e a religião [...] comer é mais do que apenas um ato de sobrevivência, é também um comportamento simbólico e cultural” (LIMA; NETO; FARIA, 2015, p. 509).

Os conceitos estudados no decorrer dessa dissertação, acabam por ultrapassar as linhas de uma obra ficcional tal como **Vida ociosa** porque se encontram enraizados nas culturas de várias sociedades, como a mineira, presente no ensaio de Eduardo Frieiro (1982), **Feijão, angu e couve**, mediante as transcrições dos relatos de viajantes estrangeiros, que viajaram pelo território mineiro e brasileiro, durante o século XIX.

Percebe-se, também, que tanto o **gesto de autorização** de ultrapassar a soleira de uma morada acolhedora, quanto a quanto o **ato de receber** o outro em uma mesa para o compartilhamento de uma refeição não são elementos exclusivos do povo brasileiro, mas, sim, um elo universal, ou melhor uma dádiva divina, que se encontra presente em toda a sociedade humana, desde o momento em que o ser humano organizou-se em comunidades e passou, assim, a viver e se alimentar em grupos, como discorre Costa (2015):

A comensalidade está presente na história desde mais de 300 mil anos, quando o *homo sapiens sapiens* dá início a partilha de alimentos e faz surgir a primeira grande revolução social da humanidade, a revolução alimentar, advinda com a descoberta do fogo. Foi justamente o fogo que proporcionou o homem a transformação dos alimentos da sua condição biológica para a social (COSTA, 2015, p. 62).

Contudo, os dois elementos de integração social, citados anteriormente, também, são encontrados nos anos de 2020 e 2021, do século XXI, no tempo em que o ser humano teve que olhar mais para dentro de si e das relações de sociabilidade que o envolvem no meio em que vive.

Face a todo o exposto, percebe-se que, tanto a **hospitalidade**, quanto a **comensalidade**, encontram-se enraizadas na sociedade humana, desde a pré-história, até os dias atuais e elas acabaram por se alterar, conforme a própria evolução da sociedade, ao longo dos séculos.

Ao encerrar uma análise, que, de forma alguma, pretendeu-se exaustiva, tem-se a consciência de que a vida dos personagens de Rangel reflete a vida humana em todos os tempos e lugares. De modo muito especial, nos tempos hodiernos e, sobretudo, diante das tantas limitações que foram impostas, em razão da pandemia. Cumpre, porém, notar que o caminho do hóspede para fora do sertão é um caminho no mundo. Um caminho marcado, sempre, pelo desejo de acolhida. Um desejo, também, de se buscar o rosto do outro que está em um país distante, em um estado distante ou mesmo do outro lado da rua. São tempos de mudança.

Assim, essa mudança que está sendo vivida introduz um estranhamento: o rosto do outro implica em acolhida e não em indiferença. A inversão acontece ao acolher, isto é, o *de casa* se torna um **de fora**, enquanto o que chega se converte em hospedeiro. O paradoxo que se instaura coloca aquele que chega como o que interpela o que já está. O que hospeda deve se reconfigurar, frente ao rosto do que chega e reorientar a sua ética. O outro deixa de ser aquele que é recebido em (uma) casa e passa a ser aquele que recebe o que está em (sua) casa.

É por isso que a noção de morada como referencial do sujeito vem à tona, quando se analisa essa obra e os tempos atuais. Nota-se que a casa transcende a categoria de edifício, passando a significar algo mais, a estar em relação com o sujeito (humano), conferindo-lhe uma possibilidade de se pensar, de se reconhecer em casa ou fora dela. Esse processo, ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, permite a noção daquilo que podemos chamar de morada.

Desse modo, os conceitos casa-morada-habitação, constituem uma tríade que está intimamente ligada ao sujeito, conferindo-lhe identidade. Mas isso não significa uma casa-morada-habitação aqui e acolá, como se uma demarcação geográfica pudesse encerrar o sentido que emana dessa tríade. Significa, sim, que o ser humano, onde quer que esteja, carrega a consciência

dessa tríade. E isso ficou ainda mais evidenciado nesses tempos fatídicos, em que a casa passou a ser local de trabalho, de lazer e de habitação. Tornou-se escola, escritório e parque. Os desafios trazidos pela pandemia são evidentes e suas marcas permanecerão por muito tempo, levando todos a uma reconfiguração da própria vida.

O cruzar de fronteiras ou de ombreiras de portas, marcos de tendas e de casas, ou mesmo até mesmo o deslocar-se das atividades cotidianas são algumas das marcas que ficarão impressas na subjetividade humana a partir desses tempos em que se vive. Se isso já era algo presente em tempos normais, potencializou-se nesses dias em que tudo mudou de modo tão radical. São as portas abertas para receber e para mudar, e, ainda, é uma verdadeira profusão de significados que, vistos de modo conjunto, conferem nova percepção da realidade a/em diversas circunstâncias. Por isso, a análise proposta aqui ultrapassa a narrativa de um romance, e insere-se no interior do humano, buscando entender suas vicissitudes, seus anseios e seus limites.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto até aqui, cumpre salientar que as argumentações apresentadas nessa dissertação foram orientadas pela hipótese de que é possível identificar, no romance **Vida ociosa** de Godofredo Rangel, elementos de **Hospitalidade** e **Comensalidade**, presentes nos costumes do homem mineiro do início do século XX, sem, todavia, vincular o romance às missivas escritas por Monteiro Lobato e enviadas a Rangel.

A desvinculação proposta, isto é, do romance **Vida ociosa** das correspondências presentes em **A barca de Gleyre**, só foi possível, a partir de uma extensa pesquisa sobre a fortuna crítica da obra de Godofredo Rangel, que se baseou na leitura de dissertações do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, de artigos que têm como base o estudo deste escritor e, também, dos ensaios publicados no caderno literário do **Jornal Minas Gerais**, denominado **Suplemento Literário**. Mediante a análise dessa documentação e dos conceitos de Hospitalidade e Comensalidade, conseguimos produzir um trabalho acadêmico que possuiu como sua fonte primária o livro já citado.

Apesar de **Vida ociosa** ter sido uma obra escrita no início do século XX, ele é muito relevante para compreendermos melhor o mineiro em sua essência.

Os conceitos que nortearam essa pesquisa trilharam os caminhos 1) da **hospitalidade**, que, como alude Jacques Derrida (2003), é o gesto de autorização, pelo qual o hospedeiro permite que o seu hóspede ultrapasse a soleira de sua porta, adentrando, assim, em sua morada acolhedora. No entanto, como afirma Marie-Claire Grassi (2011), a hospitalidade é ambígua, pois pode colocar em perigo todas as pessoas envolvidas neste ato. Nessa vertente de pensamento, encontra-se Altamir Celio de Andrade (2012), que discorreu sobre o perigo da hostilidade que acaba por recair na hostilidade do ato hospitaleiro.

Um bom exemplo desse conceito, na atual conjuntura social em que estamos, ocorreu no ano de 2019, em que o mundo foi abalado por um inimigo comum; inimigo este que acabou com milhares de vidas e foi denominado Covid-19.

Em tempos de Covid, as relações humanas alteraram-se e para sobreviver, o ser humano teve que passar a usar máscaras, lavar as mãos,

com frequência e de maneira correta, e a utilizar álcool em gel para matar o vírus.

No entanto, não foram somente os hábitos de higiene que se modificaram nessa pandemia, mas, sim, os hábitos sociais, pois, antes dela, quando nós nos encontrarmos com os amigos, todos se abraçavam e apertam as mãos, e podia-se até ir a suas casas, sem ter o medo de contaminação. Porém, com a pandemia e o medo constante de grande parcela da sociedade as relações de **hospitalidade** e **comensalidade** acabaram por serem transformadas.

Antes, o hospedeiro autorizava o seu hóspede a penetrar a soleira de sua casa, sem refletir muito sobre as consequências desse ato caloroso. Com a Covid-19, as pessoas passaram a pensar inúmeras vezes, antes de visitar umas às outras, e até mesmo antes de aceitar que o outro adentre a sua residência.

E como passaram a suceder as relações sociais em torno da **casa** e da **mesa**, a partir da pandemia da Covid-19? Uma maneira encontrada pelas pessoas para manterem a interação social foi o ambiente virtual, de modo que uma pessoa, no conforto de sua casa, convida um amigo ou conhecido para adentrar em uma sala virtual, por ele criada.

Nesse ambiente, as pessoas encontram-se, relacionam-se, participam de aulas, apresentam trabalhos acadêmicos e de eventos, tais como *lives* de artistas famosos. Contudo, falta o contato afetivo de um corpo com o outro, o que, outrora, permeava o convívio humano.

Por sua vez, 2) a **comensalidade** encontra-se associada ao conceito de **hospitalidade**, como elucidou Jacques Boutaud (2011). Configura-se no ato de receber o outro em sua mesa, para a partilha de uma refeição, pois ela é muito mais que o ato de se consumir um alimento em si, mas, sim, com quem se come, onde se come e quando se come (BOUTAUD, 2011). Através das relações sociais em torno de uma mesa, uma guerra pode ser declarada ou a paz pode ser selada (BOUTAUD, 2011).

O **ato de receber o comensal a mesa**, inicialmente, é muito mais que o alimento partilhado em uma refeição, mas, para além disso, o quando se come e o com quem se come. Por isso, consegue-se comemorar um aniversário em uma sala de bate-papo virtual, quando, por exemplo, realiza-se um brinde com

quem está do outro lado da tela. No entanto, trata-se de medida paliativa que não dá conta de recuperar a força do contato das pessoas, de estarem juntas e se abraçarem.

Com o advento das vacinas contra a covid-19, criadas por inúmeros grupos de cientistas, a pandemia está, aos poucos, diminuindo a sua intensidade, e as pessoas estão começando a voltar ao chamado novo normal.

Esse trabalho acadêmico buscou examinar, de modo satisfatório e sem a pretensão de ser exaustivo, o romance **Vida ociosa**, a partir desses dois conceitos, desvinculando-o, assim, do estudo da Crítica Genética. A escrita dessa dissertação leva a perceber várias lacunas acadêmicas, no que diz respeito à análise de toda a obra rangelina, pois ela ainda se encontra esquecida pela Academia.

Um bom exemplo desse esquecimento, são os inúmeros contos de Rangel, que foram publicados em dois exemplares de livros pelo próprio escritor. Godofredo Rangel publicou, ainda, inúmeros outros contos em revistas e periódicos da época, e que até os dias atuais ainda não foram estudados. Sua novela **A filha**, encontra-se no rol de seus trabalhos não estudados. Tanto essa novela, quanto alguns exemplares de contos inéditos do autor, encontram-se alocados na **Casa de Cultura Godofredo Rangel**, na cidade mineira de Três Corações.

Também foi perceptível uma grande lacuna de trabalhos que analisam a fortuna crítica de Rangel, principalmente no que concerne ao caderno literário do **Jornal Minas Gerais**, intitulado **Suplemento Literário**. Ao ler esse suplemento, descobrem-se que as respostas das missivas escritas por Godofredo Rangel e destinadas a Monteiro Lobato permanecem sem análise de pesquisa acadêmica. Tal fato configura-se um grande prejuízo para a literatura e, principalmente, para os estudiosos da Crítica Genética, que poderiam aprofundar suas pesquisas, voltando o olhar para os diálogos entre essas missivas e as que se encontram presentes em **A barca de Gleyre**. No que tange às cartas escritas por Rangel, a grande maioria encontra-se em posse da família do escritor e as outras na Casa de Cultura Godofredo Rangel.

Com base no que foi trazido, acredita-se na relevância dessa pesquisa, tanto para um Programa de Mestrado em Letras, quanto para a crítica literária, pois esse trabalho buscou a exegese de uma obra literária, a partir do

aprofundamento teórico de conceitos como o de **hospitalidade** e a **comensalidade**, tal como foi realizado com a análise de **Vida ociosa**.

Esta dissertação, apresentada ao Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia, enumerou diversos costumes do homem do sertão mineiro, presentes na obra estudada. Um exemplo desses costumes apresenta-se na forma de o mineiro receber o hóspede que adentra a sua morada, oferecendo seu bule com um fumegante café, uma vez que, para um bom mineiro, a recusa do alimento ou da bebida oferecida por ele é vista não apenas como má educação e, sim, como se essa pessoa estivesse menosprezando sua hospitalidade.

Tal costume acaba por recair nos dois conceitos que estruturam essa pesquisa. Contudo, essa leitura só foi possível de ser realizada, a partir da análise bibliográfica que fundamentou este trabalho. Um dos principais intelectuais utilizados para se chegar a essa conclusão foi o livro de Eduardo Freire (1982), intitulado **Feijão, angu e couve**, no qual o escritor discorreu sobre a hospitalidade do mineiro e as relações sociais em torno da mesa mineira, o que acaba por recair no conceito da comensalidade.

Outro costume presente em **Vida ociosa** e que alude ao conceito de **hospitalidade** mineira só foi possível de ser compreendido, a partir do diálogo do livro de Eduardo Freire (1982) com a obra analisada, ou seja, o do homem que habita o interior do Brasil, principalmente o território das Gerais, de esconder as moças casadouras, ou as mulheres mais jovens, de olhares cobiçosos. Isso é fundamentado pelo medo do adultério que permeia o sertão brasileiro, desde o século XIX e encontra-se inserido no costume do povo mineiro do início do século XX, sendo brilhantemente vertido por Rangel em seu livro.

A partir do romance em análise, percebem-se elementos da mineiridade presentes na obra estudada, como é o caso da desconfiança deste povo, observada no diálogo entre os personagens Lorenzo e Frederica. Outro elemento de mineiridade presente em **Vida Ociosa** é a figura do mineiro contador de casos, que foi narrado por Rangel, a partir da figura do velho Próspero, um senhor idoso que adorava contar histórias do seu tempo de mocidade.

Ao debruçar sobre a leitura do **Suplemento Literário** e da obra **Vida ociosa**, percebe-se que esse livro rangelino possui elementos de um romance ligado ao Movimento Regionalista. Na tentativa de demonstrar isso, fez-se necessário realizar uma pesquisa bibliográfica, no que tange a esse movimento literário, para, assim, fundamentar o estudo que afirma haver elementos do regionalismo, do início do século XX, presentes em **Vida ociosa**.

No decorrer da primeira seção, foi trazido a lume um pequeno estudo bibliográfico sobre Godofredo Rangel, a partir da leitura de Enéas Athanázio (1977), maior estudioso da vida e da obra rangelina. Na mesma seção, discorreu-se, também, sobre o Movimento Regionalista brasileiro e a fortuna crítica de Rangel, além de se analisar o caderno literário do **Jornal Minas Gerais**.

Na terceira seção, foram continuados os estudos sobre o Regionalismo, vinculando-o, desta vez, aos elementos deste movimento literário, presentes em trechos da obra estudada. Também foram analisados os elementos de mineiridade, presentes no romance e os conceitos de hospitalidade e comensalidade, em atuação, no enredo de **Vida ociosa**.

Por fim, a quarta seção dessa dissertação refletiu mais sobre o conceito de hospitalidade, além de mostrar a universalidade deste e do conceito de comensalidade, encontrados em uma obra literária, como é o caso de **Vida ociosa**.

Face a todo o exposto, verifica-se que o exame proposto por essa dissertação contribuiu para mostrar a riqueza de aspectos que é possível revitalizar e realizar, a partir de uma pesquisa acadêmica, neste caso, para além do que já vinha sendo tratado como se viu. Assim, houve desvinculação da obra rangelina das missivas escritas por Monteiro Lobato e enviadas para Rangel, presentes em **A barca de Gleyre**, e isso se deu com sustentação suficiente, neste trabalho, diante do objetivo proposto para a pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Altamir Celio de. As mulheres de Godofredo Rangel. **RECORTE – revista eletrônica**. n.1, v. 14. Três Corações, jan-jun 2017. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/3955/pdf_107. Acesso em: 16 mai. 2020.

_____. Narrativas sobre a hospitalidade: algumas cenas N'O Hobbit e na Bíblia. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/verboDeMinas/article/view/413/581>. Acesso em: 13 mai. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Godofredo Rangel. *In: Suplemento Literário*. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 948, p. 2, 1º dez 1984. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094812198402>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ANDRADE, Rodrigo M. F. de. Godofredo Rangel: a opinião dos “novos”. *In: Suplemento Literário*. n. 947, p. 8, 1984. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198408>. Acesso em: 12 mar. 2020.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Periódicos da UNB**, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es>. Acesso em: 13 mai. 2021.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização Inventada. **Revista Letras**, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan/abr, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/10955>. Acesso em: 15 mai. 2020.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. António de Castro Caeiro. São Paulo: Atlas, 2009.

ATHANÁZIO, Enéas. **Godofredo Rangel**. Curitiba: Gráfica Editora 73, 1977.

_____. Falange Gloriosa. *In: Suplemento Literário*. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 947, p.11, 24 nov 1984. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198411>. Acesso em: 13 mar. 2020.

_____. Godofredo Rangel. *In: Suplemento Literário*. Minas Gerais, Belo Horizonte. n. 947, p. 2-4, 1984. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198402-19094711198403-19094711198404>. Acesso em: 12 mar. 2020.

_____. Godofredo Rangel: o papel do escritor. *In: Suplemento Literário*. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 1.132, p. 10-11, 21 out 1989. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1989&c=23113210198910-23113210198911>. Acesso em: 13 mar. 2020.

_____. Godofredo Rangel, missivista: durante 40 anos, o escritor mineiro trocou cartas com Monteiro Lobato. In: **Suplemento literário**. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 1.103, p. 4, 06 ago. 1988.

_____. O amigo epistolar. In: **Suplemento Literário**, Minas Gerais, Belo Horizonte. n. 849, a. XV, pag. 6, 8 jan. 1983. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1983&c=15084901198306>. Acesso em: 12 mar. 2020.

BASTOS, Sônia Regina; RAMEN, Ladjane Milfont; BITELLI, Fábio Molinari. Os conceitos de hospitalidade de Jaques Derrida nos artigos científicos do portal de Periódicos da Capes. **ANPTUR**, 2016. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/13/612.pdf>. Acesso em 13 mai. 2021.

BERGAMO, Edvaldo A.; SANTOS, Leila Borges Dias; SILVA, Leticia Braz da. A cidade duvidará do caso” literatura, regionalismo e patriarcalismo no conto “a vingança da peroba”, de Monteiro Lobato. **Revista Cerrados**, Brasília, nº 45, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/23458>. Acesso em: 13 mai. 2020.

BERNARD-GRIFFITHS, Simone. Rusticidade e felicidade. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Tradução Marco Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 453 – 470.

BILHARINHO, Guido. “Vida Ociosa”, romance do cotidiano. In: **Suplemento Literário**. Minas Gerais, Belo Horizonte, p. 9 – 10, 05 dez. 1976. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1976&c=11053212197610>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BIRLLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. **A fisiologia do gosto**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

BOUTAUD, Jean Jacques. Compartilhar a mesa. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas**. Tradução Marco Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 1213-1230.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo, FTD, 1996.

CULTURAL, Enciclopédia Itaú. **Ricardo Gonçalves**. Enciclopédia Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22203/ricardo-goncalves>. Acesso em: 07 mai. 2020.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2019.

_____. Godofredo Rangel e Aufran Dourado: o artista e o aprendiz. **Línguas & Letras**. n. 24, v. 12, [s/d], 2º sem, 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6979>. Acesso em: 4 mar. 2020.

COSTA, Ewerton Rubens Coelho. Comensalidade: a dádiva da hospitalidade através da gastronomia. **Cultur – Revista de Cultura e Turismo**, jun, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/565>. Acesso em: 13 mai. 2021.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Trad. Antonio Romane. São Paulo, Escuta, 2003a.

_____. Políticas da amizade. Trad. Fernanda Bernardo, Porto: Campo das Letras, 2003b.

DESSIMONI, Darcy Piva. **No balanço da Barca de Gleyre**, vida e obra de José Godofredo de Moura Rangel. Dissertação (Mestrado), Três Corações, 2005.

Disponível em:

https://unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/darcy_piva_dessimoni.pdf. Acesso em: 07 mar. 2020.

DIAS, Lorena Luize Silva; LAMOUNIER, Maria Aparecida Teixeira. A arte da culinária hospitaleira: a relação da comida com a receptividade mineira. **Revista Pensar Gastronomia**, v. 4, n. 2, jul. 2018.

Disponível em:

http://revistapensar.com.br/gastronomia/pasta_upload/artigos/a84.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

DUARTE, Constância Lima (Org.). **Dicionário bibliográfico de escritores mineiros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRAZÃO, Dilva. Guilherme de Almeida: poeta brasileiro. **E Biografia**. 2020.

Disponível em: https://www.ebiografia.com/guilherme_de_almeida/. Acesso em: 24 fev. 2021.

FILHO, Alphonsus de Guimarães. Godofredo Rangel: a opinião dos “novos”.

In.: **Suplemento Literário**. n. 947, p. 8, 1984. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198408>. Acesso em: 12 mar. 2020.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; VIEIRA, Karine Moura. Crítica Genética, um método para o estudo da produção do acontecimento jornalístico.

Revista FAMECOS, n.3, v.17, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/8190>. Acesso em: 22 set. 2021.

FREITAS, Luís Paulo. Um grande romancista. In: **Suplemento Literário**. Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 692, p. 11, 05 jan 1980. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1980&c=14069201198011>. Acesso em: 13 mar. 2020.

FRIEIRO, Eduardo. **Feijão, angu e couve**: ensaio sobre a comida dos mineiros. Itatiaia: São Paulo, 1892.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Introdução. In: ARINOS, Afonso. **Contos**: pelo sertão; histórias e paisagens; a rola encantada. Edição preparada por Walnice Nogueira Galvão. Martins Fontes, 2006. p. IX – XXXVIII.

GINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista Hospitalidade**, São Pulo, 2006. Disponível em: <https://www.rev Hosp.org/hospitalidade/article/view/191/206>. Acesso em: 13 mai. 2021.

GLOBO.COM. **Educação. Literatura (Monteiro Lobato)**. Globo Educação. Disponível em: <http://educacao.globo.com/literatura/assunto/autores/monteiro-lobato.html>. Acesso em: 07 mai. 2020.

GRASSI, Marie-Claire. Transpor a Soleira. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução Marco Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 45 -53.

_____. Uma figura da ambiguidade e do estranho. In: MONTANDON, Alain. **O livro da hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução Marco Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 55 - 62.

GOUVÊA, Alana Adães de. **A casa mineira como um canto do mundo**: da Inocência de Taunay à universalidade do espaço. Programa de Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia. Centro Universitário Academia. Juiz de Fora, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5076712. Acesso em: 30 nov. 2020.

IBICT, Canal Ciência. **Newton Freire-Maia**. IBICT. Disponível em: <http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/272-newton-freire-maia>. Acesso em: 30 nov. 2020.

KRAUSS, Liliane. **A barca de Gleyre**: estilo e criação literária nas cartas de Lobato a Rangel. Dissertação (Mestrado). São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/14827/1/Liliane%20Krauss.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspecto nutricionais e receitas ilustradas. Instituto Plantarum de Estudos da Flora, São Paulo, 2014.

LETRAS, Academia Mineira de. **A História**. Belo Horizonte, [s/d]. Disponível em: <https://academiamineiradeletras.org.br/a-academia/a-historia/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. Introdução. *In*: _____. **O conto regionalista**: do romantismo ao pré-modernismo. WMF Martins fontes 2009. p. IX – XLIII.

MENEGALE, José Guimarães. Um romancista mineiro. *In*: **Suplemento Literário**. n. 947, p. 8, 1984. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198408>. Acesso em: 12 mar. 2020.

MURARI, Luciana. As artes da ficção: Oliveira Vianna e a imaginação literária regionalista de Godofredo Rangel e Afonso Arinos. **Varia História**. n. 45, v. 27, Belo Horizonte. Jan/jun, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v27n45/v27n45a13.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2020.

NEVES, Orlando. **Dicionário de nomes próprios**: mais de 3000 nomes próprios masculinos e femininos. Portugal: Oficina do Livro – Sociedade Editorial, 2002

NOGUEIRA, Eloisa Alves. **O eu e o outro**: o legado de dois pais contado por Machado de Assis e Godofredo Rangel. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/6564/1/eloisaalvesnogueira.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2020.

PENA, Fernando. Desembargado José Antonio Nogueira. **Folha nova**, Carmo de Minas, 1947. Disponível em: <http://folhanova.com.br/desembargador-jose-antonio-nogueira/>. Acesso em: 07 mai. 2020.

PRÓPRIOS. Dicionário de Nomes. **Dicionário de nomes próprios**: significado de nomes. 2008 – 2021. Disponível em: <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/>. Acesso em: 24 fev. 2021.

RANGEL, Godofredo. **Vida ociosa**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

REIS, Liana Maria. Mineiridade identidade regional e ideologia. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, n 11, p. 89-97, 2007. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/2886>. Acesso em: 14 mai. 2020.

ROSA, João Guimarães. Aí está Minas: a mineiridade. **Suplemento Literário de Minas Gerais**, Belo Horizonte, Imprensa Oficial, v. 2, n. 65, nov. 1967, p. 3.

Disponível em:

http://circuitoguimaraesrosa.com.br/Guimaraes_Rosa/Ai_esta_Minas.pdf.

Acesso em: 13 fev. 2021.

SAMPAIO, Márcio. Godofredo Rangel centenário. *In.*: **Suplemento Literário**. Minas Gerais, Belo Horizonte. n. 947, a. XIX, p. 12, 24 nov. 1984. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/websuplit/arquivos.php?a=1984&c=19094711198401>.

Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTINI, Juliana. A formação da literatura brasileira e o regionalismo. *In.*: **O eixo a roda**. v. 20, n.1, Belo Horizonte, 2011. Disponível em:

http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3364.

Acesso em: 13 mai. 2021.

SILVA, Danyelle Marques Freire da. **A construção do espaço em vida ociosa, de Godofredo Rangel**. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações, 2013.

SILVA, Ana Cláudia da. A caligrafia do ano: fortuna crítica de Godofredo Rangel. **Revista Memento**. n.2, v.5. Três Corações. Jul-dez, 2014. Disponível em:

https://www.unincor.br/images/arquivos_mestrado/dissertacoes/danyelle_marques_freire_da_silva.pdf. Acesso em: 04 mar. 2020.

SPAGNOLI, Camila Russo de Almeida. **Monteiro Lobato, o leitor**. Dissertação (Mestrado). Universidade São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/periódicos/31/31131/tde-03062014-153059/publico/CamilaSpagnoli.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2020.

TAVARES, Adriano Pereira. **Comida afetiva: uma expressão de gosto, hospitalidade e memória**. Dissertação de Mestrado. Mestrado Profissional em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/32829>. Acesso em: 08 out. 2020.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Editora Três, 1981.

UFMG, Reminiscência da Escola de Veterinária da UFMG. **Nello de Moura Rangel**. Belo Horizonte, UFMG, 1967. Disponível em:

<http://www.personagens.ufv.br/?area=nelloMoura>. Acesso em: 24 fev. 2021.

VALLERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. **Antares: letras e humanidades**, Caxias do Sul, n. 3, p. 63 – 80. jan/jun. 2010. Disponível em:

<http://ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/viewFile/419/366>. Acesso em: 16 set. 2020.

VIOTTI, Fernando Baião. Um romance na encruzilhada: a Vida Ociosa, de Godofredo Rangel. **RECORTE – revista eletrônica**. n. 1, v. 14. Três Corações, jul-dez. 2017. Disponível em:

<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4195>. Acesso em: 03 mar. 2020.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** – a perspectivas dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2008.